



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. ESTADUAL RENÊ BARBOUR – BARRA DO BUGRES
MESTRADO EM ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH



XARIO'I CARLOS TAPIRAPÉ
(KAMAJRAO APYÃWA)

AUTOETNOGRAFIA E ANCESTRALIDADE:
A História do Povo Apyãwa contada a partir dos antepassados que já viveram meus
nomes sociais

Barra do Bugres - MT
2025

XARIO'I CARLOS TAPIRAPÉ
(KAMAJRAO APYÃWA)

AUTOETNOGRAFIA E ANCESTRALIDADE:
A História do Povo Apyãwa contada a partir dos antepassados que já viveram meus
nomes sociais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII), Nível Mestrado Profissional, da Universidade do Estado de Mato Grosso “Carlos Alberto Reyes Maldonado” (UNEMAT) Campus Universitário “Dep. Est. Renê Barbour”, de Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Linha de Pesquisa: Ensino, Docência e Interculturalidade

Orientador: Prof. Dr. João Severino Filho

Barra do Bugres - MT
2025

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

T172a Tapirapé, Xario'i Carlos.

Autoetnografia e ancestralidade: a história do Povo Apyãwa contada a partir dos antepassados que já viveram meus nomes sociais / Xario'i Carlos Tapirapé. - Barra do Bugres, 2025.
131f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-PPGECII - Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus Universitário De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".
Orientador: João Severino Filho.

1. Ancestralidade. 2. Educação Indígena. 3. Nomeação Apyãwa.
I. Severino Filho, João. II. Título.

UNEMAT / MT- SCB

CDU 376.7(=1-82)

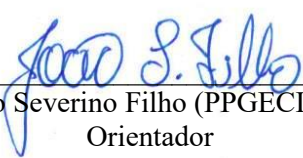
FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTOETNOGRAFIA E ANCESTRALIDADE: A História do Povo Apyãwa contada a partir dos antepassados que já viveram meus nomes sociais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII), Nível Mestrado Profissional, da Universidade do Estado de Mato Grosso “Carlos Alberto Reyes Maldonado” (UNEMAT) Campus Universitário “Dep. Est. Renê Barbour”, de Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Aprovado em 23 de setembro de 2025

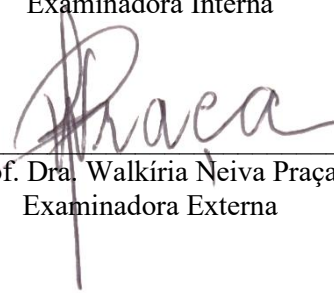
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Severino Filho (PPGECII/UNEMAT)
Orientador



Prof. Dra. Eunice Dias de Paula (PPGECII/UNEMAT)
Examinadora Interna



Prof. Dra. Walkíria Neiva Praça
Examinadora Externa

Barra do Bugres - MT
2025

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus pais Kaorewygi Tapirapé e Iparewa Tapirapé, aos meus irmãos e irmã Makarore, Awarao'i, Kaorewygi, Noxa'i, Mareromyo, Koxapa e Ataxowytyga, pelo incentivo na continuação do meu estudo. Também aos meus filhos, Arokomyo'i, Kararaore e Koromi. Em especial, a minha esposa Makato Tapirapé, que me deu muito apoio para realizar este estudo.

AGRADECIMENTOS

- Primeiro de tudo, quero agradecer imensamente Xere Xamoja (Deus), sem ele nós não somos nada. Hoje, um sonho de infância se concretiza, o caminho foi longo e desafiador, mas com fé, esperança e perseverança jamais desisti, sempre acreditei que era possível, porque quem sonha e tem um sonho deve acreditar e jamais desistir, obstáculos e desafios houveram, mas foram superados com fé e com apoio da minha família que acreditou e confiou em mim.
- Em segundo lugar, agradeço toda comunidade Apyãwa/Tapirapé pela força que me deu na realização deste projeto.
- Aos meus pais Kaorewygi Tapirapé e Ipawã Tapirapé, pela humildade sempre dando incentivo e apoio neste trabalho. Do mesmo modo, agradeço aos meus irmãos e irmãs.
- A minha esposa Makato Tapirapé, pelo carinho e paciência nestes anos de casamento e, especialmente, para os meus filhos, minhas raízes neste mundo.
- Agradeço as pessoas que colaboraram dando incentivo neste trabalho, principalmente, pelas ilustrações que enriqueceram ainda mais esta Dissertação.
- Aos colaboradores: Arokomyo'i Fábulo Tapirapé, Kaxowari'i Tapirapé, Lisete Mareaparygi Tapirapé e Makato Tapirapé.
- A todos os professores e professoras da Faculdade Indígena Intercultural do Campus de Barra do Bugres - MT, pelo muito que aprendi durante meu estudo e que tiveram um papel importante no decorrer da minha jornada escolar, especialmente, aos professores de graduação, os grandes mestres e doutores que participaram dessa jornada, foi um caminho longo, mas cheguei aonde sempre queria chegar.
- Em especial, aos meus orientadores e a toda a equipe da Faculdade Indígena Intercultural, que muito contribuíram para a conclusão deste trabalho.

MARAGETÃ IMAXERAKATOÃWA

Kwe te'omara kwee aapa irekawo Tapi'itãjpe, epe ywy rera Yrywo'ywawa. Xeremipoenopatarete kwee mĩ tera re, marygto raka'ẽ Apyãwa imagy irota irekawo wera, myga wi raka'ẽ mĩ imagy tera. Axekwe ranõ iypy wiwe raka'ẽ mĩ tera imagyap, aypyagy wi, exanami: Konomi rera, Xyre'i'i rera, Axe'ãkoakara hera, Axeakygetaxi hera, Axewete hera, Amary hera, emanyn we Koxy ranõ, Akotatai hera, Akoxamoko hera, Akoxyxetete hera, Awajwi hera, emanyn tera magykatoawa. Emanyn raka'ẽ mĩ areramoja gỹ, arexaryja gỹ imagy irota irekawo tera, namagyteej raka'ẽ mĩ myga wi heri ranõ, aypy wi raka'ẽ mĩ iraãwo irekawo wera ranõ. A'e tera raka'ẽ mĩ iypy wiwe tera iakato akawo, 'yn waripe tanã 'ã imagyjxe akwãpa tera, ixare'yma gy imagywo, maryn 'ã Apyãwa hepap akawo, 'ã tera iwyrakipyra 'yn waripe inoga axaee 'opa ranõ. A'e tera ie 'yn waripe 'ã we paragetã pe anoanogato marygato tera magykatoawa. A'e tera kwee mĩ xety'ity'i epe te'omara apaãwa re wekawo, imakaxyme'yma epe araxeka, tera magyawa re. Epe te'omara inoinogatoap axema'ema'e agỹ we ranõ, aparama'ema'e agỹ we ranõ, kwe tee agỹ imagetawo epe xemaragetã ranõ, epoenopa a'e gỹ ranõ, emanyn paraka'ẽ aramagy'ii arakawo araxera axawo. A'e tera 'ã ie akwãxiat ywyrapepe inoinogatowo marygato raka'ẽ tera imagyap 'ota akawo kwewiwe, a'e tera ima'ewo wexetaagy marygato Terete Magyãwa: Apyãwa rera. Xane xema'eãwa. Xane reka.

Xane xe'apeawete: Apyãwa rera magyawa iypy wiwe. Xane xema'eãwa. Xane reka.

TAPIRAPÉ, Xario'i Carlos. **Autoetnografia e ancestralidade: A história do Povo Apyãwa contada a partir dos antepassados que já viveram meus nomes.**121f. Texto de Defesa (Mestrado em Ensino, Docência e Interculturalidade) – Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado. Orientador: Dr. João Severino Filho. Barra do Bugres, 2025.

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada na Aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Município de Confresa-MT. O meu objetivo maior foi estudar os processos de nomeação do povo Apyãwa, a partir de diferentes personagens que viveram em períodos distintos da história, utilizando os mesmos nomes. Conforme do meu trabalho de pesquisa irei contribuir com a minha comunidade de interagir escola e os sábios para poder ensinamento correto das nossas verdadeiras sequencias nomeação em cada gênero Apyãwa. Dizer também através do registro escrito, as nomeações serão usadas de acordo a cada fase da sua vida, ou seja, conforme a predominação em nome de cada família. A minha grande preocupação trás sobre aprendizagem uso da sequência dos nomes, principalmente nas práticas. Por isso mesmo, é muito gratificante elaboração dos nossos próprios materiais didáticos conforme a nossa realidade Apyãwa, enquanto os nossos sábios estão vivos, porque eles consideraram como biblioteca viva para que esta identidade Apyãwa seja continuada e valorizada pela nova geração. Isso também para entender melhor a cada família Apyãwa, sem usar os nomes de outras famílias que passar a cada faixa etária. Tudo isso do meu trabalho tive que pedir a ajuda para os sábios que é conhecer maior sobre as nomeações. Esta pesquisa propõe, então, de forma bem clara, uma retomada do papel importante na aprendizagem correta do uso de cada nome. O produto pedagógico, resultado desta pesquisa, é a produção de um livro sobre as nomeações Apyãwa para ser usado nas escolas Apyãwa/Tapirapé.

PALAVRAS-CHAVES: Ancestralidade. Educação Indígena. Nomeação Apyãwa.

TAPIRAPÉ, Xario'i Carlos. **Autoetnografia e ancestralidade: A história do Povo Apyãwa contada a partir dos antepassados que já viveram meus nomes.**121f. Texto de Defesa (Mestrado em Ensino, Docência e Interculturalidade) – Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado. Orientador: Dr. João Severino Filho. Barra do Bugres, 2025.

ABSTRACT

This research was conducted in the Tapi'itãwa Village, Urubu Branco Indigenous Land, Municipality of Confresa-MT. My main objective was to study the naming processes of the Apyãwa people, based on different individuals who lived in different periods of history, using the same names. Through my research, I will contribute to my school community and ensure the correct teaching of our true naming sequences within each Apyãwa lineage. Furthermore, through written records, the names used will vary according to each phase of their lives, that is, according to the predominance of each family name. My main concern lies in learning the correct sequence of names, especially in practical applications. Therefore, it is very rewarding to develop our own teaching materials according to our Apyãwa reality, while our elders are still alive, because they consider this a living library so that this Apyãwa identity is continued and valued by the new generation. This also helps to better understand each Apyãwa family, without using the names of other families that are passed down through each age group. For all this work, I had to ask the elders for help in learning more about naming conventions. This research, therefore, clearly proposes a return to the important role of naming conventions in the correct learning of each name. The pedagogical product resulting from this research is the production of a book on Apyãwa naming conventions to be used in Apyãwa/Tapirapé schools.

KEYWORDS: Ancestry. Indigenous Education. Apyãwa Naming.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem da minha infância na Aldeia Orokotãwa.....	20
Figura 2 - Este é meu avô materno Arapaxigi no ritual de Marakayja	22
Figura 3 - Irmão verdadeiramente atuante desde a infância	23
Figura 4 - Mulheres na Aldeia (Orokotãwa): Maxãja, Taparawoo, Tajpa com Kararawore, Iparewã, Tage'ymi	24
Figura 5 - A chegada das Irmãzinhas na Aldeia Apyãwa Elizabeth, Genoveva, Maria Olídia e Mayie em Tawyao	25
Figura 6 - Esta foto de Warapi representa o começo de aprender a Língua	26
Figura 7 - Os primeiros alunos Apyãwa concluindo 1º Grau Completo	28
Figura 8 - Capela onde funcionava a 1ª Escola Apyãwa	29
Figura 9 - Documento do Decreto da 1ª Criação da Escola Municipal Apyãwa	30
Figura 10 - 1ª Experiência de Kamajrao como professor	31
Figura 11 - Cursando no Projeto Inajá II em Santa Terezinha- MT	31
Figura 12 - Formando na graduação em UNEMAT	32
Figura 13 - Cursando Graduação em Barra dos Bugres – MT	33
Figura 14 - Deixo a lembrança da foto da minha irmã Marapy'i	34
Figura 15 - Formando como liderança Apyãwa	35
Figura 16 - A minha primeira experiência de ser dono de TawãKopi.....	37
Figura 17 - Cursando PROFUNCIONÁRIO em Confresa – MT.....	38
Figura 18 - Formando no Curso de PROFUNCIONÁRIO em 2016.....	38
Figura 19 - Kamajrao aprovado na seletiva de mestrado.....	39
Figura 20 - Mapa da Terra Indígena Urubu Branco e das aldeias Apyãwa.....	42
Figura 21 - Croqui da de cada aldeia que pertence à T.I. Urubu Branco.....	43
Figura 22 - Aldeia Tapi'itãwa.....	47
Figura 23 - Imagem da minha infância na Aldeia Orokotãwa.....	68
Figura 24 - Menino passando para fase de Xyre'i'i.....	69
Figura 25 - O ritual que marca a terceira iniciação masculina, AXEAKYGETAXIMA'E.....	72
Figura 26 - A minha verdadeira formação como cacique Apyãwa	73
Figura 27 - A minha foto presenciando Marakayja	75
Figura 28 - O líder mais famoso chamado Kamajrao	79
Figura 29 - Grande Líder Xario assumindo como cacique	83
Figura 30 - O meu avô Arapaxigi era grande liderança Apyãwa	84
Figura 31 - Para ser uma líder feminina tem que cumprir todo o processo para ser liderança	86
Figura 32 - Esta foto antiga é do Wataramy e a atual é de Kamajrao.....	88
Figura 33 - A Takãra e suas subdivisões conforme os grupos cerimoniais.	92
Figura 34 - A posição da Takãra.....	93
Figura 35 - O interior da Takãra do século passado e atual.....	94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I.....	17
AUTOBIOGRAFIA DO AUTOR	17
CAPÍTULO II.....	41
O POVO APYÃWA/TAPIRAPÉ	41
CAPÍTULO III.....	48
AS REGRAS DA NOMEAÇÃO APYÃWA	48
3.1-Processo de Nomeação Apyãwa/Tapirapé.....	48
3.2- A mudança de nome social utilizada pelo Povo Apyãwa	51
3.6 - Os diferentes momentos em que cada indivíduo e outros membros de sua família podem e devem mudar o nome	61
3.7 - As diferenças e igualdades nas mudanças de nomes entre homens e mulheres Apyãwa ..	62
3.8 - O Ritual e o Canto da Mudança de Nome	63
3.9 - Os nomes que eu já usei	65
3.10 - Lista dos nomes e identificação da fase, a circunstância e o período em que se usa cada nome.....	68
3.11 - A razão por ter recebido cada repertório de nome.....	76
3.12 - Os diferentes antepassados que já usaram cada nome. Em que época viveram, que função eles exerceram na sociedade.....	76
3.13 - As situações em que vivia o Povo Apyãwa na época de cada antepassado que usou meus nomes	87
CAPÍTULO IV.....	90
A IMPORTÂNCIA DA TAKÃRA PARA NOMEAÇÃO APYÃWA	90
4.1 - A Takãra	90
1. Aprendizado e formação.....	94
2. Organização por clãs.....	95
3. Rituais e preparo espiritual.....	95
4. Separação e respeito	95
CAPÍTULO V.....	96
O SURGIMENTO DOS NOMES DE CADA ESPÉCIE.....	96
5.1 - Surgimento dos nomes das pessoas conforme cada espécie.....	96
5.2 - Depoimento de cada entrevistado– sr. Kaorewygi Tapirapé	101
5.2.1 - Marygato raka'ë ymy Apyãwa imagy irota irekawo tera?.....	101
5.2.2 - Tradução para português da entrevista com Kaorewygi Tapirapé.....	103
5.3 - Entrevista com Roziline Tarywaja Tapirapé.....	105

5.3.1 - Marygato raka'ẽ ymy Apyãwa imagy irota irekawo tera?.....	105
5.3.2 - Tradução para português da entrevista com Roziline Tarywaja Tapirapé	107
5.4 - Entrevista com Tokyna Tapirapé	108
5.4.1 - Marygato raka'ẽ ymy Apyãwa imagy irota irekawo tera?.....	108
5.4.2 - Tradução para português da entrevista com Tokyna Tapirapé.....	109
5.5 - Entrevista com Maria Rita Iparewã Tapirapé	110
5.5.1 - Marygato raka'ẽ ymy Apyãwa imagy irota irekawo tera?.....	110
5.5.2 - Tradução para português da entrevista com Maria Rita Iparewã Tapirapé.....	111
5.6 - A minha reflexão sobre os nomes na certidão de nascimento	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
CONSULTORES NATIVOS APYÃWA	118
REFERÊNCIAS	119
APÊNDICE	120
PRODUTO PEDAGÓGICO.....	120
MYWI APYÃWA RERA TOAWA PARAGETÃ AXEMA'EMA'E AGY WE.....	120

INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresento a minha pesquisa sobre **AUTOETNOGRAFIA E ANCESTRALIDADE: A História do Povo Apyãwa contada a partir dos antepassados que já viveram meus nomes sociais** realizada na Aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Município de Confresa – MT.

Eu sou da etnia Apyãwa, pertencente ao tronco linguístico Tupi, e somos falantes da língua Apyãwa, da família Tupi-Guarani. Moro na Aldeia Tapi'itãwa, localizada na Terra Indígena Urubu Branco. Nosso povo está situado em duas Terras Indígenas: Terra Indígena Urubu Branco, localizada nos Municípios de Confresa e Porto Alegre do Norte - MT e na Área Indígena Tapirapé/Karajá que está localizada no Município de Santa Terezinha – MT.

Atualmente, a população é de, aproximadamente, 1.009 pessoas (Um Mil e Nove), distribuídas em oito (08) aldeias: Tapi'itãwa, Myryxitãwa e Tapiparanytãwa, que pertencem ao Município de Confresa, MT; Towajaatãwa, Anywootãwa, Wiriaotãwa e Inataotãwa abrangem parte do Município de Porto Alegre do Norte em Mato Grosso e Akara'ytãwa pertence ao Município de Santa Terezinha – MT e das aldeias Xexotãwa e Majtyritãwa localizam no Município de Santa Terezinha – MT.

A Terra Indígena Urubu Branco é um lugar sagrado dos nossos antepassados, onde aconteceram muitas mortes do nosso povo pelas epidemias na época do contato com os primeiros não indígenas que chegaram até nós, na primeira metade do séc. XX.

Este trabalho foi realizado na Aldeia Tapi'itãwa, localizada na Terra Indígena Urubu Branco, Município de Confresa – MT.

O meu maior objetivo é registrar a mudança de nome social utilizada pelo povo Apyãwa e sobre os diferentes momentos em que cada indivíduo e outros membros de sua família podem e devem mudar os nomes, para que as novas gerações possam conhecer melhor como os Apyãwa têm a regra de nomeação.

Para isso, vou apresentar o ciclo da vida, incluindo cada fase da vida Apyãwa, que vem respeitando as regras da nomeação, conforme a realidade do meu povo e de ciclo da vida de cada gênero.

O povo Apyãwa, atualmente, está encontrando muitas dificuldades de aprender a colocar a sequência de nomeação do próprio filho, filha ou seus parentes, uma vez que não são usadas as verdadeiras regras de nomeação, isso é, conforme o verdadeiro processo de nomeação que consiste em passar cada etapa correspondente a cada faixa etária da vida, conforme o gênero da pessoa, por exemplo: quando uma mulher Apyãwa está gestante,

esperando um filho ou a filha, jáé escolhido o nome para a criança pela avó materna ou paterna.

Nesta pesquisa, vou investigar duas partes fundamentais das informações sobre a nomeação, pois os gêneros femininos e masculinos têm diferentes formas de nomeação no pronunciamento, quando se dirigem aos seus familiares. Estas regras estão sendo usadas hoje por poucas pessoas do nosso povo Apyãwa. Por isso mesmo, quero muito contribuir com o meu povo para continuar a nossa nomeação tradicional, ensinando e aprendendo desde criança, pois, isso me traz bastantes preocupações como professor. Através da nomeação, existem relações profundas que organizam a vida das famílias e, portanto, da sociedade Apyãwa como um todo.

Eu estou interessado em estudar sobre a a história do Povo Apyãwa, contada a partir dos antepassados que já viveram meus nomes sociais, pois esta temática está trazendo grandes preocupações para a nossa comunidade. Quando se deixa de usar a nomeação, naverdade, estamosdeixando de lado a nossa verdadeira sequência dos nossos nomes próprios, usando outro nome que não pertence adequadamente à fase de vida da pessoa. Dessa forma, antigamente, ia sendo repassada a maneira certa de cada nomeação, de acordo com cada família, prática pedagógica que era ensinada dentro da própria família.

Minha pesquisa sobre Autoetnografia e Ancestralidade: a história do Povo Apyãwa contada a partir dos antepassados que já viveram meus nomes sociais, se justifica porque, cada vez mais, está ocorrendo a desvalorização da nossa própria verdadeira cultura, isso me fez bastante interessado em estudar mais este assunto. De acordo com a Constituição Federal de 1988, (BRASIL, 1988, Art. 231), todas as nossas tradições, crenças e costumes devem ser respeitados. Por isso, pretendo investigar esta temática neste projeto de pesquisa.

A pesquisa foi desenvolvida na Aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Confresa, MT. O procedimento metodológico que utilizamos é a Pesquisa Qualitativa:

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador observa, seleciona, interpreta e registra as informações. Dessa forma, os resultados deste tipo de pesquisa são expressos na forma de transcrição de entrevistas, narrativas, apresentações de fotografias, desenhos, etc. Esses instrumentos são utilizados com a finalidade de aproximar e de conhecer o objeto e/ou o assunto, a temática, o fenômeno da pesquisa. O objetivo é compreender ossignificados do que está sendo estudado/pesquisado. (FERREIRA, 2020, p. 17)

A pesquisa foi desenvolvida através de fontes orais, com quatro entrevistas com as pessoas mais idosas, os sábios; gravadas e transcritas em língua materna e, depois, traduzidas para o português. Também realizei pesquisa bibliográfica nas obras que trazem informações sobre o parentesco e a forma de nomeação Apyãwa Tapirapé.

A metodologia adotada é a autobiografia e autoetnografia. Foi feita uma autobiografia do autor, contando a história da sua vida, desde antes de nascer, quando seus pais ou avós se casaram, até os dias atuais.

Nesta autobiografia, listamos os nomes e identificamos a fase, a circunstância e o período em foram utilizados pelo autor, explicando o significado de cada nome, o contexto e a razão por ter recebido cada um deles.

Também foram feitas entrevistas com anciões do Povo Apyãwa sobre os diferentes antepassados que já usaram cada dos meus nomes. Em que época viveram, que função eles exerceram na sociedade, evidenciando as condições em que viviam na época de cada antepassado que usou os nomes de sua família.

Outra etapa foi a pesquisa bibliográfica nos livros, teses e outros trabalhos acadêmicos de pesquisadores do Povo Apyãwa, como Herbert Baldus (1970), Charles Wagley (1988), Paula (2014) e outros, para ver se eles tiveram contato com algum dos personagens estudados e como descreveram o ritual de nomeação.

CAPÍTULO I

AUTOBIOGRAFIA DO AUTOR

Para obter a informação certa sobre o casamento dos meus avôs, tive que fazer uma entrevista com a minha mãe **IPAREWÃ**, para ela me passar as informações corretas, as quais vou relatar de acordo com o relato dela.

O meu avô **ARAPAXIGI** era casado com a senhora **MYTYGOO**, no primeiro casamento deles, houve diversas vezes descasamento deles. Com isso, o tio da minha avó **PAXEAPÃRA** assumiu o compromisso de realizar os casamentos deles, **ARAPAXIGI** e **ATAXOWOO** e o casamento deles foi com sucesso. Mesmo assim, o meu avô **ARAPAXIGI** continuava descasando, voltando para sua ex-mulher. Devido a isso, a família da minha avó **ATAXOWOO** não aceitava mais a volta do meu avô **ARAPAXIGI** para ela, mesmo que eles já tivessem a primeira filha chamada **IPAREWÃ**. Então, a separação deles aconteceu quando a minha mãe estava com, aproximadamente, dois aninhos de idade.

Devido a isso, a minha avó teve que se casar com outro meu avô **XAWAKATO**, com ele, o casamento deles foi dando muito certo até o fim da vida. Então, ele criou a minha mãe como padrasto dela. **XAWAKATO** cuidava muito bem dela como uma filha verdadeira até ficar mocinha.

O caso do meu pai também ocorreu só descasando da primeira mulher dele que se chamava **PAWYGOO**, mas só que era o contrário do meu avô, a mulher que estava se separando do meu pai, devido que ela estava namorando com outro homem, que é **XYWAERI**. Com isso, o meu pai, um dia decidiu se separar da sua esposa, pois era uma mulher que não tinha futuro para ele.

O meu pai **KAOREWYGI TAPIRAPÉ**, originário da antiga Aldeia Paranytãwa, nasceu em 15.05.1938, nessa região tradicional que era chamada, naquele tempo, de Ipirakwaritãwa. No ano de 1993, retomamos este lugar sagrado do povo Apyãwa/Tapirapé, atualmente pertencente ao município de Confresa, MT, onde se situavam estas aldeias.

Ele viveu e cresceu sempre na aldeia, a aprendizagem dele foi com a sua própria mãe, que contava as histórias antigas para ele, ou seja, levava muito a sério o aconselhamento da sua mãe, no sentido de aprender tudo aquilo que os homens

Apyãwa/Tapirapé realizam, por exemplo: as histórias, as sequências das músicas, as diversas confecções das artes, isso a mãe dele orientava para o futuro dele, devido a que pai dele faleceu quando tinha aproximadamente, quatro aninhos de idade. Durante o seu crescimento, a aprendizagem ativa foi mais com o seu tio **XARIO**, grande conhecedor de diversos trabalhos feitos pelos homens Apyãwa/Tapirapé, que foi importantíssima para a vida dele. Pois, futuramente, ele próprio teria uma grande responsabilidade na sustentação da sua família. Por isso mesmo, atualmente, somente ele é maior conhecedor da cultura Apyãwa/Tapirapé, principalmente dos rituais e é chefe do cerimonial do nosso povo Apyãwa.

A minha mãe **IPAREWÃ TAPIRAPÉ**, nasceu na Aldeia Orokotãwa na região do Araguaia da Área Indígena Tapirapé/Karajá, nasceu em 09.04.1959, no município de Santa Terezinha, MT. Ela também cresceu e viveu sempre na aldeia e ela recebia o seu ensinamento pela mãe e avó em tudo aquilo que as mulheres Apyãwa/Tapirapé realizam. Ela foi a única filha do **ARAPAXIGI** com **ATAXOWOO**.

Então, o casamento deles ocorreu da seguinte forma: quando os Apyãwa foram na abertura do picadão da Área Indígena Tapirapé/Karajá, neste tempo houve uma combinação dos meus avôs **XAKO'IAPARI** e **XAWAKATO**. Eles tiveram uma conversa particular com meu pai no sentido de ele fazer um compromisso sério no casamento com a neta deles.

Desse modo, ele aceitou o convite deles. Este casamento deles aconteceu de forma tradicional, devido a isso, tiveram que cumprir todas as regras, preferiram que o ritual feminino da iniciação fosse compartilhado pelo noivo da jovem. Nesse caso, ambos se recolhiam, faziam a mesma dieta alimentar, eram enegrecidos totalmente com tinta de jenipapo e, ao fim do resguardo, ambos saíam enfeitados. Esses casamentos seriam mais duradouros, o casal não se separaria, uma vez que os dois sofreram juntos.

Assim, naquele tempo, o verdadeiro casamento Apyãwa/Tapirapé ocorria com muito respeito, com tranquilidade e era combinado entre os familiares da moça, do rapaz sem atropelar a cultura que rege este cerimonial.

Quando a minha mãe completava um ano de casamento, engravidou pela primeira vez, com 13 anos de idade ainda bem novinha, do primeiro filho dela. Isso ela me confirmou, dizendo que o casamento dela ocorreu aos 12 anos de idade. Como afirma Paula (1997),

o processo de socializar a criança começa mesmo antes do parto, como transparece no comportamento dos pais grávidos: ambos fazem dieta

alimentar própria do período de gestação, a fim de que a criança seja bem gerada. O pai também deve se abster de fazer serviços mais pesados, como particular atenção nos últimos meses da gravidez. Tanto os pais como os avós conversam com a criança dentro do ventre materno, recomendando-lhe para que nasça bem.

No decorrer dos anos de casamento vividos poreles, até o momento atual, constam oito filhos vivos. Eles tiveram 10 filhos, porém, o segundo filho faleceu, a primeira filha também faleceu, ficando quatro filhos homens e quatro filhas mulheres.

Eu, **XARIO'I CARLOS TAPIRAPÉ**, nasci na Aldeia Orokotãwa em 09.01.1972, município de Santa Terezinha - MT. Sou filho de Kaorewygi Tapirapé e Iparewã Tapirapé. Sou o primeiro filho deles, era um menino sofrido no sentido de pegar doenças, principalmente, dor de barriga, as comidas me faziam mal quando meus pais comiam alguns alimentos pesados como carne, com isso, o meu tratamento foi com ospajés, um pajé Karajá Txitxi, uma curadora Mahiru, um pajé Apyãwa Kamoriwao e, além deles, a Irmãzinha Maiye Batista também foi uma pessoa importantíssima que cuidou da minha saúde naqueles anos e ela foi a parteira da minha mãe quando nasci.

Devido a que eu adoecia, a minha mãe teve que cumprir a sua dieta, só tomando *kawi* (mingau de milho), sem comer nenhuma carne. Devido a isso, a minha mãe, cada vez mais ia emagrecendo e meu avô Arapaxigi, desesperado com a situação dela, um dia, ele falou que eu podia morrer, mas Xaneramoja (Deus), estava acima de tudo e eu sobrevivi. Cresci sempre na aldeia, participando da vida da comunidade. O meu pai é e continua sendo chefe dos cerimoniais do povo Apyãwa/Tapirapé. Sou casado, tenho cinco filhos, moro sempre na aldeia.

Por isso, naquela época a minha aprendizagem era juntamente com os mais velhos, como: fazer cesto, flecha, arco, matar peixe e outras atividades realizadas pelos homens Apyãwa/Tapirapé.

Na minha infância sempre brincava também com outras colegas, praticando a nossa brincadeira que é de *Mani'akawỹ*. É uma brincadeira de cinco pessoas ou mais, somente pelos meninos circulando, pegando as mãos uns dos outros. Lá dentro do círculo tem uma criança, é chamado de *moja*, é um sapo. *Inimape*, brincadeira com corda pulando, *Xapi'emãwa*, brincadeira de beliscar outra pessoa, isso acontece na água, subindo no pau e o adversário dele tem que correr atrás até pegar. *Yypapyryryma*, brincadeira com cipó pulando na água ou no córrego, *Inimape*, brincadeira com barbante fazendo vários tipos de desenhos e outras mais.

Além das brincadeiras, os meninos junto com as meninas iam pescar de canoa no Rio Tapirapé. Quando pegavam o peixe, lá mesmo era um lugar específico para eles, iam acender o fogo onde as meninas iam assar os peixinhos, isso nós chamamos de “*Xemamara’aãwa*”, isso faz parte de cada aprendizagem dos gêneros do povo Apyãwa/Tapirapé.

A declaração da minha mãe foi sempre relembrando do passado e do meu futuro, o passar do tempo, a cada ano que ela sofreu bastante por mim, por causa de uma notícia ruim que ela passava a fazer de tudo até para mim sobreviver, devido que eu era o único filho e, em algum momento da reunião da nossa família, ela cita para os filhos dela que eu era um menino inteligente e hoje sou um dos mais atuantes que a cuidam no dia a dia, fazendo algumas coisas importantes para a nossa família. Devido a isso, imensamente, ela me agradece de coração mesmo.

Figura 1 - Imagem da minha infância na Aldeia Orokotãwa



Fonte: Arquivo das Irmãzinhas de Jesus (1973)

Durante a minha vivência foi um fato marcante e histórico para mim o relato da minha mãe, sobre a tragédia de falecimento de meu avô ocorrido na mata e que ela nunca se esquecerá deste acontecimento.

No decorrer da minha vida, passando os anos do meu crescimento, o meu pai demonstrou a sua responsabilidade e capacidade nos seus trabalhos individuais, praticando

a sua sabedoria que aprendeu junto com a própria mãe, que era uma grande conhecedora e uma grande liderança, conhecedora originária da verdadeira identidade étnica Apyãwa/Tapirapé.

Não tive oportunidade de conhecer melhor o meu avô paterno, devido ao falecimento dele. Além que falava mal de mim, eletambém gostava de mim, era o único filho que os meus paistinhavam.

Registro o acontecimento ocorrido com o meu avô **ARAPAXIGI**, ainda deixo bem claro que, na verdade, vou deixar algumas partes importantes desse relato feito pela professora Makato Tapirapé, que posso descrever da mesma forma.

Em 1975, havia uma caçada coletiva dos homens Apyãwa/Tapirapé, iam de canoa até chegar ao porto de Lago Redondo. De lá, eles iam a pé até chegar no acampamento de Campo de Veado, lá eles dormiam um dia só. No outro dia, eles saíram bem cedo para caçar e conseguiram matar nesse dia somente quatro caititus e, também, pegaram dez *xawaxikato'i* (tartaruga de orelha vermelha). No dia seguinte, eles novamente mudaram para outro lugar que denominamos de Morro de Terezinha, onde eles acamparam de novo. Da mesma forma que a caçada anterior, a saída foi novamente bem cedo, continuando a caçar porco-queixada, sendo que, nesse dia, eles conseguiam matar três porcos-queixadas.

Além do porcão, o meu avô **ARAPAXIGI** pegou um jabuti bem grande, isso os filhos dele e, até mesmo, o genro dele estranharam porque ele saiu zerado, sem matar porco-queixada. No ponto de vista deles, nunca ele saiu zerado, sempre matava o porco-queixada, toda vez que encontravamo porco-queixada, a primeira pessoa que ia matar porco era ele. Com isso, os companheiros dele estranharam, pensando que ia acontecer alguma coisa ruim com ele. Porém, chegando no acampamento deles, ele comeu a carne do porcão assado, logo depois de terminar de comer, ele sentiu uma dor de barriga e estava vomitando. Com isso, um pajé, o sr. Toto'i estava benzendo ele. Ele falou para ele que a comida fez mal, mas a dor de barriga não parava, continuava doendo.

Devido a isso, com grandes preocupações, o filho dele, Xywaeri veio atrás de outro pajé, o sr. Kamoriwao na aldeia e os dois voltaram de bicicleta até chegar no final da estrada boa, de lá continuaram a pé até chegar no acampamento.

Logo, logo Kamoriwao foi novamente benzendo o meu avô. Enquanto isso, o meu avô falava com os filhos dele para comer o moqueado de pâncreas do porco-queixada feito por ele, e dizia também aos filhos para se despedir depois dever eles comerem na frente dele, já sabia o que ia acontecer com ele.

Quando Kamoriwao terminava de benzê-lo, logo, logo ele faleceu. Com isso, os filhos, os companheiros dele começaram a chorar o ritual de funeral Apyãwa/Tapirapé no acampamento, o que foi bastante doloroso para eles. Ele morreu porque a comida fez mal para ele. Ele foi trazido para o Porto de Lago Redondo, onde as canoas ficavam. Veio na rede pendurada em uma vara segurada com muita força por dois caçadores, um genro dele, Kaorewygi e outro era tio dele, Awarao. Porque, na tradição do povo Apyãwa/Tapirapé, a pessoa que carrega o morto não pode parar ou descansar no caminho.

Então, eles conduziram o corpo do meu avô até a canoa, de onde seguiram para a Aldeia Orokotãwa, município de Santa Terezinha - MT. Isso ocorreu no mês de abril do ano de 1975, os dois, Arapaxigi com o irmão dele, Xako'iapari, tinham um plano secreto de fazer um susto para as mulheres, porque tem um ritual quando os homens matam muito porcos. Esse ritual é trazido por caçadores, isso chamamos de *Axygeapokaja* (Espírito assustador).

O meu avô Arapaxigi era grande conhecedor da cultura Apyãwa/Tapirapé, mestre em quaisquer rituais, nas artes, nas histórias entre outros conhecimentos.

Quando a minha mãe relembra do acontecimento com o pai dela, sinceramente, durante o seu relato, ela se emociona contando passo a passo a tragédia ocorrida com o pai dela no meio da mata. Com isso, falo com a minha mãe assim, se o meu avô Arapaxigi fosse vivo, faria uma surpresa a ele, dando um presente importante a ele.

Figura 2 - Este é meu avô materno Arapaxigi no ritual de Marakayja



Fonte: Arquivo das Irmãzinhas de Jesus(1963).

Outro fato marcante histórico para mim foi o acolhimento da família dos professores Luiz, Eunice e seu filho André que foi trazido recém-nascido na aldeia Orokotãwa, no município de Santa Terezinha-MT, onde crescemos juntos e que faz parte da nossa família. Ainda demos a cada um deles o nome Apyãwa/Tapirapé, Eunice chamamos de Kato'ywa, Luiz chamamos de Tenywaãwa e André, chamávamos quando ele era criança menino de Waporãe quando passou para a fase que vai desde a primeira iniciação até a segunda iniciação Xyre'i'i (aproximadamente entre os 9 a 12 anos) mudou novamente o nome para Awaetekato'i. Até hoje, mantemos essas pessoas como a nossa família, valorizamos, respeitamos da forma que a cultura Apyãwa/Tapirapé quer reger verdadeiramente.

Nesse momento, tive uma grande oportunidade de aprender um pouco com o meu irmão Xyre (Awaetekato'i) a língua portuguesa desde pequeno, quanto ele também, da mesma forma, aprendeu toda a língua materna Apyãwa/Tapirapé.

Foi um momento histórico para mim durante a minha vivência, juntamente com a família de Xyre, pois demonstraram desde a chegada deles na aldeia, um compromisso sério na atuação na educação Apyãwa/Tapirapé, como professores atuantes na nossa aldeia e escola.

Figura 3 - Irmão verdadeiramente atuante desde a infância



Fonte: Makato Tapirapé (2019)

Os primeiros professores do povo Apyãwa/Tapirapé foram Wanda, Hosana, Maximino e Mike. A professora Wanda veio através da Funai e os professores Hosana, Maximino e Mike vieram convidados pelo padre Francisco Jentel. A atitude destes professores com a comunidade era muito boa. Mas esses professores ficaram pouco tempo na Aldeia porque não se acostumaram.

Até que, em 1973, chegaram Luiz e Eunice com seu filho André, que estão conosco até hoje. Então, a Escola começou a ficar mais organizada. Eram três turmas que estudavam: uma turma de homens, uma turma de mulheres e uma turma de jovens, foram as pessoas certas para desenvolver este trabalho com esta comunidade na área de educação. É importante destacar que, com os Apyãwa, surgiu a primeira proposta curricular, específica, diferenciada que respeita a especificidade do povo. Isso considerado no âmbito estadual e até mesmo no Brasil, porque nessa época, em nenhum segmento se discutia essa proposta na área de Educação Escolar Indígena.

Figura 4 - Mulheres na Aldeia (Orokotãwa): Maxãja, Taparawoo, Tajpa com Kararawore, Iparewã, Tage'ymi



Fonte: Antônio Carlos Moura(1974)

Ainda tenho, de fato, uma real lembrança memorial inesquecível e é muito marcante da minha vida a chegada das Irmãzinhas como intuito de ajudar, ou seja, de

cuidar na preservação de saúde Apyãwa, devido que a população Apyãwa, naquela época, enfrentou diferentes tipos de epidemias e morreu bastante gente. Com isso, a população *Apyãwa* (Tapirapé) foi diminuindo bastante e quase acabou.

Na década de 50, a chegada das Irmãzinhas de Jesus, com seus grandes objetivos de cuidar da saúde do povo *Apyãwa* (Tapirapé), fez com que a população crescesse novamente. Por isso, deixo o meu grande agradecimento, homenagem e respeito a elas, por tudo que elas realizaram, um belo trabalho com o nosso povo durante esses anos de convivência.

Depois é que a Prelazia chegou para essas pessoas importantíssimas. As Irmãzinhas chegaram para os Tapirapé, a chegada da Veva foi em 1952, junto com a Clara e a Denise e elas chegaram para não voltar mais. Dizem que elas ficaram procurando outras pessoas para ajudar, até que veio o Pe. Francisco. Mas, só que ele chegou jovem, não chegou como adulto e ele não sabia falar na língua portuguesa, só sabia falar na linguagem dele.

No meu relato deixo uma singela mensagem a elas que sempre disponibilizavam a sua pessoa e criando a coragem de atender a qualquer momento da hora que algum Apyãwa adoecia, tanto de dia, quanto de noite.

Figura 5 - A chegada das Irmãzinhas na Aldeia Apyãwa Elizabeth, Genoveva, Maria Olídia e Mayie em Tawyao



Fonte: Arquivo das Irmãzinhas de Jesus (1976).

Não posso deixar de registrar a experiênciadadas duas professoras Apyãwa pois, foi um fato marcante para mim, iniciar o aprendizado com a primeira professora Apyãwa.

No ano de 1979, houve uma experiência com duas professoras indígenas que eram Maria Rita Iparewã Tapirapé e Tarywajoo Rosilda Tapirapé. Elas estavam ensinando bem as crianças, mas houve um problema de saúde com os filhos, então, elas pararam de lecionar. Também aconteceu um problema com a FUNAI que queria transferir as professoras para outra aldeia. Por isso, a professora Maria Rita Iparewã desistiu.

A minha participação na escola aconteceu quando tinha 10 anos de idade, em 1982 iniciei a frequentar a escola. Porque, naquela época, a escola não existia na nossa aldeia, por isso mesmo a minha participação na sala de aula foi com maior idade nesse tempo. Também nesse momento, antes de entrar na sala de aula, levei bastante atenção e conselho da minha família para que o meu estudo seguisse frente com seriedade e responsabilidade.

Figura 6 - Esta foto de Warapi representa o começo de aprender a Língua Portuguesa através de irmão Waporã oralmente.



Fonte: Arquivo das Irmãzinhas de Jesus(1974)

Com isso, a minha família ficou muito contente. O que dizia para eles, é que, futuramente, o meu sonho era ter uma melhor qualidade de formação em qualquer cargo, seja professor ou outro. Também dizia para minha família que gostaria de aprender um pouco o processo da língua Apyãwa/Tapirapé e aprender um pouco a língua portuguesa para comunicar melhor com os não indígenas e lutar pelos nossos direitos, por exemplo: na

luta pela terra, saúde, educação etc. Assim, durante os meus estudos, a minha família ia dando aconselhamento.

Durante o meu estudo, o relacionamento com os professores na sala de aula não tinha nenhum problema, porque respeitava muito eles. Até mesmo eu me preocupava muito com o meu estudo na sala de aula, por isso eu tinha consciência de respeitar o meu professor e as minhas colegas de estudo e a minha intenção era aprender com eles.

Dentro da sala de aula fazia mais produção do texto, problemas, continha de quantidade, divisão, adição, multiplicação, subtração e até mesmo o professor fazia uma tarefa para nós fazermos na casa e a correção acontecia na sala de aula juntamente com o professor.

Agora, fora da sala de aula fazia mais pesquisas, entrevistas com mais velhos (os) e aula passeio. No meu tempo gostava mais da matemática, resolver problema, fazer ascontinhas e outras matérias não me interessavam muito. Até o momento, me lembro corretamente da minha alfabetização, principalmente fazia três coisas, como: rasto de passarinho, nome próprio do aluno e *yxapenoga* (banheiro).

Cada um escrevia uma folha inteira no caderno e, ao mesmo tempo, via alfabeto Tapirapé. Isso levava muito tempo, até decorar bem ou escrever corretamente, assim ia passando pouco a pouco, outra atividade. Durante o ano letivo, os professores acompanhavam cada aluno dentro da sala de aula, para saber qual aluno estava frequentando bem a aula, por isso cada aluno individualmente. As avaliações também eram feitas por bimestre.

Durante o meu estudo, a avaliação sempre foi de modo descritivo, por isso nós nunca passamos por provas. Também não havia reprovação, porque os alunos que precisavam de ajuda e que encontravam bastante dificuldade, precisavam muito de um reforço para recuperação deles, para seguir todos iguais, por isso os professores acompanhavam mais eles fora do horário da aula.

Fazíamos também apresentação dos trabalhos para a comunidade, como por exemplo: maquete da Área Indígena Tapirapé-Karajá, apresentação de teatro sobre a chegada dos portugueses e outras atividades. E, através dessa apresentação, a comunidade avaliava o desenvolvimento de cada aluno, dependendo de cada expressão do aluno e os trabalhos dos professores.

A maior parte dos trabalhos era feito em grupo, como: a construção de esqueleto com massa de papel e trigo, aula passeio no morro do Cadete, excursão na Área Indígena

Urubu Branco. Eu também fazia atividade individualmente como, por exemplo: produção de texto, desenho e entre outras.

Em 1991 concluí o meu estudo de 1º Grau completo na Aldeia Orokotãwa, só que essa formação de 1º Grau não era suficiente para minha carreira como profissional. A partir daí, a minha carreira iniciou estagiando com outro professor durante o 1º ano para conhecer melhor o desenvolvimento do trabalho dentro da sala de aula e ter experiência com eles. Por isso, no ano seguinte, houve uma grande reunião com todos os pais e mães dos alunos e nessa reunião, eu fui indicado como Agente de Portaria pela comunidade Tapirapé.

Figura 7 - Os primeiros alunos Apyãwa concluindo 1º Grau Completo



Fonte: Luiz Gouvêa de Paula (1991).

Só em 1985, novamente, professores Tapirapé assumiram salas de aula, acompanhados por Eunice e Luiz. Os três primeiros professores foram: Ronaldo Komaoro'i Tapirapé, já falecido; Alberto Orokomy'i Tapirapé e Kamoriwa'i Elber Tapirapé. Esses primeiros professores, que já tinham experiência na sala de aula, estudaram no Projeto Inajá I, que aconteceu de 1987 a 1990. Esse projeto foi promovido pelas Prefeituras Municipais de Santa Terezinha, Canarana, São Félix do Araguaia e Porto Alegre do Norte juntamente com a SEDUC – MT, em convênio com a UNICAMP. Esse

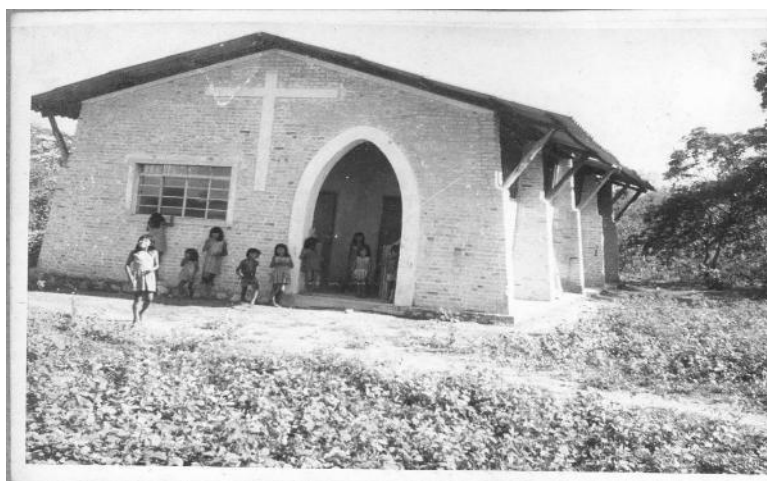
curso de formação para o magistério aconteceu para os 32 professores da zona rural e, também, com a participação dos professores Tapirapé. A formatura desses três primeiros professores Tapirapé no magistério aconteceu no Projeto Inajá I, em 1991.

Em 1993, novamente, a Prefeitura Municipal de Santa Terezinha promoveu o Projeto Inajá II, em conjunto com várias prefeituras da região. Nesse segundo curso de formação para o Magistério já foram 08 professores Tapirapé que participaram: Júlio César Tawy'i Tapirapé, Xawapare'ymi Genivaldo Tapirapé, Josimar Xawapare'ymi Tapirapé, Xaopoko'i Tapirapé, Xario'i Carlos Tapirapé, Kaorewygi Reginaldo Tapirapé, Agnaldo Wariniay'i Tapirapé e Nivaldo Korira'i Tapirapé. A formatura desses professores foi em 1996.

Lembrando também, naquela época, a primeira vez que ocorreu o reconhecimento da Escola Apyãwa pela Prefeitura Municipal de Santa Terezinha, com DECRETO Nº 003 de 07 de fevereiro de 1983, que dispõe sobre a criação de uma Escola Municipal na nossa Aldeia Orokotãwa, Área Indígena Tapirapé/Karajá, no Município de Santa Terezinha – MT.

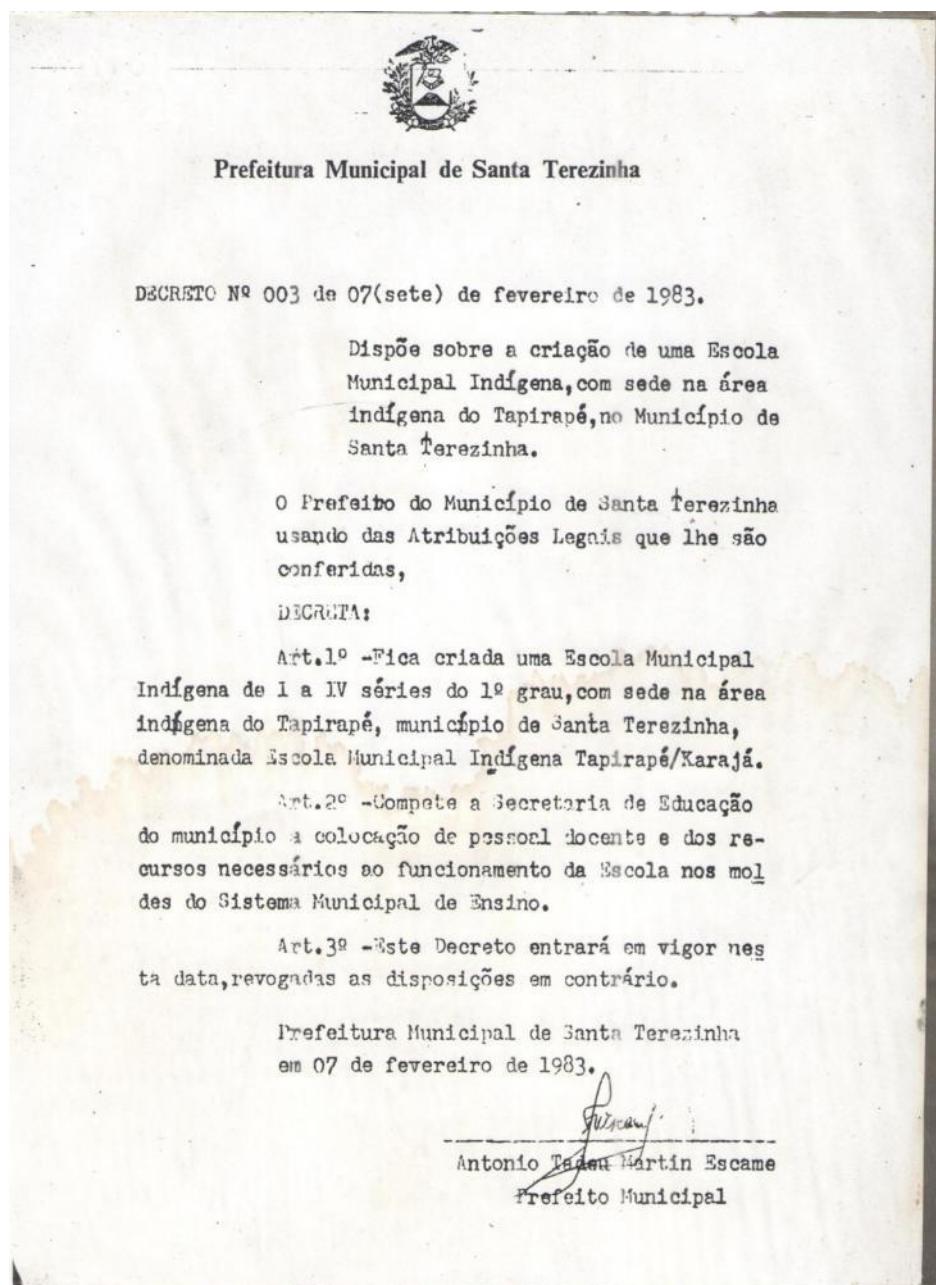
Veja a seguir a foto da 1ª Escola e o decreto de criação:

Figura 8 - Capela onde funcionava a 1ª Escola Apyãwa



Fonte: Acervo das Irmãzinhas de Jesus(1970)

Figura 9 - Documento do Decreto da 1ª Criação da Escola Municipal Apyãwa



Mesmo assim, acompanhei ainda estagiando com um professor, isso foi o meu interesse, com isso também frequentei o curso de magistério juntamente com os não-índios. Em seguida, logo, logo em 1993, a Prefeitura Municipal de Santa Terezinha, MT, realizou um curso de formação de professores de magistério e esse curso foi chamado Projeto Inajá II, no qual oito professores Apyãwa/Tapirapé participaram juntamente com não-indígenas. Então, concluí esse curso de magistério em 1996, com muita coragem, interesse, esforço e responsabilidade, por isso a minha formação é magistério completo.

Figura 10 - 1ª Experiência de Kamajrao como professor



Fonte: Alberto Orokomy'i Tapirapé(1993)

Esta imagem da foto está demonstrando a minha primeira experiência como o professor Apyãwa realizando uma atividade junto com os meus alunos da turma de séries iniciais na aldeia Orokotãwa na Escola Estadual de 1º Grau “Indígena Tapirapé” em 1993.

Figura 11 - Cursando no Projeto Inajá II em Santa Terezinha- MT



Fonte: Xawapare'ymi Genivaldo Tapirapé(1995)

Mesmo assim, eu tive muito osonho de estudar numa Faculdade e consegui realizar esse sonho, pois tive oportunidade de estudar na Faculdade de Barra dos Bugres, que foi a primeira cidade que acolheu com muito carinho um povo diferente participando do Curso

de 3º Grau Indígena. Por isso, durante cinco anos estava estudando na Unemat de Barra dos Bugres, de 2001 a 2006.

Em 2006, concluí o meu estudo de Faculdade, por isso, atualmente a minha escolaridade é de Ensino Superior completo e a minha habilitação é Língua, Artes e Literatura. O meu tema de graduação foi sobre Cantos de Xakowi.

Figura 12 - Formando na graduação em UNEMAT



Fonte: A equipe de 3º Grau Indígena(2006)

Em 2008, aconteceu um curso de Especialização que, mais uma vez, a Unemat de Barra dos Bugres acolheu com braços abertos, abrindo oportunidade para os professores indígenas que terminaram o 3º. Grau Indígena, isso ocorreu somente para povos indígenas do Estado de Mato Grosso. Por isso mesmo, elaborei com muito carinho e capricho o meu Projeto de Pesquisa na Especialização em Educação Escolar Indígena. E consegui ingressar novamente e participar do curso de Especialização. Durante esses anos de curso de Especialização frequentei bastante as aulas e a minha expressão oral melhorou bastante

com muita participação ativa, principalmente nas trocas das experiências. O meu tema de pesquisa foi: EDUCAÇÃO TRADICIONAL DO POVO APYÃWA/TAPIRAPÉ.

Em 2010, concluí o curso de Especialização com muita alegria, emocionado, pois mesmo sendo cacique, afirmo que tenho certeza de que posso crescer no meu conhecimento, dessa forma com muita responsabilidade na educação da minha comunidade e ter competência, dignidade e compromisso com o meu povo Apyãwa/Tapirapé e como cacique dentro da minha comunidade, isso, com certeza, é a minha maior responsabilidade, com meu povo. Por isso mesmo, no ano de 2010, estava atuando como cacique e professor lutando pela causa da minha comunidade, direitos do meu povo, principalmente na demarcação da Terra Indígena Urubu Branco e na Saúde e Educação.

Figura 13 - Cursando Graduação em Barra dos Bugres – MT



Fonte: Oparaxowi Marcelino Tapirapé(2005)

Também nesse momento, não deixo de esquecer de registrar a minha formação e carreira como liderança Apyãwa/Tapirapé que é muito gratificante para mim. Mesmo sendo professor, aceitei a indicação da minha comunidade e eu tive uma grande oportunidade e confiança depositada pelo meu povo no cargo de cacique. Então, durante

esses anos, de 1998 e 2000 tive esta oportunidade de assumir este cargo, isso ocorreu na Aldeia Majtyri na Área Indígena Tapirapé/Karajá, no município de Santa Terezinha – MT.

No final do ano de 2000, aconteceu uma tragédia muito complicada com a saúde da minha irmã, que foi levada diretamente na U.T.I de Goiânia, onde ela faleceu no dia 27.12.2000 eo corpo dela foi levada para Aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, no município de Confresa-MT, e foi feito o velório dela na casa da minha tia Akoxi. Devido a isso, deixei este cargo porque a minha família decidiu fazer a mudança para cuidar do cemitério dela, porque a cultura Apyãwa/Tapirapé não permite deixar um cemitério sem ninguém da família, isso ocorreu no início do ano de 2001.

Figura 14 - Deixo a lembrança da foto da minha irmã Marapy'i



Fonte: Túlio Souza Muniz(1990)

No ano de 2006, novamente, fui escolhido como Cacique Geral do meu povo Apyãwa/Tapirapé, isso me fez mais ainda a ter a confiança, principalmente, a responsabilidade que recebi nesse momento e, mesmo assim, não deixei de ter participação

na educação. Também tive nesse momento uma grande oportunidade da minha aprendizagem ao aprender a maneira do comportamento do verdadeiro Cacique Apyãwa/Tapirapé, que tem que agir de forma respeitosa com as pessoas, sem usar uma palavra ofendendo as pessoas. Devido a isso, durante a minha carreira como Cacique Geral de 2006 até 2017, mostrei a minha atitude, responsabilidade, compromisso e comportamento de ser um dos melhores cacique, na maneira de tratar o meu povo, igualmente o meu avô Kamajrao tratava bem as pessoas e ele era uma grande liderança Apyãwa/Tapirapé naquela época. Também aprendi todos os cantos que o cacique entoava. Isso me levou a crescer, ao aprender entoar todos os cantos, por isso tive oportunidade de aprender junto com os sábios, principalmente, com meu pai Kaorewygi que é grande conhecedor da nossa cultura, repassando o seu conhecimento para mim.

Figura 15 - Formando como liderança Apyãwa



Fonte: Demilson Makarore Tapirapé(2013)

Além de cumprir todo o processo da minha formação como uma liderança, tive ainda uma grande oportunidade, a responsabilidade de assumir um compromisso seríssimo para o meu povo, que é de ser o dono da nossa festa tradicional Tawã (Kopi), isso também foi parte do nosso processo de aprendizagem com a Makato, no qual, nesse momento, fomos aprovados de forma cultural Apyãwa/Tapirapé, fomos heróis ao aprender todos os cantos rituais que são entoados pelo líder Apyãwa, da mesma forma foi Makato, ao aprender todos os cantos entoados pela mulher.

Nesse sentido, fomos muito agradecidos pelo nosso povo porque tivemos uma honra, ao assumir com responsabilidade e respeitosamente cumprindo corretamente o papel

do verdadeiro líder Apyãwa. Sempre deixamos na nossa memória a pessoa que foi um exemplar de um líder Apyãwa: o meu avô Kamajrao, que era um grande líder Apyãwa, era muito respeitado pelo seu povo, assim, também fiz, cumpri o meu papel com responsabilidade, atuando como verdadeiro líder Apyãwa, mostrando a minha atitude para a nova geração Apyãwa, principalmente, no sentido de respeitar as pessoas da nossa comunidade, devido ao fato que recebi este nome famoso, Kamajrao.

Por isso, no ano de 2014, tivemos uma conversa com Paxeapãra, ele é pajé e me informou que iria trazer uma novidade importantíssima, deum novo Tawã que é Kopi, que seria nós que assumiríamos de ser dono e tivemos muita coragem e responsabilidade nesse caso, cumprindo todos os rituais que pertencem a esta festa, principalmente Ka'o, o ritual que acontece somente à noite. Então, ele trouxe este espírito de Kopi transformado em Tawã.

Os Kopi eram um grupo isolado que somava somente duas pessoas e este grupo foi encontrado naquela época antiga pelo guerreiro Xako'iapari e seu irmão. Com muito luta e coragem, conseguiam pegara mulher, agora o homem foi morto. Devido a isso, o pajé, naquele tempo, via o espírito do Kopi através do sonho e trouxe esta festa de TawãKopi, só que, durante o passar do século, o povo Apyãwa/Tapirapé não sabia que tinha TawãKopi, mas, através do Paxeapãra, este ritual de TawãKopise recuperou através da minha pessoa, junto com a minha esposa Makato, por isso mesmo, este ritual de Kopi é, especificamente, da nossa família.

Também quero deixar registrado que a mulher Kopi teve que criar um menino Apyãwa, ao qual ela deu o nome para seu filho adotivo Panawyete, além desse nome ela repassava os nomes do grupo dela do Kopipara para a família do esposo, como: Iona'i, Koxawiri e Ka'axowa, estes nomes surgiram do grupo Kopi.

Assim, foi trazido este espírito de Kopi através do sonho pelo atual pajé Paxeapãra.

Figura 16 - A minha primeira experiência de ser dono de TawãKopi.



Fonte: Arokomyo'i Pablo Tapirapé(2014)

Mesmo que consegui cursar a graduação completa, o meu grande desafio e expectativa eram de continuar os meus estudos e participar de um Curso de Formação para Apoio Administrativo e hoje o meu sonho está realizado através do Curso de PROFUNSIONÁRIO, que é um Curso muito interessante, pois tem seu objetivo de capacitar, ou seja, investir na formação das pessoas que atuam no sistema escolar. Mesmo que encontrei a dificuldade, principalmente, nas palavras novas, mas com a ajuda dos companheiros e companheiras, consegui compreender e fazer a prática.

Figura 17 - Cursando PROFUNCIONÁRIO em Confresa – MT



Fonte: MakaroreDemilson Tapirapé (2015)

Diante de muita responsabilidade e compromisso tive que assumir com seriedade este curso de **PROFUNCIONÁRIO**, o qual foi concluído em 23/12/2016, o curso: **Técnico em Infraestrutura Escolar**, na modalidade Educação Profissional de Nível Médio, Eixo Tecnológico Desenvolvimento Educacional e Social, pelo Programa de Formação Inicial em Serviço dos Profissionais da Educação Básica dos Sistemas de Ensino Público – **Profucionário**.

Figura 18 - Formando no Curso de PROFUNCIONÁRIO em 2016



Fonte: Elaine Darc Ramos (2016)

Nos anos seguintes, 2017 até 2021, não tive o pensamento de levar o meu estudo em diante. Durante o ano de 2022, a Makato esteve sempre me pressionando, cobrando a continuação do meu estudo e, com isso, tive que aceitar o convite dela, por causa de tanta pressão, dando ainda mais o incentivo para mim e me inscrevi a fazer o mestrado da Unemat de Barra do Bugres, o MESTRADO EM ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGE CII, LINHA DE PESQUISA ENSINO, DOCÊNCIA E INTERCULTURALIDADE, com TÍTULO RELAÇÕES DE PARENTESCO DO POVO APYÃWA/TAPIRAPÉ, na qual fui aprovado na 4ª turma de mestrandos.

Figura 19 - Kamajrao aprovado na seletiva de mestrado



Fonte: Koxamy Fabíola Tapirapé (2019)

Esta minha imagem na foto está representando uma imensa satisfação, de tanta alegria quando vi o meu nome na lista de aprovação na seletiva de 4ª turma de mestrado na Unemat, campus de Barra do Bugres-MT em 2023.

Não posso deixar de registrar também os nossos filhos que ocorreram durante o nosso casamento, tivemos quatro filhos, os nomes são: o primeiro filho se chama Arokomyo'i, o segundo filho Tawaxare'i, a terceira filha Tarywajoo, o quarto filho se chama Koromĩ e hoje temos onze netos.

Assim, finalizo a minha história de carreira como educador e de formação de uma liderança Apyãwa/Tapirapé.

CAPÍTULO II

O POVO APYÃWA/TAPIRAPÉ

Desde oséculo passado, o nosso povo Apyãwa/Tapirapé sempre morava no território tradicional conhecido como Urubu Branco. Quando morávamos na Aldeia Orokotãwa, fazíamos duas vezes ao ano uma visita para este lugar antigo, sagrado. Especialmente, cada família ia visitar o cemitério do seu parente que está na aldeia que, naquela época, chamávamos de Ipirakwaritãwa e a nova geração Apyãwa deu o nome de Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco.

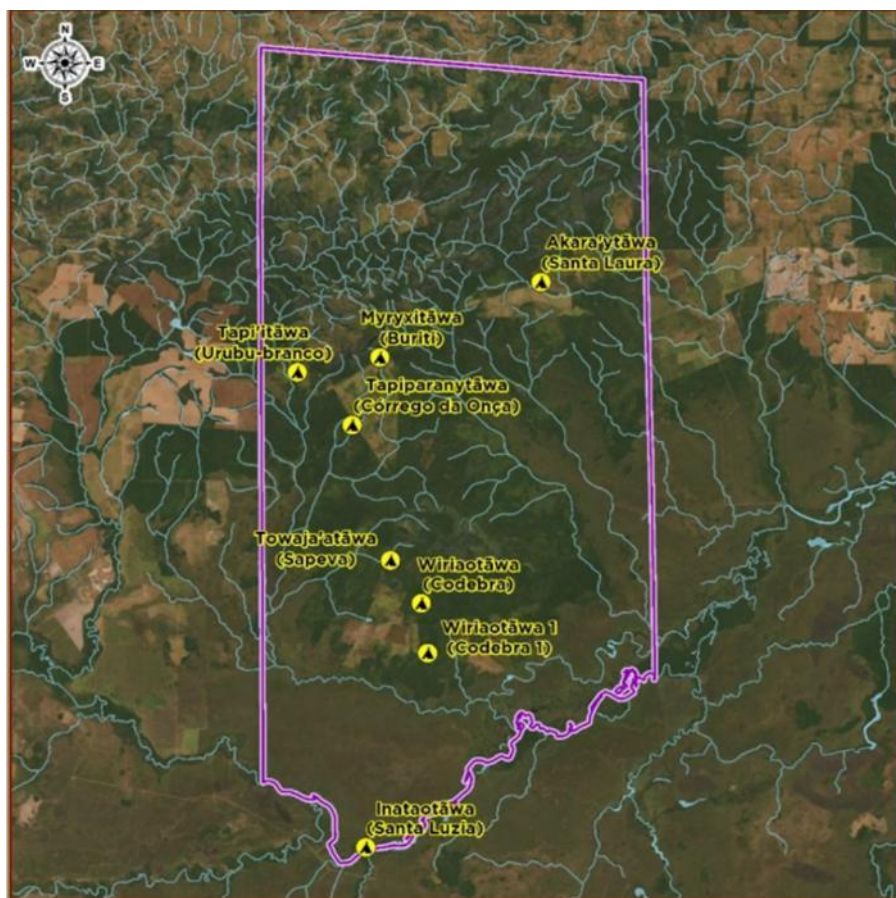
O meu povo Apyãwa é pertencente ao tronco linguístico Tupi e falante da língua Apyãwa/Tapirapé da família Tupi-Guarani.

A Terra Indígena Urubu Branco, com extensão de 167.533 hectares, foi homologada em 1998 e está situada a 28 km do município de Confresa-MT e a Área Indígena Tapirapé/Karajá, com extensão de 66.166 hectares, foi homologada no ano de 1983, e foi constituída especificamente para dois povos Apyãwa (Tapirapé) e Iny (Karajá) e está localizada a 30 km da cidade de Santa Terezinha-MT.

Atualmente, o nosso povo Apyãwa/Tapirapé habita nestas duas Terras Indígenas. A Terra Indígena Urubu Branco é localizada em diferentes municípios, que são: Confresa, Porto Alegre do Norte e Santa Terezinha. Neste território estão localizadas oito aldeias: Tapi'itãwa, Myryxitãwa, Akara'ytãwa, Tapiparanytãwa, Towajaatãwa, Wiriaotãwa I, Wiriaotãwa II e Inataotãwa. Na Área Indígena Tapirapé-Karajá, há a Aldeia Majtyritãwa e abriu a nova Aldeia Xexotãwa na mesma Área, que está localizada no Município de Santa Terezinha – MT.

Hoje, a população geral Apyãwa chega, aproximadamente, a 1.014 pessoas de 8 aldeias, que são especificamente Apyãwa e o crescimento da nossa população é de suma importância para o nosso povo, uma vez que o nosso povo, naquele século passado, quase foi extinto. Mas, com muita luta e coragem, a nossa população foi indo se recuperando novamente, para que seja um povo feliz de novo.

Figura 20 - Mapa da Terra Indígena Urubu Branco e das aldeias Apyãwa

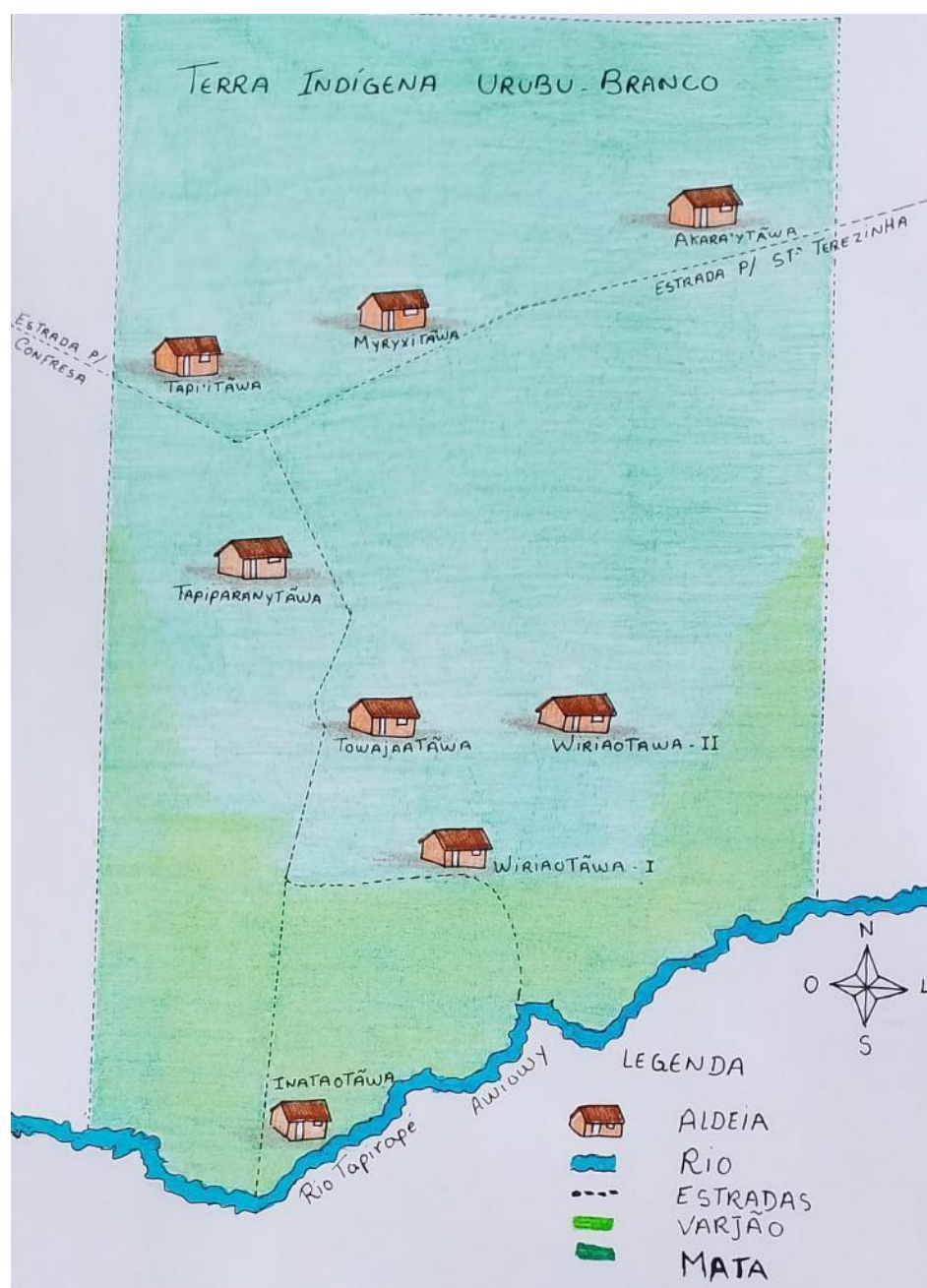


Fonte: PRODES e DETER/INPE (2019)

Observando esse mapa da Terra Indígena Urubu Branco, onde estão localizadas oito aldeias Apyãwa, percebemos que são de diversas distâncias umas das outras, principalmente, desde a aldeia central Tapi'itáwa.

Com isso, vou elaborar um *croqui* das aldeias, demonstrando a localização e cada distância em quilômetros que distam da aldeia Tapi'itáwa.

Figura 21 - Croqui da de cada aldeia que pertence à T.I. Urubu Branco



Fonte: Kaxowari'i Tapirapé, 2024

Observando o *croqui* da T.I. Urubu Branco, mostrando todas as distâncias das outras das aldeias, a partir de Tapi'itãwa, vou citar cada quilometragem:

De: Tapi'itãwa até Akara'ytãwa 22km

De: Tapi'itãwa até Myryxitãwa 8km

De: Tapi'itãwa até Tapiparanytãwa 8km

De: Tapi'itãwa até Towajaatãwa 19km

De: Tapi'itãwa até Wiriaotãwa 30km

De: Tapi'itãwa até Anywootãwa 25km

De: Tapi'itãwa até Inataotãwa 43km

No ano de 1935, a área tradicional do povo Apyãwa era totalmente ocupada pelas aldeias: Xexotãwa, Moo'ytãwa, Tawoko, Tokynookwatãwa, Xowatãwa, Ipirakwaritãwa, Xakrywatãwa, I'ãxoratãwa, Paranytãwa, Takarookywetãwa, Okowytãwera entre outras.

Dessas aldeias, o total da população era de 1.500 pessoas, realizando suas festas culturais sem nenhuma preocupação (WAGLEY, 1980). Em 1940, aconteceu o primeiro contato com pessoas não-indígenas, foi com um sertanejo, vindo do Pará e que era grande amigo dos Apyãwa. O nome dele era Lúcio da Luz. Sete anos depois do contato com a sociedade não indígena, a aldeia Ipirakwaritãwa foi atacada pelo povo Kayapó, denominado Metyktire, havendo três mortes de mulheres Apyãwa, conhecidas pelos nomes de Amo'ã, Eirowa e Tamanoxowa. Além delas, foram sequestradas, Myta'i, Pawygoo e Wakore (um menino). Ao anoitecer, uma mulher denominada Myta'i fugiu dos Kayapó e se dirigiu para o rumo da sua taba, enquanto os Kayapó dormiam demais. Enquanto isso, duas mulheres e um menino continuaram com eles.

Por isso, naquela época, o nosso povo Apyãwa, além de ter diminuído bastante através dos ataques dos Kayapó, enfrentou diversos tipos das doenças e morreu muita gente do meu povo. Por isso, a população Apyãwa foi diminuindo muito e quase acabou. Também nesse momento, o povo Apyãwa não tinha um lugar certo para morar. Com isso, também, o nosso povo se espalhava uns dos outros. Alguns grupos do povo Apyãwa fugiram rumo ao Estado do Pará e outro rumo ao Rio Awioy (Tapirapé).

Então, nessa época, o velho senhor Lúcio da Luz, conhecido do povo Apyãwa, esteve presente, preocupado com os grupos dos Apyãwa, dando abrigo e alimentação após o ataquedos Kayapó, ocorrido em 1947. O resto do povo Apyãwa foi trazido pelos grupos de S.P.I. (Serviço Proteção ao Índio).

Após um tempo, o restante da população no total de 48 pessoas, foram reunidos por representante do S.P.I. (Serviço Proteção ao Índio) e pelos Missionários Dominicanos de Conceição do Araguaia na Aldeia Orokotãwa, situada na foz do Rio Awioy (Tapirapé), fundada perto da aldeia Itxala, junto ao posto do S.P.I. Porém, mesmo estando distantes, a região do Ipirakwaritãwa (Urubu Branco) permaneceu sendo visitada continuamente pelos habitantes de Tawyao (Nova Aldeia Orokotãwa), desde a sua implantação em 1950 até no ano de 1994.

Em 1952, ocorreu, pela primeira vez, a chegada da Irmãzinha de Jesus no dia 22 de junho. Seu objetivo era cuidar da saúde da população. Nessa época, a população Apyãwa subiu para 50 pessoas. Por isso, sempre o povo Apyãwa ia visitar a área tradicional Ipirakwaritãwera que, atualmente, denominamos de Tapi'itãwa e tambémo território da Terra Indígena Urubu Branco, no qual há muitas coisas ligadas à nossa cultura, como taquari para fazer as variedades das flechas e outras matérias primas.

A visita vinha acontecendo duas vezes por ano. Durante essas visitas, a comunidade Apyãwa percebeu que a área tradicional estava sendo explorada pelos senhores José Carlos e José Augusto de São Paulo. E, por isso, toda a comunidade foi ficando preocupada.

Ainda em 1970, uma família Apyãwa, composta por Kamaira, sua esposa Warara'i e seu filho Kamoriwao morava nessa região de Ipirakwaritãwa, na beira do ribeirão Ipirakwaroo. Atualmente, esse lugar é chamado de Gameleira e foi ocupado pela Fazenda Luta.

Este lugar que eles moravam denominava-se Xoatãwa e foi ocupado pela Fazenda Frenova, foi lá que um grupo Apyãwa, acompanhado pelos sertanistas, chegou em busca desta família.

Em 1974, havia a luta do povo Apyãwa contra as Fazendas Codeara e Tapiraguaia. Nessa época, o povo Apyãwa somava 128 pessoas que lutaram pelos seus direitos, matando os gados que estava ocupando a Área Tapirapé-Karajá. Para esta luta, houve entrosamento com outra etnia para lutar.

E 1984 é um marco para o povo Apyãwa, porque saiu a Portaria da Demarcação desta terra. A vitória foi comemorada realizando uma grande festa. Em 1988, a Constituição Federal foi aprovada em Brasília, com representantes indígenas de todo o Brasil. Com aprovação das leis estabelecidas na Constituição de 1988 e no Estatuto do Índio, ficou garantido que os povos indígenas têm direito a recuperar seus territórios. Por isso, o povo Apyãwa reuniu-se no centro da aldeia, no dia 22 de agosto de 1993, debatendo sobre esse assunto até tomar uma decisão para retornar ao Ipirakwaritãwera (Urubu Branco).

Liderado por meu avô Xako'iapari Marcos Tapirapé desde 1983, o povo Apyãwa vem desenvolvendo um processo de reconstrução da autoestima exercendo o direito a cidadania e etnia diferenciada, assegurando a herança ancestral.

Nos últimos vinte (20) anos, nós, povos indígenas, desenvolvemos ações de retomadas de pequenas parcelas do nosso território como única alternativa para realizar o sonho de habitar novamente o espaço sagrado.

Assim, no dia 07 de setembro de 1993, um grupo de famílias decidiu a ida para Ipirakwaritãwera com apoio, naquela época, do Vereador Ararawytygi Paulo Tapirapé e da Prefeitura de Santa Terezinha para o transporte da mudança.

Então, com a mudança dessas famílias, a luta começou no dia 07 de setembro pela demarcação da área tradicional. Logo após, o cacique levou mais uma família no dia 11 de setembro de 1993 e, em 1995, levou também as Irmãzinhas de Jesus, para administrar a saúde e prevenir as doenças que iam surgindo na aldeia. Conseguiram a recuperação da Terra Tradicional Ipirakwaritãwera que, atualmente, é denominada de Tapi'itãwa (Urubu Branco), com muita força, coragem, dignidade e humildade. Após isso, foi feito o levantamento antropológico pelo antropólogo Dr. André Toral, até que foi elaborado o Laudo Antropológico confirmando os limites da área. O total da área delimitada tem 167.533 hectares. A demarcação dessa área foi feita em 1998.

Mas, mesmo assim a luta não parou por aí, continuamos lutando, pois o Norte da nossa terra está ainda com problemas, principalmente, invasão e retirada ilegal das madeiras como pau-brasil e outras madeiras diferentes.

Mesmo com toda esta luta, o nosso povo Apyãwa está conseguindo manter muito de suas tradições culturais através da língua e dos ensinamentos que são passados de geração em geração, pelos mais velhos para as pessoas mais novas através da transmissão oral. São esses processos de ensinamentos de nomeação do nosso povo Apyãwa que são o foco do meu trabalho e que apresentarei a partir do próximo capítulo.

Figura 22 - Aldeia Tapi'itãwa



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé, 2023.

Assim está hoje a formada nossa aldeia Tapi'itãwa, essa aldeia éa aldeia central Apyãwa e a maior aldeia coma maior população localizada na T.I. Urubu Branco.

CAPÍTULO III

AS REGRAS DA NOMEAÇÃO APYÃWA

Neste Capítulo apresento os processos de nomeação de cada fase da vida do povo Apyãwa/Tapirapé, sendo que cada pessoa irá passar por elas, isso é definido de acordo com a verdadeira cultura. As pessoas de ambos os gêneros passam por estas fases.

Esclarecemos que cada nome tem o seu surgimento de acordo com os gêneros e faixas etárias do nosso povo Apyãwa. O maior interesse que tive ao fazer esta pesquisa foi porque percebi algumas pessoas usando os nomes incorretos sem saber de nada, usando de qualquer jeito, pois a nomeação Apyãwa tem sua sequência de uso conforme a idade e conforme cada gênero das pessoas Apyãwa.

3.1-Processo de Nomeação Apyãwa/Tapirapé

Para o povo Apyãwa/Tapirapé, a nomeação é uma parte da cultura muito valorizada e importantíssima. Utilizamos a nomeação para identificar e diferenciar as pessoas. É muito importante chamar a pessoa pelo nome. Através da nomeação, compreendemos quem é a pessoa, de onde veio, quais seus antepassados. A nomeação é utilizada para saber qual a árvore genealógica inteira de uma pessoa ou de uma família.

Quando as pessoas se casam, desde a primeira gestação, o casal já vem parando de consumir todos os alimentos proibidos (mutum, quati, paca, veado, piroasca, frango) para os filhos não nascerem com deficiência.

A partir de sete a oito meses de gestação, a mãe da menina pede para ela ficar na rede, para aconselhar o filho da filha ainda na barriga. O conselho se refere para que a criança tenha um bom nascimento.

As mulheres gestantes da comunidade do povo Apyãwa/Tapirapé desmancham alguns pontos nas redes, para formar um espaço por onde o bebê passará. Mas quando o bebê nasce, os casais ficam de resguardo, sem comer caça e pesca, só ficam tomando mingau de arroz sem açúcar.

Quando o umbigo da criança cai, o pai da criança é pintado com jenipapo. De manhã, a família enfeita o pai e passa urucum no seu cabelo, pois, ele será liberado pela

primeira vez para comer peixe e voltar a beber água. E a mulher continua ficando no resguardo, aproximadamente, três semanas sem comer nenhuma carne, só mingau de arroz.

A nomeação é importante para nosso povo Apyãwa, o que significa que a nossa nomeação ainda existe na nossa cultura. Aliás, a nossa nomeação sempre foi respeitada pela comunidade indígena Apyãwa.

Por exemplo, quando uma pessoa é nomeada, sabemos que está usando o nome dos seus antepassados, às vezes, até esquecemos e só lembramos quando uma pessoa é nomeada ou chamada pelo tal nome. Quando lembramos, falamos – Ah!!!. É o nome do pai, avô, bisavô ou tataravô dele. Às vezes, uma pessoa usa o nome da parte da sua mãe. Todos nós sabemos que existem avó e avô materno, existem também avó e avô paternos. Então, sabemos que, o que ocorre com a gente é o mesmo que ocorreu com nossos avôs, bisavôs e tataravôs.

A nomeação para nós, como povo Apyãwa/Tapirapé, é praticada e pensada de geração em geração. Na atualidade, a nomeação é muito valorizada na nossa cultura.

Quando uma criança nasce é nomeada pelo próprio pai ou avô, no primeiro, no segundo ou no terceiro dia após o nascimento. Quando o nome não foi escolhido antes do nascimento, leva mais tempo para escolher o nome. A nomeação da criança ocorre dentro de casa da criança.

A nomeação também ocorre assim: quando uma criança nasce, o primeiro filho de casal é nomeado pelo seu avô e avó paterno ou materno. É nomeado por aquele que se manifestar e se preparar antes do nascimento ou logo após o nascimento da criança. Não ocorre nenhuma reclamação. Todos agem com paciência e respeitando nossa cultura. Sabemos também que haverá outras chances.

O povo Apyãwa adorava o nome de vários seres vivos, insetos, aves, peixes e animais, porém, o povo colocava o nome para ser adotado, veja alguns exemplos: Xo'i (o nome surgiu de sapo), Karowaroo (surgiu dapaca), Xeroxi (surgiu de um tipo de pomba) e assim, sucessivamente, alguns nomes foram recebidos das diversas espécies pelo nosso povo Apyãwa/Tapirapé.

Na nossa cultura como povo Tapirapé, também existe separação de nomes. Existem nomes das crianças para meninos, meninas, rapazes e moças, idosos e idosas.

Na infância usamos o primeiro nome, pode ser um, quatro nomes ou mais, depende de quantos nomes vai ter. Assim pode ocorrer com uma pessoa adulta. Pode ser chamado pelos quatro nomes que possui, mas não de qualquer jeito, por exemplo: Warapi, Xario'i,

Koria, Yrywaxã, assim por diante os nomes são usados na sequência das fases da vida até ser um homem adulto.

Cada pessoa tem o ciclo de vida, que é separado por fases, veja no Quadro 01 abaixo. Então, no decorrer do tempo de cada fase da vida, vai usando todos os nomes que possui.

Porém, quando o povo coloca o nome nas pessoas, em primeiro lugar é importante perguntar para as pessoas mais velhas se o nome pertence a uma família ou não, se não o nome não é colocado de qualquer jeito. Tem que colocar o nome da sua família, nomes que foram da avó, do avô, bisavó e assim por diante.

É assim que nós praticamos a nomeação dentro da nossa cultura.

Quadro 1: Fases da vida das pessoas Apyãwa conforme o Gênero

GÊNERO MASCULINO	GÊNERO FEMININO
PITYWERA: abrange a infância até a primeira iniciação masculina. Os meninos são chamados de <i>konomi</i> .	PITYWERA: abrange a infância até a primeira menstruação. As meninas são chamadas de <i>kotatai</i> .
XYRE'I'I: fase que vai desde a primeira iniciação até a segunda iniciação (aproximadamente entre os 9 a 12 anos).	KOXAMOKO: fase que vai desde a primeira iniciação até a idade adulta. Corresponde ao período da adolescência.
AXE'ATOWAKÃRAMA'E: esta fase abrange o período entre a segunda iniciação e a terceira iniciação. Corresponde ao período da adolescência.	KOXYWERA: fase da vida das mulheres consideradas adultas.
AXEAKYGETAXIMA'E: o ritual que marca a terceira iniciação masculina, a Festa do Rapaz. A partir deste ritual, o rapaz é considerado adulto.	
AKOMA'E: Fase da vida dos homens adultos	
AKOMA'EXEWETE: fase da vida que marca a maior idade dos homens	KOXYXEWETE: fase da vida que marca a meia idade das mulheres
MARYKWERA: grupo de idade dos homens idosos	WAJWIKWERA: grupo de idade das mulheres idosas

FONTE: Eunice Dias de Paula, 1997.

Por isso mesmo, a nomeação vem trazendo fortemente, desde o século passado, a manutenção, preservação da cultura e tradição envolvendo todo o povo Apyãwa, o que é importantíssimo na continuação da nomeação para as gerações futuras do povo Apyãwa.

A pessoa que é responsável pela nomeação tem a responsabilidade de entoar o novo nome com o seu canto no centro da aldeia no terreiro da Takãra (casa cerimonial) para que o povo ouça, expressando o novo nome para o povo. Entoando em um canto para o povo, chamando a atenção da comunidade na divulgação do novo nome das pessoas, porque

aquele nome é o que vai ser usado. A pessoa que é responsável pela nomeação pode nomear qualquer pessoa, só não pode colocar nome em si mesmo, tem que falar para outra pessoa o nomear, uma pessoa que também é responsável pela nomeação. Por isso mesmo, apresentei o Quadro 01 acima, que indica as diferentes fases da vida Apyãwa/Tapirapé, que são importantíssimas na vida de cada pessoa Apyãwa/Tapirapé, pois está mais de acordo com a nossa divisão das faixas etárias.

3.2- A mudança de nome social utilizada pelo Povo Apyãwa

É muito importante dizer sobre a mudança de nome social pelo povo Apyãwa, que havia desde muito e muitos séculos passados e até o presente momento, ainda continua se mantendo fortemente, pois as pessoas continuam usando estes nomes passando de geração a geração, a cada fase da vida das pessoas do povo Apyãwa/Tapirapé, ou seja, usada por cada família, mantendo a tradição da sua própria família.

É necessário frisar a importância de cada mudança de nome Apyãwa, de cada faixa etária do nosso povo de modo correto, desde que usavam daquela época dos nossos antepassados.

O povo Tapirapé que se autodenomina Apyãwa, tem a cultura de trocar os nomes em algumas fases da vida, tanto os homens quanto as mulheres. A mulher, por exemplo, tem o seu nome de registro no cartório, mas, na cultura do Apyãwa, quando a menina tem sua primeira menstruação, ela recebe outro nome.

O homem Apyãwa tem nome de registro no cartório. Na comunidade, ele troca o nome em várias fases da vida, por exemplo, da pré-adolescência até chegar a fase adulta, que compreende entre 16 e 18 anos, eles trocam de nome quatro vezes, ou seja, pode trocar mais vezes na cultura. Essa troca de nome para homens é permitida em outras fases da vida, quando se casar, quando tiver filhos ou filhas ou, dependendo da posição de liderança ocupada na comunidade, pode acontecer de ter que trocar de nome.

O menino Apyãwa muda de nome de acordo com a nossa cultura, acontecendo essa mudança durante os rituais elaborados na aldeia pela comunidade, deixando seu nome de criança que não poderá ser pronunciado pelas pessoas da aldeia. O nome novo é escolhido pelos mais velhos, ou seja, pelos avôs maternos ou paternos.

À noite, é divulgado esse nome através de um canto no terreiro da Takãra, chamando-se a atenção das pessoas para ouvi-lo, isso ocorre a partir das 18h30m. ou 19h00m. da noite.

Ao lado, o pai, a mãe e seu irmão e irmãs recebem outro nome novo, que vai ser pronunciado junto com o novo nome do rapazinho. A partir deste momento, não haverá mais o pronunciamento dos nomes velhos.

A partir desse momento, a convivência do rapazinho será a participação na vida mais adulta.

Por outro lado, a menina, durante a primeira menstruação passa por um longo tempo dentro da casa tomando cauim (chicha), sem comer qualquer outro alimento. Enquanto isso, a mãe e avó vão preparando os instrumentos para enfeitar a saída da menina como moça fora da casa.

À noite, da mesma forma do rapazinho, o nome novo da moça é divulgado e recebido junto com seus familiares. Esse nome também é escolhido pelos mais velhos ou pelos avós paternos e maternos.

Ao contrário do rapazinho, o nome de criança da moça poderá ser pronunciado pelos homens, de acordo com o costume.

Na nossa cultura, as pessoas passam por diferentes fases em sua vida e, em cada fase há a troca de nomes. Por isso mesmo, apresento o Quadro 02, que indica as diferentes fases da vida Apyãwa/Tapirapé, que são importantíssimas na vida de cada pessoa Apyãwa/Tapirapé, pois está mais de acordo com a nossa divisão das faixas etárias

Por isso mesmo, é muito importante na vida cotidiana do povo Apyãwa cada pessoa dos dois gêneros receber o seu nome próprio de criança. Assim, sucessivamente os nomes serão usados por cada faixa etária de geração em geração. Por isso mesmo, deixo um exemplo apresentado em forma de tabela das minhas próprias famílias que pertencem a minha mãe e do meu pai, estes nomes dos dois gêneros utilizando sequencialmente os nomes próprios.

Na primeira coluna do Quadro 02, estão os nomes de Konomĩ ‘menino’; na segunda coluna estão os nomes de Xyre’i’i ‘rapazinho’; na terceira coluna estão os nomes de rapaz, Awa’yao’i. Na 4ª. coluna, estão os nomes de Awa’yaoaxeakygetaxima’e, ‘rapaz que passou pela segunda iniciação’. Na 5ª. coluna, estão os nomes dos homens maduros e na 6ª. coluna, estão os nomes dos homens idosos, Mary.

Quadro 2: Nomes Pessoais Apyãwa/Tapirapé – Gênero Masculino

KONOMĨ	XYRE'I'I	AWA'YAO'I	AWA'YAO AXEAKYGETA XI MA'E	AKOMA'E XEWETE	MARY
Paxe'ãwa	Ararawytyga	Ima'awytyga	Kotare	Kamajrao	-
Apyawoo'i	Xawapikato	Ipaxyka	Koromi	Warinimytygi	-
Warakãja	Kaxanapio	Kamajrao'i	Ato'ã	-	-
Kaoreo/Pixo'i	Awarawyga	Xawapa	Makarore	-	-
Taxoko					
Amokori	Kamaira'i	Kararawore	-	-	-
Iao'i	Xaopoko'i	Arokomyo'i	Tara'i	-	-
Awoire	Komaoro'i	Okareaxowa			
Xiko'i	Kamoriwã	Arapaxigi	Wario	-	-
Wakaiwa	Xako'iapãri				

Fonte: Xario i Carlos Tapirapé, 2024.

O Quadro 03 está mostrando toda a sequência dos usos dos nomes que pertencem à família da minha mãe Ipawã, sendo que estes nomes vêm da nossa raiz Mareakãwa, principalmente os nomes masculinos. Na primeira coluna estão os nomes de *kotatai* 'menina'; na segunda coluna, estão os nomes das meninas *KoxamokoXemany'arera*. Na 3ª. coluna estão os nomes de *Koxamoko* 'moças'. Na 4ª. coluna estão os nomes de *Koxyxewete* 'mulheres maduras' e na 5ª. coluna, estão os nomes de *Wajwĩ* 'mulheres idosas'.

Quadro 3: Nomes Pessoais Apyãwa/Tapirapé – Gênero Feminino

KOTATAI	KOXAMOKO XEMANY'ARERA	KOXAMOKO	KOXYXEWEETE	WAJWĨ
Apitãja	Ataxowoo	Ataxowoo	Myka'i	Wexiro'i
Xiwyga	Ipawã	Ipawã	Xajrowi	-
Koxare	Ipa'ywa	Ipa'ywa	Ko'aaro	-
Koxa'ikato	Mytyga	Mytyga	-	-
Myta'yma	Pawygoo	Pawygoo	Marapy'i	-
My'a'i	Xe'akawygoo	Xe'akawygoo	-	-
Mywana	-	-	-	-
Emy'ã	Kato'ywa	Kato'ywa	Mareromyo	Wexiro'i
Tajpa'i	Koxamokopytyga	-	-	-

Fonte: Xario i Carlos Tapirapé, 2024.

Este Quadro 03, acima, está mostrando toda a sequência dos usos dos nomes que pertencem à família da minha mãe Ipawã. Estes nomes vêm da nossa raiz Mareakãwa, principalmente os nomes femininos.

Quadro 4: Nomes Pessoais Apyãwa/Tapirapé – Gênero Masculino

KONOMĨ	XYRE'I	AWA'YAO'I	AWA'YAO AXEAKYGETAX I MA'E	AKOMA' E XEWETE	MARY
Atopã	Kaorewygi	Axoromy	Etymywyga	-	-
Warapio'i	Xario'i		Maropawygoo	-	-
Tamora/Myryxi Tamanima	Orajre'i	Wataramy		-	-
Myroni	Patãri	Koria	Yrywaxã	-	-
Makaxi	Kamajra	Mykori	Ipaxyka'i	-	-
Kamaxiwi	Xajawytygi	Arakae	Xawaromy		
Tamanima	Iakymyty -wyga	Awaetepytyga	Wataramy		

Fonte: Xario i Carlos Tapirapé, 2024.

O Quadro 04, acima, está mostrando toda a sequência dos usos dos nomes que pertencem à família do meu pai Kaorewygi. Estes nomes vêm da nossa raiz Xario, principalmente, os nomes masculinos.

Quadro 5: Nomes Pessoais Apyãwa/Tapirapé – Gênero Feminino

KOTATAI	KOXAMOKO XEMANY'ARERA	KOXAMOKO	KOXYXEWETE	WAJWI
Mywygi/Tapa'i	Marapyxowi	Marapyxowi	Noxa'i	-
Marawawyga	Ataxowytyga	Ataxowytyga	Tarywajoo	-
Mare'i'i Apeywa'i/Ija'ã	Iparewao	Iparewao	Ypiwi'i	-
Taiwã	Eirowytygi	Eirowytygi	-	-
Mywana				
Myta'yma				
Imagatyro				

Fonte: Xario'i Carlos Tapirapé, 2024.

O Quadro 05, acima, está mostrando toda a sequência dos usos dos nomes que pertencem à família do meu pai Kaorewygi. Estes nomes vêm da nossa raiz, nossa avó Noxa'i, principalmente, os nomes femininos.

Este quadro demonstra, também, os cuidados de uso de outros nomes que pertencem à outras famílias. Por isso, é importante ter amplo conhecimento das histórias de nomes que pertencem a cada família, isso traz um conhecimento conforme a realidade Apyãwa, para não gerar uma confusão entre as famílias. Também os nomes não serão usados de qualquer jeito, não havendo uma troca de nome por vontade própria. Raramente, a pessoa escolhe um nome para usar como está ocorrendo atualmente, mas, sim, os nomes são recebidos de acordo com as fases de sua vida e de acordo com os nomes que pertencem

à sua família.

3.3 - Lista dos Nomes que pertencem à minha mãe Ipawewã Tapirapé (homens e mulheres)

Além dos quadros anteriores, fiz uma lista com todos os nomes que pertencem à família de minha mãe, tanto masculinos quanto femininos. Assim, também outros nomes pertencem à outras famílias e é muito interessante sempre recordar na memória os nomes que pertencem a elas para que, no futuro, cada família seja responsável pelos nomes da sua família.

Isso é muito importante para o povo Apyãwa para que, futuramente, cada família seja responsável de conhecer a história dos seus ancestrais e quais são os nomes que fazem parte da sua verdadeira coleção de nomes.

Quadro 6: Nomes que pertencem à minha mãe Ipawewã Tapirapé (homens e mulheres)

Akoma'ekwera Rera (Nomes Masculinos)	Koxywera Rera (Nomes Femininos)
01 – Kamajrao	01 – Emy'ã
02 – Paxe'ãwa	02 - Mareromyo
03 – Kotare	03 – Kato'ywa
04 – Ipaakywytygi	04 - Xiwyga
05 – Apyawoo'i	05 - Xajrowi
06 – Koromĩ	06 - Ipawewa
07 – Ato'ã	07 – Xi'ywa
08 – Paxawari	08 - Koxama
09 – Apyawaiwa	09 - Koxapa
10 – Warakãja	10 - Xerawi
11 – Kaoreo	11 - Mareapĩ
12 – Pixa'i	12 - Marawi
13 – Kararawore	13 - Taxao
14 – Wareapini	14 – Xe'akawygoo
15 – Taxoko	15 - Apitãja
16 – Makarore	16 – Wexiro'i
17 – Itarijao	17 – Myka'i
18 – Kamajra'i	18 - Tapiixi
19 – Okareaxowa	19 - Iraero
20 – Wataramy	20 - Ataxowoo
21 – Arapaxigi	21 – Taipaxowa/Xoreri
22 – Xako'iapãri	22 – Mareakawio'i
23 – Paxeapãra	23 – Karawi
	24 – Tajpa'i
	25 - Koxamokopytyga

Fonte: Xario'i Carlos Tapirapé, 2025.

3.4 - Lista dos nomes que pertencem ao meu pai Kaorewygi Tapirapé (homens e mulheres)

Além dos nomes da família da minha mãe, registro também como um exemplo dos nomes que pertencem ao meu pai. Por isso, fiz uma lista dos nomes que pertencem ao meu pai, tanto masculinos e quanto femininos.

Quadro 7: Nomes que pertencem ao meu pai Kaorewygi Tapirapé (homens e mulheres)

Akoma'ekwera Rera (Nomes Masculinos)	Koxywera Rera (Nomes Femininos)
01 - Atopã	01 – Tapa'i
02 - Kaorewygi	02 – Mywana
03 - Etymywyga	03 – Mywygi
04 - Teikwakyga	04 - Ataxowytyga
05 - Tyweri	05 – Marapy'i
06 – Tawaxare'i	06 – Myta'yma
07 - Tamora	07 – Noxa'i
08 - Myryxi	08 – Imagatyro
09 - Tamanima	09 – Mare'i'i
10 – Warapio'i	10 – Tarywajoo
11 – Xario'i	11 – Ija'ã
12 - Koria	12 – Ape'ywa'i
13 - Wataramỹ	13 – Mareaparyga
14 - Yrywaxã	
15 – Yrywi	
16 – Warikaxao	
17 - Xawatamỹ	

Fonte: Xario'i Carlos Tapirapé, 2024.

3.5- Lista de nomes recolhidos pelos antropólogos

Registro também que, naquela época antiga, houve diversas visitas realizadas pelos antropólogos que estudaram o povo Apyãwa. Porém, eles não perceberam que havia o processo de mudança de nomes pessoais conforme cada fase da vida. Eles registravam somente os nomes que até hoje são usados pelos Apyãwa, porém escrevendo de acordo com o seu conhecimento, cada nome que estava sendo usado no decorrer dos anos de 1935 até 1947 (BALDUS, 1935, p. 79 e 80). Apresento, a seguir, a lista destes nomes registrados por eles.

Quadro 8: Nomes registrados pelo antropólogo Baudus, em 1935

OS NOMES MASCULINOS	OS NOMES FEMININOS
Tenivuahava	Marãromyó
Kaunãvanvynhó	Ampitania
Vuirai	Kanuana
Kamairahó	Purangkâi
Kovyra	Tamparawi
Ikananchó	Maravi
Manopavyngghohó	Tanchahó
Kanchovani	Chavãvuyra
Urukumy	Tankaí
Anamó	Manãrii
Kurakú	Airuvitynga
Inamoreo	Tovanchinga
Kanió	Tamanuai
Maãyma	Monovipiruí
Kamairá	Marãmpa
Tanupanchoa	Mytynga
Manchoa	Kuchámokóantinga
Auvanchova	Tataanchoa
Komanchó	Âtãkantú
Kamanané	Mariampatyra
Chambekara	Kuaikantú
Changkoiampana	Changkoná
Anavuy	Anampaí
Manimé	Âirovi
Techipy	Mariampinió
Okanianchoa	Taipá
Panchápytingi	Myãrãi
Vuatanamy	Manchiró
Makauvanó	Marãkantú
Pauí	Tainpachoa
Karanchipá	Iparehungahó
Irimaukauhó	Chaãrovi
Manangkachá	Tantei
Avaniró	Uiná
Maãreã	Maravauinga
Kamoryvanghó	Tamparavautinga
Panchãavi	Kochirava
Vuamporaí	Tamparava
Kampytava	Ipateranchovi
Koroí	Antanchovitynga
Chavampykantú	Aokopetinga
Iravuy	Irumé
Manavangkó	Xiriva
Toripokó	Ananchiró
Okané	Marãampi
AuayaviTora	Tampravó
Chapoko	Amoanchovi
Etymiana	Vuananó

Vuanomanchí	Marachova
Panchiava	Manãaia
Vuanangkauna	Mareãmpavuynga
Kuraá	Choavãro
Kamãvynga	Ipayva
Manggambi	Pauyngó
Marinohó	Meí
Maky	Anãí
Panchaí	Ãirovytyngaho
Kanchuvanihó	Mypytyngí
Tyvãra	Echaí
Tampiri	Marãvuy
Yangkymytymynga	Myaí
Paranchoí	
Urukumy	
Kamorivuaui	
Auvanavynga	
Kamoriivangantuí	
Anavaní	

Fonte: BALDUS, 1970, p.

Quadro 9: Nomes registrados pelo antropólogo Baudus, em 1947

OS NOMES MASCULINOS	OS NOMES FEMININOS
Uparachoví	Tanimanó
Kamorivuaui	Mytyó
Tyvari	Kaí
Kaureonggi	Marãampa
Antopá	Amoá
Taká-Oancheparení-Anaí	Eirovytinghó
Tauey	Kochaikantú
Tauey	Iparevuaí
ImareuíPauió	Tainchovoí
Kanoioí	Marãampi
Pancheparení	Mareampayó
Imananaio	Marãavuy
Ingiangkymã	Iparamãí
Tanupaachoa-Kamanané	Tiauirova
Kamairahó	Ampitania
Akomai	Mikantú
Kanchuvanihó	Marãromyó
Chanangkantú-Auvangavua	Maeteraó
Ekonominchinga	Murió
Anangyó	Tamparaví
Irãpai	Eiroa
Vuatanamy	Tamananchoa
Anavaní	Eirowa-Chaeroí
Yvytú	Airuvitynga
Chauvananchoa	Mareampauangi
Hoangkoré	Aranembé

Tampiri-Chamaneyma	
Niakymitania	
Vuarita	
Ikorovantori	

Fonte: BALDUS, 1970, p.

Naquela época dos primeiros contatos, os não indígenas escreviam os nomes do Apyãwa da forma do seu conhecimento próprio, principalmente, os antropólogos que conviviam com os Apyãwa. Agora, tive a oportunidade de rever todos os nomes Apyãwa que não eram escritos de forma correta, assim, corriji cada nome deixando cada um de acordo com a grafia utilizada atualmente em cada nome.

Estes nomes ainda são usados pelo povo Apyãwa até os dias atuais, somente a grafia que mudou, conforme apresento abaixo:

Quadro 10: Nomes corrigidos com a grafia atual do Povo Apyãwa

OS NOMES MASCULINOS	OS NOMES FEMININOS
Tenywaãwi	Mareromyo
Kaorewygoo	Apitãja
Wyra'i	Karowaroo
Kamajrao	Porake'i
Kowira	Taparawi
Ikaraxo	Marawi
Maropawygoo	Taxao
Kaxowari	Xawe'i
Orokomy	Taka'i
Aramo	Maneri'i
Korako	Xajrowytyga
Inamore	Xowaxiga
Kanio	Tamane'i
Mae'yma	Monowipiro
Kamaira	Mareapa
Taropaxowa	Mytyga
Maxoware	Koxamokoaxiga
Awaxowa	Tataxowa
Komaxo	Atamaro'i
Kamarare	Mareapatyra
Xapekãra	Kowa'ikato
Xako'iapãri	Xakona
Arawyo	Arapa'i
Manime	Eirowi
Texipy'i	Mareapio
Okareaxowa	Taipa
Paxepytygi	Myere'i
Wataramy	Maxiro
Makawaro	Mareakato

Pawyni	Taipaxowa
Karaxipa	Iparexagato
Irimakwao	Xajrowi
Marakaxã	Tate'i
Awaerynoo	Wina
Maire'a'i	Marawawyga
Kamoriwao	Taparawytyga
Paxeawi	Koxyrawa
Wapora	Taparawa
Kapitomy'i	Ipatyraxowa
Koro'i	Ataxowytyga
Xawapikato	Awokopytyga
Irawyo	Irome
Marawako	Xiwyga
Toripoko	Anaxiro
Okare/Wararo	Marapi
Arawani	Taparawoo
Xaopoko	Amo'ãxowi
Etymiari	Maraxowa
Waromaxi	Toraja/Maneaja
Paxe'ãwa	Mareapawyga
Warakaona	Xowao
Kora'ã	Ipa'ywa
Etymywyga	Pawygoo
Maakapi	Me'i
Marynoo	Xapi'i
Marayky	Eirowytygoo
Paxa'i	Mypytygi
Are'i	Exa'i
Kaxowario	Marapy'i
Tyweri	My'a'i
Tapiri	
Iakymytywya	
Oparaxowi	
Orokomy	
Kamoriwao'i	
Awarawyga	
Kamoriwagato'i	
Arawani	

Fonte: Kamajrao Tapirapé, 2025.

Este quadro acima demonstra a transcrição correta de cada nome de Apyãwa que tive oportunidade de escrever e rever todos os nomes Apyãwa que não eram escritos de forma correta, assim, corriji cada nome deixando cada nome de acordo com a grafia utilizada atualmente em cada nome.

É muito interessante observar que os mesmos nomes continuam sendo usados pelo nosso povo Apyãwa desde 1935 até os dias atuais. Esse fato comprova o que estamos afirmando, que os nomes passam de geração em geração dentro de cada família.

3.6 - Os diferentes momentos em que cada indivíduo e outros membros de sua família podem e devem mudar o nome

O mais importante dos diferentes momentos em que cada indivíduo e outros membros da minha família podem, ou seja, devem mudar o nome ocorre a partir que um irmão ou uma irmã passam pela iniciação que chamamos PITYWERA, no caso das meninas, abrange a infância até a primeira menstruação. As meninas são chamadas de *kotataie*. Depois da primeira menstruação, são chamadas de *koxamoko*. No caso dos meninos, são chamados de *konomi*. Quando os rapazinhos passam pela primeira iniciação, são chamados XYRE'I'I: fase que vai desde a primeira iniciação até a segunda iniciação (aproximadamente entre os 9 a 12 anos).

Para o povo Apyãwa, desde muitos anos atrás, existe a nomeação porque sempre se fazia dessa maneira de acordo com a nossa cultura.

A nomeação é importante para nosso povo Apyãwa, significa que sempre celebramos a passagem de idade das pessoas. A nossa verdadeira forma de nomear as pessoas ainda se mantém fortemente e existe da forma da nossa cultura. Aliás, a nossa nomeação sempre foi respeitada pelo nosso povo Apyãwa/Tapirapé.

Porém, quando o povo coloca o nome nas pessoas, num primeiro momento, é importante perguntar para as pessoas mais velhas se o nome pertence à sua família ou não, se não, o nome não é colocado de jeito nenhum. Tem que colocar o nome da sua família, a qual pertencem os nomes da avó, do avô, bisavó ou de outros parentes de sua família. É assim a nossa regra.

Então, no momento que ocorre uma divulgação da nomeação de um rapazinho ou mocinha, os irmãos deles aproveitam o momento importantíssimo de ritual de mudança dos nomes, para mudarem também os seus nomes, de acordo com os nomes escolhidos pela sua família e seguir a sequência do seu próprio nome.

Na nossa cultura como povo Apyãwa/Tapirapé, também existe a separação de nomes. Existem nomes das crianças para meninos, meninas, rapazes e moças, idosos e idosas.

Na infância usamos o primeiro nome, pode ser um, quatro nomes ou mais, depende do nome da pessoa e quantos vão ter em sua vida. Assim, pode ocorrer com uma pessoa adulta. Pode ser chamado pelos quatro nomes que possui, mas não de qualquer jeito. Cada pessoa tem o ciclo de vida, então no decorrer do tempo de sua vida, vai usar todos os nomes que possui.

A pessoa que é responsável pela nomeação grita no centro da aldeia no pátio da TAKÃRA (casa cerimonial) para que o povo ouça, expressando o nome para o povo. Grita e chama atenção de todas as pessoas da aldeia, chamando tal pessoa pelo novo nome, porque aquele nome é o que vai ser usado. A pessoa que é responsável pela nomeação pode nomear qualquer pessoa, até mesmo ele pode nomear si mesmo colocando o seu novo nome. É o momento também de uma liderança importante de receber de surpresa a divulgação do seu novo nome, de uma pessoa que foi responsável pela nomeação dele.

É assim que nós praticamos a nomeação de acordo a nossa verdadeira identidade étnica Apyãwa/Tapirapé.

3.7 - As diferenças e igualdades nas mudanças de nomes entre homens e mulheres Apyãwa

É importante explicar que o meu povo Apyãwa apresenta algumas diferenças e igualdades nas mudanças de nome entre homens e mulheres Apyãwa, devido que a cultura da regra dos nomes não permite, mas, se algum tempo passar, o nome da pessoa pode ser repetido, tanto nomes de homens quanto das mulheres.

Por isso mesmo, para o povo Apyãwa/Tapirapé, a nomeação é uma parte da cultura muito especial na vida e valorizada. Usamos a nomeação para identificar e diferenciar as pessoas. É muito importante chamar a pessoa pelo nome. Através da nomeação compreendemos quem é a pessoa, de onde veio, quantas são, quais seus antepassados. A nomeação é utilizada para saber qual a árvore genealógica inteira de uma pessoa ou de uma família.

Por exemplo, quando uma pessoa é nomeada, sabemos que está usando o nome dos seus antepassados. Às vezes, até esquecemos os nomes e só relembramos quando alguém da família é nomeado ou chamado pelo tal nome. Quando lembramos falamos:

– Ah!!! É o nome do pai, avô, bisavô ou tataravô dele. Às vezes, uma pessoa usa o nome da parte da sua mãe. Todos nós sabemos que existem avó e avô materno, existem também avó e avô paternos. Então, sabemos que, o que ocorre com a gente é o mesmo que ocorreram com nossos avôs, bisavôs e tataravôs.

Em uma comunidade como, por exemplo, do povo Apyãwa/Tapirapé, que sempre lutou para manter a cultura viva, essa questão de igualdade entre os homens e mulheres é respeitada pela comunidade Apyãwa. Em relação à troca de nome da mulher Apyãwa se dá a partir da primeira menstruação. Essa identidade é um ponto de referência para a mulher

ser reconhecida na comunidade, demonstrando que já é uma moça e já está pronta para assumir as responsabilidades de uma casa. E, a partir dessa fase, a moça Apyãwa começa a se preparar para se casar, como descreve Paula (2014, p. 244):

A passagem de idade das meninas é celebrada por ocasião da primeira menstruação quando também ocorre troca de nome, passando a ser considerada *koxamoko* (mocinha). Ao notar os sinais da menarca, uma menina deve avisar sua mãe, tias ou avós e, imediatamente, começam os preparativos para sua reclusão. As pessoas da aldeia também são avisadas a respeito da menstruação da garota, fato recebido com alegria por todos. Uma rede é preparada para ela se deitar durante os dias em que durar a perda do sangue menstrual. Seu corpo é todo recoberto com tinta de jenipapo e ela só poderá ingerir cauim durante estes dias.

Quanto aos homens, não é diferente, eles passam por quatro fases de vida, da pré-adolescência que se inicia a partir dos oito e dez anos de idade até completar seus dezoito anos, nesse período, eles trocam de nomes quatro vezes. É também uma referência na comunidade essas mudanças de fases de vida. Tanto o homem Apyãwa, quanto a mulher tem seu valor e seu respeito na comunidade. Isso faz a diferença para se manter a cultura viva entre o povo Apyãwa.

3.8 - O Ritual e o Canto da Mudança de Nome

A Takãra é uma grande casa cerimonial que fica localizada no meio da aldeia Tapi'itãwa. A aldeia é composta por casas dispostas em círculo ao redor da Takãra. É nesta casa cerimonial que realizamos todos os nossos rituais festivos tradicionais. É o local apropriado para se contar história antiga, de realizar uma reunião, de ensinamento dos jovens nos diversos trabalhos realizados pelos homens ou lugar de uma convocação e decisão de um assunto importante, de modo tradicional. Ela é o principal eixo da organização social do nosso povo Apyãwa/Tapirapé que, atualmente, ainda a nova geração continua mantendo fortemente, inclusive o ritual de nomeação de pessoas da comunidade.

Por isso mesmo, a divulgação dos nomes novos do povo Apyãwa sempre foi realizada no terreiro da **TAKÃRA**. Também não se deve deixar passar os dias, tem prazo certo do dia da nomeação, por exemplo: um dia, já pode avisar com antecedência um sábio que é responsável pela nomeação das pessoas.

A regra da divulgação de nomeação das pessoas sempre ocorre a partir das 18:30h até às 19:30h, isso também depende da quantidade, quanto mais pessoas são nomeadas mais

tempo leva para terminar. Se apenas uma pessoa é nomeada, mais cedo termina o ritual de nomeação.

Os rituais mais demorados são para entoar os nomes de cada rapazinho, devido a que os rituais dos meninos das mesmas fases de iniciação são realizados com maior número de meninos, com aproximadamente quinze rapazinhos ou mais.

A divulgação de nomeação sempre foi através de um canto no terreiro da **TAKĀRA**, chamando-se a atenção das pessoas da comunidade para ouvi-lo.

Esse canto é entoado da seguinte maneira:

TeraMamaãwaMarakã

Peapyakããããã;
Peapyakããããã;
A'e teweeeeee;
A'e teweeeeee;
Myka'i teweeeeee;
Myka'i wexymymino'ireanogiiii;
Apitãjaamatixowiiii;
Myka'ipexeixoperanooooo;

Este canto próprio da nomeação é entoado pelo sábio, quando a menina está passando pela primeira menstruação da moça.

Peapyakããããã;
Peapyakããããã;
A'eteweeeeee;
A'eteweeeeee;
Paxawariteweeeeee;
Paxawariwexymymino'ireanogiiii;
Waxoreamatixowiiii;
Paxawaripexeixoperanõõõõõ;

Essa nomeação é entoada pelo sábio para os meninos que estão passando para outra fase da vida, denominada Xyre'i'i.

Sempre ocorre a divulgação do nome quando se inicia o anoitecer. O nome é entoado através de um canto especial, com a participação das suas famílias, ao lado, o pai, a mãe e seus irmãos e irmãs recebendo outros nomes novos que vão ser pronunciados junto com o novo nome do rapazinho, sem haver mais o pronunciamento dos nomes velhos.

A partir desse momento, a convivência do rapazinho será a participação na vida mais adulta.

Por outro lado, a menina, durante a primeira menstruação passa por um longo tempo dentro da casa tomando somente cauim (chicha) sem comer qualquer outro alimento. Enquanto isso, a mãe e a avó vão preparando os instrumentos para enfeitar a saída da menina como moça fora da casa.

À noite, da mesma forma do rapazinho, o nome novo da moça é divulgado e recebido junto com seus familiares. Esse nome também é escolhido pelos mais velhos.

Ao contrário do rapazinho, o nome de criança da moça poderá ser pronunciado pelos homens, menos os irmãos delas, que continuam a chamando com o nome novo, de acordo com o costume Apyãwa.

É um ritual engraçado, pois o sábio que coordena o ritual pode entoar no mesmo canto, uma palavra de atenção para não ocorrer o risco de fazer uma coisa errada, por exemplo: o caso da moça, pode acontecer de tomar o marido da sua irmã mais velha ou tomar o marido da sua tia ou mexer com outra coisa ruim e, na parte do rapaz, também pode acontecer isso. Devido a isso, esse canto antecipa esse conselho, entoando dessa forma para não acontecer isso futuramente com eles. Aliás, o sábio pode pronunciar e entoar o canto usando a palavra neto ou neta se for nomeação dos seus netos.

3.9 - Os nomes que eu já usei

Quando a minha mãe teve pela primeira vez a sua gravidez, no decorrer dos meses passando, o bebê já começava a receber aconselhamento quando está no ventre da mãe pela sua avó quando for menina, quando for menino também. Assim aconteceu com minha mãe grávida.

Imaginaquando começar a sentir a dor de nascimento com essa orientação toda, o espírito da criança já sabe o que irá acontecer, ou seja, para nascer bem da sua mãe.

Por isso mesmo, é obrigatório para os dois cônjuges cumprirem corretamente toda essa demanda da dieta e vários cuidados, como por exemplo: o homem não pode cortar lenha, não pode tirar escama dos peixes e a mulher não pode cortar o peixe na hora de cozinhar, entre outras recomendações.

Antes disso, a minha avó preparava o meu nome de criança para, na hora de nascimento, já receber o meu nome.

Esta nomeação que recebi é das duas famílias que formaram uma mesma família, tanto do lado paterno e quanto do materno, por exemplo:

Sendo avós paternos: Arowaxeo'i Tapirapée Dona: Noxa'i Tapirapée avós maternos: Arapaxigi Tapirapée Dona: Ataxowoo Tapirapé, quando nasci, fui nomeado pela minha própria avó, **NOXA'I**, no meu primeiro dia de nascimento, sendo que esta nomeação recebi da parte do meu pai, quanto da minha mãe, e o ato de nomear ocorreu dentro de casa da minha mãe.

Por isso mesmo, o meu primeiro nome de criança é **WARAPI**, todas as pessoas que me visitaram no nascimento saíram com consciência de decorar o meu nome, principalmente, as mulheres.

Em seguida, durante a minha vivência de menino até chegar numa fase que vai desde a primeira iniciação até a segunda iniciação (aproximadamente entre os 9 a 12 anos de idade), que é Xyre'i'i, recebi o segundo nome de **XARIO'I**, prosseguindo a sequência dos meus nomes próprios que este nome recebi foi da parte da minha mãe Iparewã.

A partir desse momento, tive que cumprir mais uma missão, pois tive de continuar a deixar o meu cabelo crescer, isso tive que obedecer a tudo corretamente, para passar ainda para outra fase. Por isso, tive que esperar um ano, esperando o tempo certo com grande expectativa de acontecer o ritual de **XIWEWEXIWEWE** de passagem masculina. Neste ritual, me pinte com jenipapo de preto até no pescoço e cortei o meu cabelo no local onde acontece o ritual.

Portanto, ainda tive que cumprir nesse dia a minha dieta, sem comer nenhuma carne e nem tomar água, só tomando o mingau de chicha (*kawi*) durante um dia inteiro e, já no outro dia, mais uma vez recebi a terceira nomeação própria dessa fase que foi o nome **KORIA'I**, divulgado no início da noite para as pessoas ouvirem o meu novo nome desta fase que abrange o período entre a segunda iniciação e a terceira iniciação. Corresponde ao período da adolescência.

Em seguida, ainda tive a maior expectativa e responsabilidade de passar para outra fase da vida que é o ritual que marca a terceira iniciação masculina, a Festa do Rapaz. A partir deste ritual, o rapaz é considerado adulto.

Nessa fase, novamente recebi a quarta nomeação de **YRYWAXÃ**, devido que fiz a minha festa de rapaz, por isso, é muito importante cumprir todo o processo de mudança de cada fase da vida recebendo nomeações desde o meu nascimento, para ocorrer bem a sequência da nomeação do meu nome original, para não haver nenhuma reclamação de outra família, devido que estes nomes não foram recebidos de qualquer jeito.

A partir deste momento, ao percorrer os anos da minha vida, não havia mais outra nomeação. Em 1998 a 1999, assumi a função de cacique na aldeia Majtyri, que tive que deixar devido ao acontecimento da minha irmã. Quando ocorreu o falecimento dela no final do ano de 2000, tive que deixar este cargo, porque tivemos que mudar com a nossa família toda para a região de Urubu Branco, onde a minha irmã foi sepultada e essa sepultura dela não queríamos que ficasse abandonada, isso não é permitido de jeito nenhum, a regra da cultura Apyãwa é sempre cuidar bem do nosso cemitério da família.

Chegando na região de Tapi'itãwa, mais uma vez recebi uma grande confiança depositada pelo povo que escolheu a minha pessoa novamente como cacique, isso ocorreu no ano de 2006.

Durante estes anos da minha permanência como cacique, os sabedores da nossa identidade étnica, principalmente os sábios, tiveram, naquela época, umas conversas particulares deles, para me fazer uma surpresa de nomeação, devido que eles observavam a minha postura particular, a minha atitude, responsabilidade ou o jeito de respeitar as pessoas, dizendo que eles se lembravam da postura e atitude dos nossos verdadeiros caciques dos nossos antepassados.

Por isso mesmo, eu recebi a quinta nomeação de **KAMAJRAO** pela postura, atitude e responsabilidade, na qual o mesmo **KAMAJRAO**, o meu avô, o líder mais importante daquela época, era muito respeitado pelas pessoas do nosso povo Apyãwa, por exemplo: nunca falava mal do povo dele, nunca brigou com outra pessoa, as atividades realizadas eram sempre de alegria, isso demonstrei na minha gestão como cacique da nova geração Apyãwa sem ter nenhuma confusão contra o meu povo. Tive que cumprir toda a hierarquia do verdadeiro chefe do nosso povo. Isso me fez tão feliz, devido que a minha família deu um bom aconselhamento na minha vida, para não haver nenhum problema com o meu povo, ou seja, não haver o problema com minha pessoa.

Assim, fui recebendo a nomeação em cada fase da minha vida, o mais importante que me deixou tão emocionado na minha vida, foi receber o nome famoso de **KAMAJRAO**.

3.10 - Lista dos nomes e identificação da fase, a circunstância e o período em que se usa cada nome

Para identificar cada fase da minha vida, tive que fazer a minha lista das minhas próprias nomeações, em qual período usei cada nome, o que é muito importante na minha vida particular, pois está mais de acordo com a nossa verdadeira divisão das faixas etárias:

1º. Nome – Warapi: Fase PITYWERA: abrange a infância até a primeira iniciação masculina. Os meninos são chamados de *konomi*;

Quando a minha mãe teve o primeiro filho dela, os meus avôs se reuniram, tanto os meus avôs paternos e quanto os meus avôs maternos se reuniram antes do meu nascimento para escolher o meu nome, pois, no dia nasci, já recebi o meu primeiro nome de Warapi que foi escolhido pelos meus avôs paternos da parte do nome do meu pai e também da parte da minha mãe, devido que é a mesma família.

Figura 23 - Imagem da minha infância na Aldeia Orokotãwa



Fonte: Arquivo das Irmãzinhas de Jesus (1973)

Esta foto é da minha mãe Ipawã, eu quando era menino me chamava Warapi, o meu nome de criança e minha irmã Myta'yma que está no colo de minha mãe.

2º. Nome– Xario’i: Fase XYRE’I’I: fase que vai desde a primeira iniciação até a segunda iniciação (aproximadamente entre os 9 a 12 anos);

Dando a sequência de recebimento de nomes, durante estes anos todos esperando o meu segundo nome, tive que ter muito paciência de espera, aguardando a minha passagem de vida para outra fase, sabendo que, um dia, chegaria a minha vez de passagem, a qual ocorreu, naquela época, quando houve a nova construção da TAKÃRA (Casa Cerimonial), os meus pais e meus avôs, de novo se reuniram para confirmar se tinha direito de passar para outra fase.

Cumprindo a decisão tomada com seriedade por parte deles, aproveitei esta oportunidade de cumprir toda a maneira de convivência nessa fase. Por isso mesmo, não há nenhuma dúvida quando recebi o segundo nomeação Xarioi’i, nome dado pelos meus pais e avôs, que ocorreu no ritual de nova construção da TAKÃRA.

A divulgação da nomeação pelo sábio é na boquinha da noite, das 18:30h até às 19:30h, e sempre ocorrerá através de um canto no terreiro da TAKÃRA, chamando-se a atenção da comunidade para ouvi-lo.

Nesse momento, todas as pessoas das minhas famílias estavam presentes para ouvir o meu novo nome de rapazinho, sem haver mais o pronunciamento do nome velho.

A partir desse momento, a minha convivência foi a participação na vida mais adulta. Dessa maneira, passei para outra fase da vida, recebendo o meu segundo novo nome de Xario’i.

Figura 24 - Menino passando para fase de Xyre’i’i



Fonte: Demilson Makarore Tapirapé, 2015.

Esta foto do meu neto Arokomyo'i está me representando, pois ele está passando para outra fase da vida dele que é Xyre'i'i, nesta fase também muda o seu nome, uma vez que passei também nessa fase mudando o meu novo nome.

3º. Nome – Koria'i: AXE'ATOWAKÃRA MA'E: esta fase abrange o período entre a segunda iniciação e a terceira iniciação. Corresponde ao período da adolescência.

Ainda tive que continuar cumprindo a regra de passagem para outra fase da vida, porque a passagem da vida na cultura Apyãwa é obrigação, sem passar nenhuma dessa fase a cultura Apyãwa não permite de jeito nenhum. Por isso, é muito importante os meninos Apyãwa passarem em cada fase da sua vida, cumprindo o modo correto de nomeação de cada fase da vida, isso foi cumprido durante a minha vida, o processo de nomeação em cada fase.

Passei para esta fase quando aconteceu o ritual de XIWEWEXIWEWE, é um ritual principal de passagem da vida para outra fase que acontece no mês de junho. Para passar nessa fase, nesse dia, tive que me pintar o corpo inteiro até o pescoço, tudo de preto e ainda tive que cumprir nesse dia a dieta principal, só tomando o mingau de arroz durante um dia inteiro e a noite inteira, ainda sem tomar água e nem comer nenhuma carne. Só no dia seguinte, quando tive que pintar o meu cabelo com urucum, de vermelho, foi autorizado novamente o alimento específico que iria consumir.

Nesse dia, no mesmo horário, ocorreu a divulgação do meu terceiro novo nome de Koria'i, isso nós Apyãwa/Tapirapé chamamos de “axe'atowakaraherã”, através de um canto que aconteceu no mesmo horário que aconteceu na minha segunda nomeação.

Figura 24: Xyre'i'i passando para outra fase que corresponde ao período da adolescência



Fonte: Kamajrao Tapirapé, 2023.

Estas fotos dos meus sobrinhos Wyra'ywa e Tawy estão me representando, pois foram tiradas quando eles estavam passando para outra fase da vida deles, que é Axe'ätowakarama'e, mudando também o seu nome deixando o seu nome de Xyre'i'i, uma vez que passei também nessa fase deixando o meu nome de Xyre'i'i para o meu novo de Axe'ätowakarama'e.

4º. Nome–Yrywaxã: AXEAKYGETAXI MA'E: o ritual que marca a terceira iniciação masculina, a Festa do Rapaz. A partir deste ritual, o rapaz é considerado adulto;

Em seguida, tive que cumprir mais ainda a regra de passagem obedecendo todo o aconselhamento dado pelos meus pais e avôs a respeito da sequência do meu ritual que iria me considerar, a partir deste momento, adulto. Por isso mesmo, neste momento, tive que deixar o cabelo crescer para poder passar para essa fase da minha vida.

Enquanto isso, antes de acontecer o meu ritual de passagem de fase da vida, a minha mãe e a minha avó foram preparando os meus instrumentos para me enfeitar nesse meu ritual de passagem, que é muito importante para mim e, além disso, também são preparadas várias plumagens coloridas que usei nessa minha festa do rapaz.

Por isso mesmo, ainda neste momento, tive que cumprir corretamente a minha dieta de alimentação, por exemplo: para cumprir a regra de comer carne e peixe, tive que esperar seis meses, mas, para comer a carne de aves, levei mais tempo, mais de um ano. Tudo isso, sem dúvida nenhuma, tive que cumprir para não acontecer uma coisa ruim na minha pessoa. Então, é muito importante passar por esta fase que na cultura Apyãwa permanece viva. Sem fazer isso, pode acontecer algo ruim com o rapaz.

Realizando essa minha passagem, tive que receber o meu quarto novo nome de Yrywaxã, uma vez que este nome pertence à sequência do meu ritual de passagem do rapaz, quando fui considerado adulto e que foi divulgado pelo sábio que sabe entoar este canto. Este canto não é entoado por qualquer pessoa, somente pela pessoa que conhece este canto do ritual.

Também vou citar que, nessa minha passagem da vida, tive que obedecer a tudo aquilo que os meus pais me aconselharam, devido que essa passagem minha é para cumprir aquilo que os homens Apyãwa fazem, porque essa é a minha preparação, uma vez que, futuramente, eu posso ser um homem conhecedor da cultura Apyãwa, aliás, posso ser um homem inteligente sem depender do meu pai, isso pode ocorrer quando tive o meu casamento.

Por isso, desde os nossos antepassados, essa preparação dos rapazes é muito importante na vida cotidiana Apyãwa, ou seja, na vida de cada um deles, principalmente, na preparação individual dos rapazes.

Dessa forma, recebi a minha quarta nomeação através do meu ritual de passagem.

Figura 25 - O ritual que marca a terceira iniciação masculina, AXEAKYGETAXIMA'E



Fonte: Serge Guiraud, 2017

Esta foto do meu primo Waeramy está me representando. Quando eles fazem a festa de rapaz, passando para outra fase adulta, o rapaz é considerado adulto e, também, deixa o seu nome da fase anterior, Axe'ãtowakara hera, passando para o seu novo nome de Axeakygetaxi hera. Passei pelo mesmo processo dele, para ingressar nessa fase adulta e usar o meu novo de Xexeakygetaxi hera.

5º. Nome - KAMAJRAO: Este nome foi recebido porque os mais velhos lembraram do meu avô KAMAJRAO, que era uma grande liderança do povo Apyãwa e tinha perfil muito respeitado como Cacique Apyãwa.

Durante toda a minha vida e da minha convivência junto com a comunidade participando das diversas realizações das atividades trabalhadas pelo meu povo Apyãwa/Tapirapé, tive uma grande oportunidade pela confiança depositada na minha

pessoa, ao ser escolhido como Cacique, isso ocorreu nos anos de 1998 a 1999, na aldeia Majtyri.

Devido à perda de uma pessoa de minha família que ocorreu naqueles anos, o falecimento da minha irmã, deixei este cargo para outra pessoa, tive que mudar de lá para a aldeia Tapi'itãwa, para cuidar do cemitério da minha irmã, uma regra na qual a cultura Apyãwa permanece.

Nessa aldeia Tapi'itãwa sempre continuei ativamente acompanhando as atividades comunitárias realizadas pelo nosso povo. Com isso, tive ainda mais oportunidade de ganhar a minha credibilidade e confiança, mostrando a minha capacidade de inteligência, mostrando a minha atitude e, mais uma vez, fui indicado como Cacique Geral do meu povo Apyãwa.

Com a observação da minha atitude, do meu perfil e da minha postura, tive ainda mais oportunidade e confiança e, por isso, pude renovar o nome de Kamajrao que era uma grande liderança daqueles anos atrás. Por isso mesmo, este nome de Kamajrao recebi através dos sábios, isso me deixou tão emocionado naqueles anos, porque tive que cumprir o meu jeito de ser como Kamajrao do jeito que era o perfil de Kamajrao daquele século passado. Tudo isso, do perfil do Kamajrao, também atualmente, mostrei este meu perfil da verdadeira liderança Apyãwa daqueles anos, com isso ganhei este famoso nome Kamajrao.

Com isso, este nome Kamajrao foi escolhido pelos meus avôs para poder renovar este nome diante do fato que demonstreia mesma atitude do meu avô Kamajrao do passado.

Figura 26 - A minha verdadeira formação como cacique Apyãwa



Fonte: Demilson Makarore Tapirapé, 2013.

Esta minha foto demonstra claramente a minha responsabilidade, atitude e perfil, de forma respeitosa, sendo observado o meu caráter pelos especialistas e pelos sábios quando, nesse ritual, o ritual que entoei foi Kapitâwa Takâra Rawajxakâwa Kwajtâwa e entoei corretamente, sem errar nenhuma palavra do canto.

Logo após, eles me surpreenderam ao me aprovar em frente de todas as pessoas que estavam presenciando esta festa, dizendo que eles sabiam que eu tinha uma postura muito diferente das outras lideranças que passaram, uma vez que ocupei desde jovem uma função muito importante, de cacique geral Apyâwa e eles me aprovaram, pois se lembraram que eu tinha um avô antepassado, chamado Kamajrao que era grande liderança daquela época e, com isso, eles me deram este mesmo nome do meu avô devido ao mesmo perfil que ele tinha.

6º. Nome - XYWA'I: Este nome foi recebido quando o meu neto passou para outra fase de vida que é XYRE'I.

Os meninos recebem um nome em cada fase da vida – infância, adolescência e adulto, que segue uma hierarquia, o nome do avô na infância será mantido como o nome do filho e, também, do neto. É uma forma de preservar o nome e dar prestígio à família também, esse é o procedimento que se dá na nomenclatura do povo Apyâwa/ Tapirapé.

Por isso mesmo, é muito importante assumir a minha nova nomeação, esta que recebi atualmente após passar alguns anos, devido a que o meu neto ainda estava pequeno. Quando ele foi aproximando da idade de passagem de vida dele, os meus pais já estavam preparando o meu novo nome.

Por isso, na passagem da vida do meu neto, quando ele deixou o seu nome de criança Waxore para Paxawâri, eu também tive que mudar novamente o meu nome para Xywa'i que recebi naquele momento, aproveitando a divulgação da nomeação do novo nome do meu neto.

O último nome que, até o momento, não usei é Kotare, devido a que ainda não permaneci no grupo de idade dos homens idosos, mas quando eu estiver nesta idade, com certeza, irei mudar para o meu último nome Kotare.

Esclareço também que, para todos os meninos da mesma fase da vida, é realizado o seu ritual de passagem que é muito importante para cada um deles.

Dessa forma recebi o meu último nome diante do meu neto que passou para a sua primeira passagem da sua vida.

Figura 27 - A minha foto presenciando Marakayja



Fonte: Ipaxyka Tapirapé, 2023

Esta minha foto está mostrando o caráter Apyãwa e ativo na festa de Marakayja, é um ritual de passagem da vida do rapaz para ser um homem adulto.

Quadro 11: A sequência do meu repertório de nomes

FASES DE VIDA DE AKOMA'E	SIGNIFICADOS SOCIAIS	MEU REPERTÓRIO DE NOMES
XE KONOMÍ RERA	Abrange a infância até a primeira iniciação.	Warapi
XE XYRE'T'I RERA	Fase que vai desde primeira iniciação até a segunda iniciação.	Xario'i
XE AWA'YAO'T'I IXE'ATOWAKĀRA RERA	Esta fase abrange o período entre a segunda iniciação até a terceira iniciação.	Koria'i
AWA'YAO	A terceira iniciação é a fase que é marcada pela festa do rapaz. A partir deste ritual, o rapaz é considerado adulto.	Yrywaxã
KAPITĀWA RAMŌ XERERAKĀWA	Minha nomeação através do meu perfil e atitude semelhante ao meu avô do passado.	Kamajrao
AWAXEWETE OU MARYKE'YRA	Fase da vida do homem adulto ou maduro.	Xywa'i
AWAXEWETE'I OU MARYKE'YRI	Fase de homem idoso.	Kotare

Fonte: Kamajrao Tapirapé, 2025.

3.11 - A razão por ter recebido cada repertório de nome

Cada troca de nome que o povo Apyãwa/Tapirapé usa, representa uma etapa simbólica na comunidade, tanto para o homem quanto para a mulher. Isso representa uma garantia da cultura viva, percebendo o valor atribuído a cada pessoa.

As trocas de nome são motivo de festejarmos o crescimento do conhecimento recebido dos mais velhos e o valor recebido da família e da comunidade, mostrando para o mundo o que é viver em comunidade! Isso sim é entender o que é a cultura de um povo originário. Por isso mesmo, é muito importante a preservação das nossas identidades étnicas que é o aspecto mais principal de nossa cultura, valorizando o que é nosso verdadeiro nome que levamos a usá-los de geração em geração para que posamos manter os nossos nomes vivos.

3.12 - Os diferentes antepassados que já usaram cada nome. Em que época viveram, que função eles exerceram na sociedade.

Os diferentes antepassados do povo Apyãwa/Tapirapé, tanto os homens quanto as mulheres tinham um papel importante na comunidade. Os homens assumiam cargo de liderança quando acontecia a troca de nomes, isso era um marco referencial e de grande respeito na comunidade.

Essas funções que as pessoas exerciam na sociedade do povo Apyãwa/Tapirapé permanecem até os dias atuais. Isso faz a diferença no sentido de manter a cultura viva.

Por isso mesmo, a manutenção da cultura Apyãwa ainda permanece fortemente, isso também é repassado de geração em geração para não acabar a nossa verdadeira cultura, isso também fortalece muito na nossa luta, tanto na educação, quanto na saúde, na questão fundiária e outros aspectos presentes em nossa vida.

Contar as histórias dos antepassados que usaram os seus nomes é uma forma muito bonita e poderosa de manter viva a memória do povo e fortalecer a identidade cultural.

Entre o povo Apyãwa/Tapirapé, o nome não é apenas uma palavra, mas carrega a força, a memória e o espírito de quem o teve antes. Quando uma pessoa recebe o nome de um antepassado, ela também herda um pedaço da sua história, dos seus feitos e do seu modo de ser.

Por isso, contar as histórias dos antepassados que usaram esses nomes é uma forma de honrar a memória deles e ensinar às novas gerações o valor dos nomes e das pessoas

que os carregaram. Essas narrativas ajudam os mais jovens a compreender quem são, de onde vêm e qual é o papel que podem ter dentro da comunidade.

Essas histórias também mantêm viva a língua, os valores e as tradições do povo, reforçando a ligação entre o passado, o presente e o futuro.

Os antepassados Apyãwa viveram em diferentes épocas, muito antes da chegada dos não indígenas ao território. Nos tempos antigos, o povo Apyãwa vivia em várias aldeias espalhadas pela região do Araguaia e do rio Tapirapé, vivendo da caça, da pesca, da agricultura e do convívio comunitário.

Cada pessoa tinha uma função importante dentro da sociedade. Havia os caciques e conselheiros, responsáveis por orientar o povo e tomar decisões coletivas. Os pajés cuidavam da saúde espiritual e física, fazendo curas, cantos e rituais que mantinham o equilíbrio entre as pessoas e a natureza. Os guerreiros protegiam o território e a aldeia em tempos de conflito.

As mulheres exerciam papéis essenciais: eram responsáveis pela roça, pela alimentação, pelos cuidados com as crianças e pela transmissão da língua e das tradições. Também participavam dos rituais e das decisões comunitárias, mantendo viva a cultura.

Os anciãos eram e continuam sendo os guardiões da memória e da sabedoria, contando as histórias antigas e ensinando os mais jovens sobre o modo de ser Apyãwa.

Assim, ao contar as histórias de nossos antepassados em que épocas viveram e quais funções exerceram, mantemos viva a memória do povo Apyãwa e reconhecemos o valor de cada um que ajudou a construir nossa história e nossa cultura.

3.12.1 HISTÓRIA DE KAMAJRAO

Para ter uma informação certa sobre a história de Kamajrao, tive que pedir uma ajuda dos meus pais, Kaorewygi Tapirapé, de 86 anos de idade e Ipawã Tapirapé, de 64 anos de idade, moradores mais velhos da aldeia Tapi'itãwa, que se dispuseram a colaborar comigo a respeito da história de Kamajrao.

O meu nome atual foi usado pelo meu avô, que liderou o povo em meados de 1932. Kamajrao, naquele século passado, historicamente era o dono de banquinho especificamente usado por ele, quando ele era principal liderança em Tapi'itãwa. Onde estava esse líder mais importante dos Tapirapé, lá com ele sempre estava também o assento de madeira como se fosse um símbolo de dignidade.

Kamajrao, naqueles anos atrás, era grande líder Apyãwa, sendo que ele mostrava a sua importância e responsabilidade e respeito para a comunidade, com isso, ainda mais o seu povo acreditava muito nele, dando total apoio. Por isso mesmo, o meu avô Kamajrao tinha liberdade total de determinar o envio de todos os homens em qualquer atividade realizada, por exemplo: preparação de um lugar escolhido, uma grande roça destinada ao uso pessoal dele.

Além do líder, ele era também grande chefe cerimonial e era líder do seu grupo familiar. Por isso mesmo, o povo Apyãwa pode contar, naqueles anos, historicamente, com Kamajrao que foi um dos melhores líderes Apyãwa, assumindo o cargo importantíssimo de cacique.

Com esse grande desafio dele, em respeito pelo seu povo, assumiu este cargo deste rapaz demonstrando a sua atitude, ou seja, o seu comportamento de respeito por qualquer pessoa individual, ainda mais pelo coletivo, era imenso respeito por ele, tudo isso o meu avô Kamajrao cumpria o seu compromisso de comportamento de respeito da sua autoridade demonstrando o papel importante de um verdadeiro caráter de líder Apyãwa.

Com essa competência toda de sua autoridade, ele foi o fundador da aldeia chamada Xakyrywatãwa. Com a abertura desta nova aldeia, rapidamente, a aldeia Xakyrywatãwa cresceu com a maior população devido à mudança da aldeia Tapi'itãwa. Porém, este rápido crescimento da população desta aldeia se deu através de um líder herói chamado Kamajrao que era uma das melhores lideranças Apyãwa daqueles séculos passados.

Esse potencial de administração da família de Kamajrao que, historicamente, já vem assumindo este cargo importante de líder desde que a ancestralidade da sua família ocupava este cargo e, com isso, esta família ia passando este cargo de líderes, de geração em geração, por exemplo: passando para seu filho mais velho ou mais novo. Assim, sucessivamente, a família de Kamajrao tinha liberdade ocupando este cargo, sem haver nenhuma outra pessoa de outras famílias para assumir a chefia.

Figura 28 - O líder mais famoso chamado Kamajrao



Fonte: Baldus, 1932.

Esta foto é do líder mais importante na história Apyãwa, Kamajrao. Ele foi um herói famoso como cacique, liderando o seu povo naquele século passado. Até hoje este nome Kamajrao é sempre lembrado como um líder mais respeitado do seu povo, ou seja, Kamajrao, naquele século, era o homem de maior poder político e cabia a ele respeitar a hierarquia de poder.

Além de ter uma função de líder forte, Kamajrao ainda tinha uma função mais importante e poderosa como Paxê (xamã), de curador das pessoas que moravam juntos com ele. Com essa função de Paxê (xamã), obrigatoriamente, teve de mudar o seu nome de Kamajrao para Kotare, pois este nome é usado sempre, especificamente, para Paxê (xamã).

Assim, finalizo o meu relato sobre a trajetória e a função famosa do Kamajrao como um líder e Paxê (xããmã) mais importante daqueles anos.

3.12.2 HISTÓRIA DO PRIMEIRO XARIO

Para ter uma informação certa sobre a história do primeiro Xario que vivia na aldeia Xexotãwa, tive que pedir uma ajuda dos meus pais, Kaorewygi Tapirapé, de 86 anos de idade e Iparewã Tapirapé, de 64 anos de idade, moradores mais velhos da aldeia Tapi'itãwa, que se dispuseram a colaborar comigo a respeito da história de Xario.

O primeiro meu avô, antepassado, usava o meu nome Xario, ele habitava a região Nordeste do Mato Grosso, próximo à divisa com o Pará, na aldeia Xexotãwa. Ele também atuava como um líder bem forte nessa região. Por isso, ele designava todas as demandas da comunidade e da sua aldeia.

Com toda razão de poder, Xario atuava firme em sua liderança mostrando a sua responsabilidade, principalmente, respeitando a cada pessoa de sua comunidade e até mesmo a sua comunidade respeitando também ele. Com isso, ele ganhava total liberdade de confiança para o seu povo que sempre acreditava e acompanhava o seu trabalho honestamente, ou seja, o seu comportamento com sua comunidade.

Ele foi um dos líderes que levou mais anos em sua liderança, o que era um desafio muito grande na vida dele, pois ele era um grande conhecedor da identidade étnica tradicional Apyãwa, mostrando a sua característica como liderança.

Mais adiante, ocorreu uma troca de nome de Xario para Korã. Essa troca de nome foi devido a que ele se formava como Paxê (xamã). Então, após isso, o nome Korã seria o futuro nome de Xario que é especificamente do Paxê (xamã), deixando o seu nome Xario. Korã também realizava longas visitas para chegar às aldeias da região de Tapi'itãwa, pois era muita distância de Xexotãwa, visitando outras famílias que pertenciam a essa região.

Com essa distância muito longe, o pensamento dele em cada momento da visita, foi cada vez mais se aproximando de sua mudança para esta região de Tapi'itãwa.

Com o passar do tempo, ocorreu o falecimento da sua mulher, com a qual ele tinha um filho pequeno, chamado Warapio'i. Este nome já foi colocado porque, futuramente, iria renovar com o nome de seu pai Xario. Ainda bem que a irmã dele, naquela época, fazia sua presença na aldeia Xexotãwa, ela teve que assumir este menino para adotar, pois era o filho do seu irmão Korã.

Com esse acontecimento da mulher do irmão, ela prometeu adotar este menino e foi a decisão dos dois, irmã e irmão. Com isso, este menino foi trazido pela sua irmã Noxa'i para a aldeia Tapi'itãwa.

Mas sim, o irmão Korã permanecia morando na aldeia Xexotãwa, devido que ainda havia a maior população nesta aldeia e, sempre na cultura Apyãwa, em nenhum momento, o cemitério de uma pessoa não será deixado abandonado, ainda mais que era o de sua mulher.

Então, um fato ruim aconteceu, naquela época, contra Korã. Ele foi executado de borduna pelo seu parente próximo Tamakorawygi, devido que ele também fez mal contra o

seu irmão Arakae'i através do Paxê (xamã). Por isso, a revolta foi tão grande contra Koria, deixando a sua postura melhor para o mal.

Desta forma o meu relato de primeira história de meu avô, Xario, ocorria usando o meu nome.

3.12.3 HISTÓRIA DO FILHO DO XARIO COM O MESMO NOME XARIO

Para ter uma informação certa sobre a história de Xario, tive que pedir uma ajuda dos meus pais, Kaorewygi Tapirapé, de 86 anos de idade e Iparewã Tapirapé, de 64 anos de idade, moradores mais velhos da aldeia Tapi'itãwa, que se dispuseram a colaborar comigo a respeito da história de Xario que foi criado pela sua tia Noxa'i.

Esta história de Warapi, que é também o meu nome de criança, eu usava através da minha avó Noxa'i, que criava Xario naqueles anos atrás. Tudo que passava pela sua vida, a Noxa'i teve que assumir com seriedade a cada fase que passava na sua vida, por isso mesmo, na primeira fase foi muito importante na vida dele.

Por isso mesmo, na fase de *Xyre'i'i*, fase que vai desde primeira iniciação até a segunda iniciação, o seu nome prosseguia obrigatoriamente usado na sequência e, com isso, este menino chegou na fase de *Awa'yao*, a terceira iniciação, é a fase que é marcada pela festa do rapaz. A partir deste ritual, o rapaz é considerado adulto e, historicamente, o Xario fez naqueles anos a sua festa bem novinho, com, aproximadamente, 12 anos de idade.

Os pais dele eram: a mãe dele era Tarywajoo e o pai dele era Xario, era irmão de Noxa'i. O nome dele, nesta fase, era Koria, pois o filho de Koria foi criado pela sua tia Noxa'i, ao acontecer o falecimento da mãe e, com isso, ele foi prosseguindo a sequência do seu nome de Warapio'i para Xario, ou seja, seguindo a sequência dos nomes do finado seu pai.

Então, a partir do momento que o Xario fez a sua festa de rapaz, da aldeia Ipirakwaritãwa foram levadas quatro pessoas, Xario, Xawaraxowa, Taywi e Mytaona pelo Dom Luiz Palha para o povoado de Porto Velho e de lá, foram levados de barco com destino a Conceição do Araguaia.

O objetivo do padrinho dele era de levar numa escola dessa cidade e que poderia ensinar, aprender a língua portuguesa, portanto, o padrinho viajava constantemente para a cidade grande, sempre acompanhado pelo Xario para ensinar ou aprender mais ainda a

língua portuguesa da cidade grande. Mas, os dois companheiros que saíram junto com ele Taywi e Xawaraxowa não tinham nenhuma noção de estudar naquela época, pois não tinham interesse de estudar, mas sim, queriam voltar logo para sua origem. Mas, a permanência de muitos anos na cidade de Xario com a Mytaona, tiveram interesse de estudar. Por isso, os dois iam esquecendo a língua materna Apyãwa.

Com tanta demora na cidade, entre Frei Gil com Dom Luiz houve uma pequena discussão, devido que Frei Gil não aceitava tanta demora dos dois na cidade. Mas o Dom Luiz não queria que eles voltassem para aldeia, ele tinha o seu plano deles estudarem na cidade. Além disso, eles tinham desentendimento por causa de Mytaona, principalmente, a equipe de Frei Gil queria que fizesse o casamento deles dois, mas Dom Luiz não aceitava este casamento, assim foi o motivo deles dois, Frei Gil com Dom Luiz se desentenderem. Com este motivo, Dom Luiz rapidamente resolveu mandar embora Xario para sua aldeia de barco, ficando a Mytaona.

Mas, no retorno, a viagem do Xario foi desviada para o rumo de Mato Verde, antigo nome de Luciara, em vez de ir na direção de Orokotãwa. Só na volta é que o barco encostou na aldeia e deixou ele. Mas, nenhum dos parentes, naquele momento, não foram reconhecendo Xario, pois o caráter dele realmente ficou muito diferente, igualzinho ao não índio e já tinha esquecido a fala da sua língua materna Apyãwa, chegou falando só a língua portuguesa.

A chegada do Xario também foi com a diferença no corte do cabelo, com vestimenta diferente, igualzinho dos brancos e, com isso, os parentes dele da aldeia não o reconheceram, dizendo que aquela pessoa era um branco. Mas, como ele ainda entendia algumas palavras na sua memória, o que o povo dele estava dizendo sobre ele e, para tirar a dúvida deles, ele mesmo esclareceu que era Apyãwa, dizendo para o seu povo na língua portuguesa: - Eu sou Domingos Tapirapé. Com essa palavra, o povo acreditou e daí, todo mundo chegou perto para cumprimentar ele. Devido à permanência do Xario na aldeia, em cada momento do dia a dia, foi reaprendendo, aos poucos, bem devagarzinho, sua própria língua materna.

Em seguida, logo, logo, o tio dele, Paxeapãra, pediu o seu casamento com Taparawoo, filha de Awokaja. Seu irmão, Xako'iapari, nessa época, falava a ele assim: Apari. Essa fala era especificamente só para os dois, usada no dia a dia ou quando os homens saíam ao terreiro da Takãra, à noite.

Com essa volta de Xario, pelo seu caráter de confiança, de postura e responsabilidade foi naquele momento indicado pelo seu povo para assumir esta função

muito importante de cacique, pois ele chegou com muita confiança pela dominação clara da língua portuguesa, com a qual ele pôde ser um verdadeiro defensor do seu povo. Por isso mesmo, ele aceitou a indicação do povo e, com isso, o Xario usou o cocar Ayro, simbolizando que iria ser verdadeiro cacique.

Figura 29 - Grande Líder Xario assumindo como cacique



Fonte: Arquivo pessoal de Iparewã Tapirapé, 2024.

Esta foto de Xario demonstra que ele foi um líder jovem e forte, que tinha muito responsabilidade, pois voltou da cidade para sua origem e assumiu como cacique, devido que tinha domínio total da língua portuguesa, naquela época, ele foi nomeado pela maioria pelo seu povo como cacique.

Xario também recebia diversas críticas das pessoas da aldeia, que diziam que nunca viram um cacique com cabelo cortado, não existia este corte, dizia a população Apyãwa para Xario. Tanto o corte do cabelo e quanto a vestimenta do Xario eram bem-feitos, iguais aos dos não indígenas, pois usava mais roupa vermelha, que todo mundo da aldeia achava muito bonito nele.

Essas pessoas criticavam o corte do cabelo do Xario, mas, nos anos seguintes, usaram o mesmo modelo do corte dele.

Naquela época, o Xako'iapari assumiu como chefe dos cerimoniais do nosso povo; agora, Xario era o cacique para receber os não indígenas. Daí, então, surgiu um novo pensamento dele, de promover uma reunião com seu povo, falando, discutindo, decidindo sobre a demarcação de uma terra especificamente para os Apyãwa, pois ele ouvia muitas conversas dos brancos sobre os povos indígenas. O povo Apyãwa teve grande confiança nele, pela postura e domínio que tinha da língua portuguesa escrita e oral.

Este sonho que Xario teve naquela época, de lutar por uma demarcação da terra para que seu povo pudesse viver com tranquilidade, não aconteceu de forma que ele pensava no seu futuro, devido que ocorreu uma tragédia ruim contra a vida dele, pois foi morto enfeitado pelo Paxê Karajá chamado Antoihyly.

Assim, a história do Atual Xario foi finalizada e foi contada pelos meus pais. Quando ocorreu este acontecimento com ele, logo após irmão dele, Arapaxigi assumia a liderança, também foi um grande líder Apyãwa aquela época. Na verdade, na cultura Apyãwa, a função de líder é repassada para o irmão, ou para o seu filho, pois este Arapaxigi tinha um caráter e perfil de assumir a liderança pois tinha o maior respeito pelo seu povo.

Estas pessoas vinham assumindo este cargo devido a que os seus antepassados já vinham ocupando esta função, por isso, vinham passando de geração em geração.

Arapaxigi também foi grande chefe de cerimonial Apyãwa, então, por isso, ele foi indicado pelo seu povo como líder e ele já tinha uma formação pois passou por todo o processo, não é à toa que um líder Apyãwa pode assumir este cargo.

Dessa forma, o meu avô Arapaxigi assumiu ser líder na década de 60.

Figura 30 - O meu avô Arapaxigi era grande liderança Apyãwa



Fonte: Arquivo das Irmãzinhas de Jesus, 1963.

Esta foto do meu avô materno Arapaxigi está demonstrando que ele era um grande conhecedor da cultura Apyãwa, era chefe de cerimônia, ele era um grande artesão, era grande caçador e sabia tudo aquilo que os Apyãwa fazem, principalmente, os trabalhos dos homens.

3.12.4 – A formação das lideranças femininas

Neste trabalho, eu relato a importância da formação da liderança feminina Apyãwa, observando cada passo da organização em ciclos para facilitar o aprendizado da menina, pois está mais de acordo com a nossa divisão das faixas etárias.

Quando uma pessoa Apyãwa quer ser liderança, ela pode passar por um processo de aprendizagem até se formar. Por isso mesmo, desde recém-nascida, a menina, quando acontece o ritual de Kawio era uma chance e grande oportunidade na participação da vida dessa menininha, colocando a sua mão numa vasilha de chicha de milho, sendo que, a partir do momento que acontecer este ritual, ela estará sempre presente. Os pais, obrigatoriamente, têm que pagar com o objeto de valor para essa pessoa que vai tomar a chicha dela e essa chicha é bem amarga.

Isso também é considerado ao longo do processo de preparação dela até crescer, usando todas as plumagens coloridas por ela, uma vez que vai ser futura liderança, é sempre enfeitada durante o dia-a-dia e também ela recebe bastante informações e atenção dos mais velhos, pai ou mãe sobre respeito das pessoas, modo de organização social do povo Apyãwa, das festas tradicionais e aquilo que a liderança realizará futuramente, por exemplo: historicamente, no meu povo Apyãwa desde o século passado e na minha própria visão, havia duas mulheres de grande poder, suas lideranças eram muito respeitadas pelos homens e pelas mulheres. Eram Xajro e Moo'i que tinham a responsabilidade por manter as tradições, língua, rituais e saberes ancestrais vivos.

Também o papel importante de uma mulher liderança era incentivar aquilo que elas fazem, como, por exemplo: aprendizagem das jovens a fazerem os objetos que elas produzem, dando aconselhamento para a participação das mulheres num ritual, é ela que sempre estará na frente como responsável para organizar qualquer atividade realizada tanto nos trabalhos e quanto nos rituais realizados.

As mulheres, do mesmo modo, tinham o seu valor e respeito na comunidade, por exemplo, quando tinha filho, tinha neto e, também, quando se tornava uma parteira que era reconhecida como uma enfermeira ou, até mesmo, como uma médica na comunidade.

Mas, hoje em dia, com muito respeito e sinceridade, relato que a Makato Tapirapé teve que assumir este compromisso de ser uma líder das mulheres Apyãwa, ao enfrentar a barreira de processo ser uma liderança, mas com muita responsabilidade e respeito pelos seus tios e outras pessoas, ela conseguiu de verdade mesmo de ser uma jovem líder das mulheres Apyãwa, sendo que, em todas as festividades tradicionais Apyãwa, ela sempre está presente.

Por isso, é muito importante a finalidade da educação de uma liderança ou cacique, em termos de ensinar as aprendizagens para os formandos e cumprir as leis culturais que regem a sociedade Apyãwa. Não são permitidos o consumo de quaisquer tipos de gêneros alimentícios. Existe certa qualidade de alimento que o formando pode consumir. Há uma regra na educação do cacique ou liderança com a relação a vida social do povo Apyãwa, para que a pessoa seja responsável, digno, honesto e competente na vida social de seu próprio povo.

Com essas aprendizagens todas, a pessoa tem que mostrar a sua competência, responsabilidade, respeito pelas pessoas e mostrar a sua aprendizagem na organização dos rituais e nas sequências das festas tradicionais Apyãwa e mostrar a sua habilidade de entoar vários cantos rituais que fazem parte de liderança ou cacique, ou seja, conhecer um ritual a alegria que denominamos de “TEYJA KWAJTÃWA”.

Por isso, estou registrando todos os rituais que fazem parte da liderança ou cacique entoando pelo homem mesmo sem nenhum a ajuda pelos especialistas e, da mesma forma, a mulher também. Assim, finalizo o meu relato sobre o papel de uma líder feminina Apyãwa.

Figura 31 - Para ser uma líder feminina tem que cumprir todo o processo para ser liderança



Fonte: Okariwa Tapirapé, 2024.

Esta é a foto da Makato Tapirapé demonstrando o verdadeiro caráter da mulher Apyãwa, uma vez que, desde jovem tinha a maior interesse em aprender todos os cantos femininos do seu povo. Realmente, hoje ela é a maior referência de uma mulher Apyãwa em quaisquer eventos, tanto na reunião e quanto nos rituais festivos Apyãwa.

3.13 - As situações em que vivia o Povo Apyãwa na época de cada antepassado que usou meus nomes

O povo Apyãwa/Tapirapé tem uma crença muito grande, acreditando que o pai Tupã e os espíritos da floresta sempre protegeram e protegem até os dias atuais o nosso povo. Isso sempre foi uma referência por acreditar que povo Apyãwa tinha seus valores e necessidade de viver bem. Isso fez com que o pai Tupã, que chamamos Xaneramõja e os espíritos das florestas, desde nossos antepassados, nos fazem viver e manter a cultura viva, suprimindo a necessidade de cada época vivida dentro do território do povo originário Apyãwa/Tapirapé.

Esses valores nos trazem a memória até os atuais. Porque cada época vivida é um marco histórico. Isso faz com que o povo Apyãwa/Tapirapé mantenha sua cultura viva. Então, nesse momento quero deixar registradas duas fotos importantes, tanto do passado quanto do presente, uma vez que o povo Apyãwa, naqueles anos atrás, vivia com sua cultura fortemente e até o presente momento ainda essa cultura se mantém viva, isso é muito importante na vida cotidiana Apyãwa.

Por isso mesmo, esta foto do meu avô Wataramytraz uma verdadeira característica Apyãwa, na sua pintura, a sua flecha e arco. Isso estava ocorrendo numa festa tradicional e visando também a Takãra daquela época, no ano de 1947.

Com isso, a minha foto também mostra, até o presente momento, ainda o verdadeiro caráter Apyãwa que continua fortemente usando a sua identidade própria como pintura corporal, sua própria flecha e arco especificamente usado no ritual, principalmente no ritual Kapitãwa Takãra Rawajxakãwa Kwajtãwa, este ritual é muito importante na vida de cacique, ou seja, na sua participação que aconteceu no ano de 2007.

Figura 32 - Esta foto antiga é do Wataramy e a atual é de Kamajrao



Fonte: Baldus, 1947 e Demilson Makarore Apyãwa, 2007.

Esta foto antiga do Wataramy, demonstrando totalmente o verdadeiro caráter Apyãwa e a sua sabedoria, pois ele era um grande líder e conhecedor do ritual que pertencia ao cacique naquele século passado. Realmente, ele fazia parte da família, uma liderança forte.

Esta minha foto atual também está representando parte de um jovem líder Apyãwa, uma vez que me formei como uma verdadeira liderança Apyãwa, mostrando a minha capacidade e responsabilidade do entoar um canto especial de cacique usando a minha própria plumagem colorida, arco e flecha original e os meus colares e outros adornos.

Com isso, tive uma grande oportunidade na minha aprendizagem, de todos os rituais que pertencem ao líder Apyãwa, por exemplo: Tataopãwa, Xepaanogãwa, Takãra Kapitãwa Rawajxakãwa Kwajtãwa, TeyjaKwajtãwa, Teranogãwa, Tãwa Remi'oKwajtãwa, Axywewoja Patãwa Kwajtãwa e outros. Isso aprendi com meu próprio pai Kaorewygi que é grande conhecedor da cultura Apyãwa e grande chefe cerimonial Apyãwa.

Então, observando todas as fotos dos meus avôs do passado, historicamente, eles eram grandes líderes fortes naqueles anos atrás e nossa família vinha assumindo este cargo de geração em geração até que chegou no meu tempo, fui escolhido pelos mais velhos porque eu tinha caráter, responsabilidade e perfil para assumir este cargo de líder e assim posso renovar e seguir a minha carreira igualmente eram os meus avôs.

Com isso, quando assumi pela primeira vez essa grande responsabilidade de líder ao longo da minha carreira como cacique tive que mostrar a minha atitude e como o meu desafio era ter um respeito de formação do homem na Takãra, principalmente da minha proximidade que temos com as pessoas e convivência com o meu povo para não ocorrer nenhuma divergência com a minha pessoa.

Assim, foi o meu grande desafio e esperança pois, durante a minha carreira como um líder jovem, nunca tive um desentendimento com outras pessoas, fui sempre acolhido com humildade e muito respeito.

CAPÍTULO IV

A IMPORTÂNCIA DA TAKÂRA PARA NOMEAÇÃO APYÂWA

Neste Capítulo, vou apresentar a importância da Takâra, a nossa casa cerimonial que é muito relevante, pois é nela que são realizados quaisquer rituais festivos originários Apyâwa. O seu terreiro também faz parte da divulgação dos novos nomes das pessoas que vão passando por cada fase da vida de acordo com a permanência na cultura Apyâwa.

4.1 - A Takâra

Considero necessário destacar a importância da Takâra (casa cerimonial), ou seja, um espaço onde só as pessoas do sexo masculino podem ter acesso. A sua importância reside na finalidade a ela destinada, qual seja um local para a educação tradicional dos homens, onde ocorre o processo de ensino e aprendizagem, passado de geração para geração. Na Takâra, os rapazes aprendem o que é fundamental na cultura de seu povo para ser um homem, para a construção de sua identidade enquanto integrante do grupo social. No entanto, este é um espaço proibido para as crianças, mesmo para os meninos, que só passam a ter acesso após atingir a idade de adolescente e passar pelos rituais necessários.

Esta casa é construída de materiais retirados da mata, sendo troncos de árvores e varas de *pinanywa*, coberta com palhas de bacaba e com folhas de banana brava.

A Takâra ou casa cerimonial é construída do modo tradicional no centro das aldeias Apyâwa, onde a relação com o mundo sobrenatural revela-se na sua maior força e plenitude, onde os pajés e os anciãos comunicam-se com o universo dos espíritos e transmitem as decisões a serem seguidas, portanto, constitui-se no eixo da organização social de nosso povo. Segundo Arawani Tapirapé (2023, p. 15):

A Takâra é a casa cerimonial dos Apyâwa (Tapirapé), onde são realizados nossos rituais. É também considerada a casa onde moram os *Axyga*, espíritos que vêm morar nesta casa durante a realização de nossas cerimônias. No pátio que fica em frente da *Takâra*, chamado de *Takawytera*, são realizadas reuniões noturnas, com a participação dos homens adultos. Todas as noites, são discutidos assuntos que

dizem respeito à vida dos Apyãwa. Neste espaço são utilizadas linguagens especializadas proferidas pelos donos dos rituais em comunicação com os seres cosmológicos, pelo mestre de cerimônias e pelo conjunto dos homens Apyãwa.

Outro pesquisador Apyãwa, Nivaldo Korira'i (2022, p. 4), define a Takãra como:

A Takãra é uma casa indispensável, essencial, para vitalização das práticas culturais, dos rituais, de saberes tradicionais e religiosas do povo Apyãwa. A Takãra é importante para a realização da festa, e para *Xepapaanogãwa* que é uma atividade essencial para os Apyãwa, ou seja, espaço de grande importância para renovação e formação intelectual de lideranças cerimoniais. Na visão de muitos líderes, a Takãra é importante obviamente para combater a interferência de conhecimento externa na aldeia que vem ocupando espaços dos conhecimentos Apyãwa transmitidas de geração em geração.

Por isso mesmo, esta casa é muito importante para o povo Apyãwa/Tapirapé. A Takãra é o lugar específico de nomeação de acordo com o costume, acontecendo essa mudança durante as festas elaboradas na aldeia pelo nosso povo, quando as pessoas deixam seus nomes de criança, que não poderão mais ser pronunciados pelas pessoas da aldeia. O nome novo é escolhido pelos mais velhos.

À noite, é divulgado esse nome através de canto no terreiro da Takãra, chamando-se a atenção das pessoas para ouvi-lo.

Tera Mamaãwa Marakã

Peapyakããããã;

Peapyakããããã;

A'eteweeeeee;

A'eteweeeeee;

Myka'iteweeeeee;

Myka'i wexymymino'i re anogiiii;

Apitãja amamatixowiiii;

Myka'ipeixeixoperanõõõõõ;

Ao lado, o pai, a mãe e seus irmãos e irmãs recebem o outro nome novo que vai ser pronunciado junto com o novo nome do rapazinho ou da moça, sem haver mais o pronunciamento dos nomes velhos.

A partir desse momento, a convivência do rapazinho e da moça será a participação na vida mais adulta.

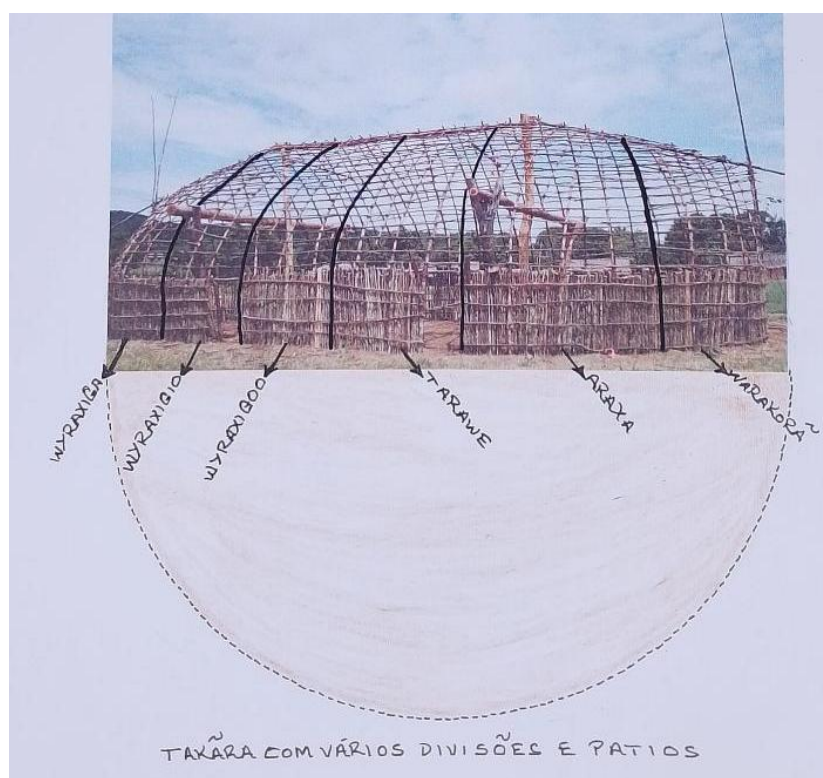
Por outro lado, a menina, durante a primeira menstruação, passa por um longo tempo dentro da sua casa tomando somente *kawi* (mingau de arroz ou milho) sem comer qualquer outro alimento. Enquanto isso, a mãe e a avó vão preparando os adornos para enfeitar a saída da menina como moça fora da casa.

Passando um dia da saída dela, à noite, da mesma forma do rapazinho, o nome novo da moça é divulgado e recebido junto com seus familiares. Esse nome também é escolhido pelos mais velhos.

Ao contrário do rapazinho, o nome de criança da moça poderá ser pronunciado pelos homens, menos pelos seus irmãos, de acordo com costume.

Por isso mesmo, a manutenção e a permanência da valorização da cultura Apyãwa ainda é muito forte, principalmente a Takãra é o eixo principal da nossa organização social do povo Apyãwa.

Figura 33 - A Takãra e suas subdivisões conforme os grupos cerimoniais.



Fonte: Kamajrao Tapirapé, 2023.

É importante deixar claro e registrado a maneira de organização do povo Apyãwa que pertence à Takãra, por exemplo: a população masculina é organizada em dois grupos: Araxã e Wyraxiãga.

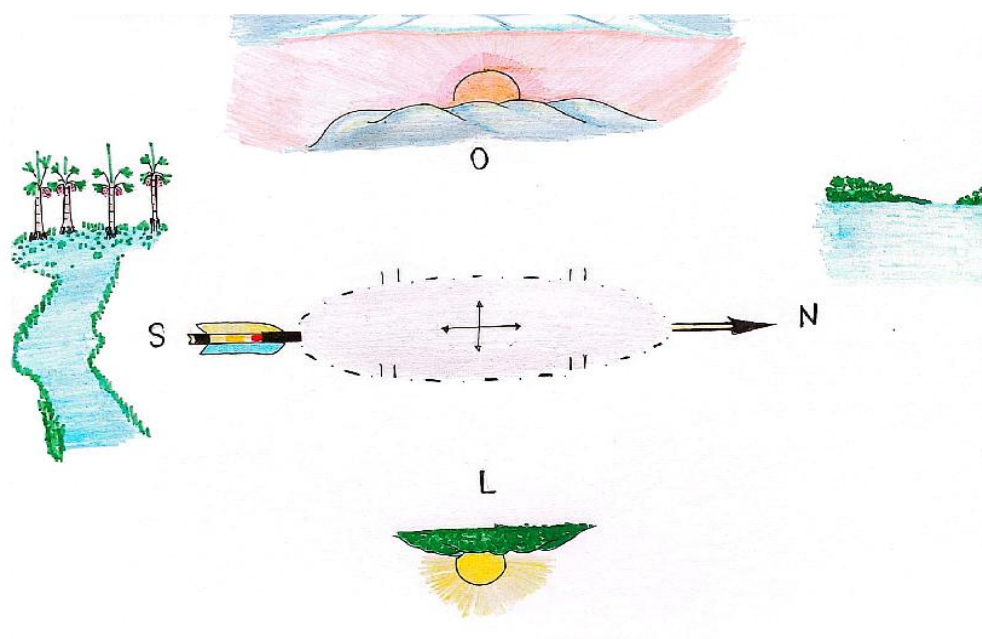
O grupo Araxã é subdividido em três grupos: Tarawe (grupo de idade dos homens mais velhos), Araxã (grupo da fase da vida dos homens adultos) e Warakorã (o grupo dos jovens).

Assim, também o grupo Wyraxĩga é subdividido em três grupos: Wyraxĩga (grupo de idade dos homens mais velhos), Wyraxigio (grupo da fase da vida dos homens adultos) e Wyraxigoo (o grupo dos jovens). Todos esses grupos possuem sua localização espacial dentro da Takãra, conforme mostra a Figura 33.

Também não deixar de registrar a posição dos grupos no interior da Takãra, por exemplo: os jovens Wyraxĩga sempre foram marcando o local de atar as redes na direção Sul, os jovens Araxã também sempre foram marcando o local de atar as suas redes na direção Norte, isso ocorre quando passa para outra fase da vida, quanto também passa para a fase de rapaz, ou seja, os rapazes podem dormir a sua vida toda na Takãra, porém, quando ele se casar não é mais permitido mais dormir na Takãra.

É muito importante também frisar que o modo da construção da Takãra pelo nosso antepassado e até o presente momento, permanece sendo construída da mesma forma que nos séculos passados. Por isso mesmo, é interessante observar que ela fica sempre no sentido do Norte – Sul com duas entradas em cada lateral em sentido oposto, ou seja, Leste – Oeste permitindo que o sol atinja seu interior de manhã e à tarde.

Figura 34 - A posição da Takãra



Fonte: Arokomyo'i Fabulo Tapirapé, 2024

Este desenho está demonstrando todas as partes da planta baixa da construção da Takãra, no qual consta também a posição das duas portas de frente, marcando a saída do sol, duas portas de trás também marcando a entrada do sol e, também, as coordenadas geográficas que marcam cada posição dos grupos de Wyrã que pertencem à Takãra, por exemplo, a posição Norte marca a permanência do grupo Araxã e a posição Sul marca a permanência do grupo Wyraxiãga.

Figura 35 - O interior da Takãra do século passado e atual



Fonte: Charles Wagley, 1939-40 e Kamajrao Apyãwa, 2025

Entre o povo Apyãwa/Tapirapé, a Takãra é a casa dos homens, também chamada de casa dos rapazes ou casa cerimonial. Ela tem um papel muito interessante na organização social, cultural e espiritual do povo.

Os rapazes de dois clãs específicos dormiam na Takãra por várias razões ligadas à tradição, à educação e à vida comunitária:

1. Aprendizado e formação

A Takãra era o espaço onde os jovens aprendiam com os homens mais velhos sobre:

- as histórias e mitos do povo,
- as regras e costumes dos clãs,

- as funções rituais e cerimoniais,
- o modo de se tornar um homem adulto na sociedade Apyãwa.

Era uma espécie de escola tradicional, onde se ensinava o que significava ser Apyãwa.

2. Organização por clãs

Somente rapazes de dois clãs dormiam lá, e isso não era por acaso. Entre os Apyãwa, cada pessoa pertence a um clã, e os clãs têm funções complementares. Os dois clãs que ocupavam a Takãra tinham responsabilidade especial nas cerimônias e rituais especialmente os ligados à iniciação masculina e à vida comunitária.

Assim, dormir na Takãra significava representar o clã e cumprir deveres sociais e espirituais.

3. Rituais e preparo espiritual

A Takãra era também o centro da vida ritual. Ali os rapazes participavam de cantos, danças, pinturas corporais, jejuns e ensinamentos sagrados. Dormir na Takãra fazia parte do processo de iniciação, de passagem da juventude para a vida adulta.

4. Separação e respeito

Os jovens dormiam na Takãra separados das famílias para:

- fortalecer o espírito e o corpo,
- aprender a viver em grupo,
- demonstrar disciplina e respeito,
- e preparar-se para o casamento e a liderança futura.

A Takãra era o centro da formação dos homens e da transmissão dos conhecimentos cerimoniais, ainda permanece fortemente do dia atual valorizando esta maneira de vivência dos rapazes nesta casa.

CAPÍTULO V

O SURGIMENTO DOS NOMES DE CADA ESPÉCIE

Neste Capítulo vou apresentar uma reflexão sobre a origem dos nomes de pessoas que surgiram de cada espécie da natureza para o povo Apyãwa, conforme a verdadeira nomeação usada pelo nosso povo.

Esclarecemos que cada nome tem o seu surgimento de acordo com os gêneros e faixas etárias do nosso povo Apyãwa. Por isso mesmo, tive o maior interesse em realizar esta pesquisa para eu ter um conhecimento melhor sobre o surgimento de cada nome que se originou das diferenças espécies animais.

Então, tive o maior sonho de me aprofundar mais ainda sobre o surgimento dos nomes e, para isso, realizei quatro entrevistas com as pessoas sábias e, de acordo o depoimento de cada um deles, cada nome se originou de forma diferente conforme cada espécie para o nosso povo Apyãwa.

Para cada entrevistado foi realizado uma pergunta:

Como o povo Apyãwa vinha usando a nomeação e qual a origem dos nomes?

5.1 - Surgimento dos nomes das pessoas conforme cada espécie

Estes nomes foram originados para Apyãwa através do Paxê ‘pajé’, devido que, naqueles séculos passados, o verdadeiro Paxê tinha uma formação espiritual muito poderosa, o que permitia todas as possibilidades de se comunicar com quaisquer seres existentes no universo. Isso, no passado, foi o principal instrumento para a evolução do nosso povo, não só no sistema de nomeação, como em todo o sistema de vida e organização que nós temos hoje. Graças ao Paxê, nós temos, por exemplo, organização em grupos de Wyrã, festas e rituais, conhecimentos sobre roça e plantas que nela são plantadas, regras de consumo de alimentos e assim por diante.

Conforme as verdadeiras histórias contadas, até o presente momento, através dos historiadores Apyãwa, o Paxê comunica-se com as outras espécies em uma linguagem espiritual em que todos se entendem, bem como afirma o Paxepãra (Paxê): “não há no

universo, ser vivo ou não vivo que não consiga se comunicar com o Paxê, pois ele é respeitado não só no mundo em que vivemos como também no mundo invisível. Manda e desmanda”.

Dessa maneira, então, o Paxê mostrou naqueles anos a sua habilidade de poder de conseguir trazer sistema de nomeação para nosso mundo e traduzir todos os nomes em linguagem que os Apyãwa falam. E, assim, o povo Apyãwa constituiu inúmeros nomes originados de várias espécies de seres vivos.

Por isso mesmo, cada nome se originou de cada espécie para o nosso povo Apyãwa, por exemplo: há nomes que se originaram dos pássaros, dos peixes, abelhas, animais, cobras, sapos, árvores e frutos trazendo através do sonho dos Paxê (Xamã).

A pesquisa constatou que os nomes de origens de quaisquer espécies que pertencem os nomes Apyãwa não são predominadas somente pelas mulheres, mas sim, tanto os homens quanto as mulheres recebem nomes de cada espécie. E, assim, muitos outros nomes Apyãwa são de origem de outros seres, como cobra, sapo e insetos utilizados por ambos os gêneros. Veja alguns exemplos no quadro abaixo:

Quadro 30: MA'EMA'E WI TERA TOÃWA APYÃWA GY WE

Temiarawitera	Wyrãwitera	Eira witera	Ipirãwitera	Ywawitera	Ka'ãwitera	Majawitera	Xo'iwitera	Kororowitera
Mytyga	Inamo	Maryja	Ipikyra	Apeywa'i	Maryxi	Majoo	Xo'i	Koro'i
Akoxi	Xaraxi	Koxamaxowoo	Akarao	Apitaja	Ka'axowa	Maiwi	Xo'irywa	Kororo
Karowaroo	Xakowe	Eirawã	Waxanyma	Marape	Awaxirawi			Kora'a
Tapiixi	Mytô	Eirowa	Arapa'i		Morio			
Iraero	To'ixigoo	Eironi	Porake'i		Morixowa			
Taxao	Tokyna	Tate'i	Xawe'i		Morikãwa			
Irome	Wakore	Eiri	Moo'i		Orokomy			
Xawaxi	Arareme	Exa'i	Noxa'i					
Ka'i	Xeroxi	Eirywa	Orowã					
Kwaxi	Wakajwa		Xakarewaja					
Xaripy	To'iapina		Xakona					
Wawere	Oroja							
Tatoko'ã	Araroo							
Tato	Awiokwera							
Marakaxã	Araywe							
Mykori	Winã							
Xawara'yroo	Xapi'i							
Xawanami								
Ko'aaro								
Akoxirawoo								
Kaorewygatora								
Awarao								
Awarao'i								
Anoxao'i								
Tara'i								
Xa'aja								

Fonte: KamajraoTapirapé, 2025.

Em seguida, este mesmo quadro dos nomes de todos os seres vivos nativos, será apresentado traduzido na língua portuguesa, para que as pessoas que ainda não conhecem o

surgimento de cada nome para o povo Apyãwa/Tapirape, através deste Quadro, as pessoas podem compreender melhor, veja a seguir:

Quadro 31 - Os nomes dos Apyãwa que vieram dos animais

Animais de caça	Aves	Abelhas	Peixes	Frutas	Mata	Cobras	Sapinhos	Sapos
Veado	Azulona	Abelha urucu verdadeira	Peixinho	Semente da frutinha	Buriti	Tipo de cobra jibóia	Sapinho	Sapo
Cutia	Pica-pau bufador	Abelha urucu amarela	Cará	Fruta amarga	Folha de banana brava amarela	Cobra feia	Coxa de sapinho	Sapo
Paca	Jacu	Bunda de abelha	Peixe acará festivo	Casca de fruta	Milho			Garganta de sapo
Coelho	Mutum	Rainha de abelha	Peixe tuvira		Murici grande			
Coelho	Periquito	Abelha preta	Peixe elétrico		Murici pequeno			
Porco-queixada	Tocano	Abelha tatei	Arraia		Murici pequeno			
Porco-queixada	Mergulhão	Tipo de abelha tate'i	Mussum (enguia da água)		Urucum			
Jabuti	Lábio de arara	Abelha irapuã	Peixe cangati					
Macaco prego	Tipo de pomba	Mel- colmeia de abelha	Caracol manzana					
Quati	Mergulhão		Jacaré					
Anta	Periquito		Peixe sabão					
Serelepe	Codozinho							
Tatu	Arara azul							
Tatu	Penugens de pássaros							
Gato da mata								
Gambá								
Cachorro								
Cachorro								
Coxa da pessoa								
Cutia								
Jabuti								
Lobo-guará								
Lobo-guará								
Preá								
Lagartixa								
Jabuti								

Fonte: KamajraoTapirapé, 2025.

Este quadro está demonstrando claramente cada nome que surgiu das diferentes espécies de todos os seres vivos nativos, ou seja, cada nome está especificado e caracterizado de acordo com a origem de cada nome. Ainda deixo bem claro, algum dos

nomes não será traduzido por falta de conhecimento deste nome e com isso não tenho como fazer certinha a tradução de todos os nomes que não conheço.

Este quadro está demonstrando todas as partes importantes do surgimento dos nomes que surgiram das diversas espécies de seres e que iriam pertencer para o nosso povo Apyãwa, para serem utilizados de forma correta, principalmente, para cada gênero de cada faixa etária.

Por isso, na visão Apyãwa, cada espécie de natureza é muito sagrada a qual pertencemos como ser humano. Este conhecimento é ligado diretamente ou indiretamente com o Paxê (Xamã), só ele que pode ter acesso a esse conhecimento através do seu sonho espiritual.

Com este contato com cada espécie, o Paxê (Xamã), através do seu sonho, busca também os nomes que existem em cada espécie. Por isso mesmo, o povo Apyãwa tem o maior respeito com a mãe natureza e com cada espécie.

Por isso respeitamos rigorosamente uma dieta Apyãwa, para não acontecer uma coisa ruim contra ele ou ela, por exemplo: se uma pessoa não cumpriu corretamente o seu resguardo, quando tiver um nascimento do filho ou filha, em nenhum momento desse dia, o pai do bebê fará um trabalho pesado, muitos menos, caçar não é permitido, principalmente, caçada dos animais pois, em algum momento, o animal pode se transformar para outro mundo da humanidade para essa pessoa, ou seja, o corpo do pai do bebê fica aberto para se transformar em *axyga* (monstro/espírito ruim).

Por essa razão, em nenhum momento é permitido praticar caçada, uma vez que aconteceu assim com o nosso antepassado chamado Arakae'i, o porco-queixada se tranformou como gente para ele. A sorte dele era que ele pertencia ao Paxê (Xamã), mesmo assim, naquela época, fez mal para ele. Imagina para uma pessoa que não é Paxê (Xamã)! Com medo desses saberes sagrados, a pessoa que está de resguardo tem que cumprir corretamente as regras para não fazer mal para ele.

Este conhecimento do Paxê (Xamã) traz uma visão que tem no mundo visível e no mundo invisível, porque o perigo existe para a vida da pessoa que está de resguardo, e principalmente para o bebê recém-nascido.

Por isso mesmo, na visão de Paxê (Xamã) Apyãwa, a partir da sua visão cosmológica, ele tem contato, ou seja, dialoga com cada espécie de espírito, diretamente ou indiretamente, que são considerados como seres humanos.

Com esses saberes sagrados do Paxê (Xamã), os Apyãwa demonstram a sua capacidade e habilidade, pois eles tinham uma formação espiritual muito poderosa e com

isso, eles trouxeram naquele século passado, cada nome de espécie através do seu sonho, pois tinham facilidade de se comunicar com quaisquer seres vivos para que estes nomes sejam utilizados pelo povo Apyãwa. Até o presente momento, estes nomes são usados.

Os Paxê (Xamãs) Apyãwa, naquele século passado, demonstravam os seus poderes muito fortes que eles tinham de trazer a nomeação de acordo a nossa realidade, principalmente, os nomes na língua materna Apyãwa de cada espécie de seres vivos.

Outro ponto que merece destaque é a relação seres humanos-animais-espíritos, pois o fato de o pajé ter buscado os nomes para as pessoas junto aos animais, o que conseguiu graças aos espíritos, mostra, mais uma vez, a perspectiva cosmológica na qual há uma forte inter-relação entre os humanos e os outros seres presentes no universo, que partilham uma mesma espiritualidade, embora existam em corpos diferentes (Viveiros de Castro, 1996). Os nomes pessoais, que advém dos animais por intermédio dos Espíritos, presentifica essa relação:

numerosas referências, na etnografia amazônica, a uma teoria indígena segundo a qual o modo como os humanos vêem os animais e outras subjetividades que povoam o universo – deuses, espíritos, mortos, habitantes de outros níveis cósmicos, fenômenos meteorológicos, vegetais, às vezes mesmo objetos e artefatos –, é profundamente diferente do modo como esses seres os vêem e se vêem. (Viveiros de Castro, 1996, p. 2)

Segundo esse ponto de vista, não haveria descontinuidade entre os vivos e os mortos, sendo que a diferença consiste na ausência de um corpo como o que conhecemos, mas os espíritos continuam sendo dotados de subjetividade: “as almas dos mortos e os espíritos que habitam o universo não são entidades imateriais, mas outros tantos tipos de corpos dotados de propriedades – afecções – *sui generis*” (Viveiros de Castro, 1996, p. 9).

Assim, podemos compreender por que os Apyãwa se dedicam a manter boas relações com estes outros seres, já que eles são considerados sujeitos, mesmo que assumam outras corporeidades. Por isso, apresentam estados de espírito semelhantes aos humanos: ficam alegres ou zangados (cf. 1.3.4), sentem-se tristes ao terem que deixar os Apyãwa, sentem saudades dos familiares vivos. Participam dos rituais, mesmo que as pessoas comuns não os vejam, algo reservado como um atributo exclusivo dos xamãs.

5.2 - Depoimento de cada entrevistado– sr. Kaorewygi Tapirapé

A entrevista foi feita no dia dez de abril de dois mil e vinte quatro (10/04/2024), às 13h00min. até às 14h00min. da tarde na residência do Sr. Kaorewygi, na aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, município de Confresa – MT.

Primeiramente, tive que explicar detalhadamente a importância do surgimento dos nomes da forma que ele compreende através do seu próprio conhecimento.

Esta entrevista foi realizada no terreiro da casa dele com o sr. Kaorewygi, de 86 anos de idade, foi gravada e, em seguida, transcrevi.

A seguir, irei apresentar o que os entrevistados responderam, transcrevendo primeiro em língua Apyãwa e depois traduzindo para o português.

5.2.1 - Marygato raka'ẽ ymy Apyãwa imagy irota irekawo tera?

Iypy ramõ raka Xeropy axe'egenop ma'e ekwe naapaj 'yn wexawo ixope, a'e raka axe'eg xewe naapaj ro'õ ekwe ma'e. A'e ramõ raka axe'egenop iryna kaaroka ramõ.

Nyn raka amaypy ixope we xe'ega, Xeropy ekome'o py xewe marygato raka'ẽ Xane Ramoja gy, Xane Xaryja gy imagy irota irekawo tera, emanyn raka amaypy ixope we xe'ega.

A'e ramõ raka a'ega imaypy xewe aparagetawo, ikome'owo marygato raka'ẽ xane Apyãwa ramõ tera ximagy irota irekawo.

Tera ro'õ raka'ẽ mi ximagy iypywiwe, xereypy wiwe ekwe ximagy imota irekawo tera, Konomi irekawo, Konomi rera, emanyn ka Koxy rera itori akawo ranõ.

A'era emanyn axaryja gy rera ekwe werot Koxy irekawo imagywo iraxewetewo, exanami: Konomi rera py imagywo, a'e wi Ixyre'i'i hera, a'e wi Ixe'ãtowakara hera, a'e wi, Ixeakygetaxiera, a'e wi Ixewete hera, a'e wi Imary hera, emanywe Koxy ranõ, imagy Kotatai heha py ranõ, a'e wi inogi Akoxamoko hera, a'e inogi axee Axewete hera, a'e wi Awaiwi hera inogi axee ranõ, emanyn raka'ẽ mi xane Apyãwa ramõ ximagy iraawo irekawo xerexera ranõ iypy wiwe. Emanyn raka'ẽ mi xane Konomi ramõ ximagy xexamoja gy wi tera irota irekawo, a'e ramõ raka'ẽ mi xanerera iakato kwakaj mi akawo, emanyn we Koxy ranõ.

Xyre'i'i ramõ wamoja gy Xyre'i hera, Awa'yao ramõ, Axe'ãtowakarawo xere xamoja gỹ xe'ãtowakara hera xinog ranõ. A'ere epe xere xe'ãtowakarare xixema'ãwoko

xerekawo, xerexeapamatata ranõ. A'ere xerexeapawyjme xerexemaekwarywyjoo taximoo'ywa pe. A'e re i'ãwoko akawo, mokoji emi xane xemaemakwarooãwa, myryxi, ixywa amamymamy weme ropi imanepa a'e xepe epe axerap emere, a'e ramõ mi temekwãra raka'ẽ ike Awa'yao wi.

A'e ramõ ixema'ãwoko, ixex'ãwamo akawo ywiryma pe iapawo a'ãwa imamokowo, a'e ro'õ Awa'yao ãwa amaweawe'i, a'e axewara, xõ rawyapy pe ixex'ãwamo ranõ.

A'ere epe ixepa, epe wamoja xeakygetaxi hera imagy ranõ, axepa re, amo ramõ wowa xeakygetaxi hera imagy Awa'yao, a'era emanyin akoma'e tera magyawa. Emanyini we ekwe itori akawo Koxy ranõ, axaryja Koxamokowera inomatari axemany'ãrire, a'e ramõ axaryja Koxamoko hera ireka Koxy ranõ, emanyin xepe ekwe itori akawo a'egy rera ranõ. Axekwe ixewete'i a'e ramõ inogi axaryja xewete hera axee ranõ, amo ramõ ay xewete hera inogi axee ranõ, emanyin xepe ekwe imagy iraãwo a'egy irekawo wera ranõ.

A'e ramõ kwakaj mi xanerera itokato akawo, a'e ramõ emanyin xane Apyãwa ramõ ximagy xerexera irota irekawo, a'ere tanã mi 'ã marygato ika, exanami: naxepaj pane mi Awa'yao a'e xepe mi axeratee akawo ranõ, emanyne'ym a'e ramõ tera magyãwa, axepa ma'e xe wera amagy iraãwo irekawo ranõ, axepama'e'yma tanã epe xepe pane mi ireka Axyre'i'i hera, axekwe axex'ãtowakara hera, xane Xyre'i'i hera nairi xanewi ranõ.

A'e mi ekwe amagyjxe 'ota akawo tera ranõ, a'era 'ã xanerera ipawi akawo, naxepaj pane mi amowera Awa'yao, a'e xepe mi axerak 'ota akawo, emanyne'ym raka'ẽ Apyãwa imagy tera, nakaj raka'ẽ axepama'e'yma mo, axepapap raka'ẽ Xane Ramoja gy 'ota akawo, a'era raka'ẽ mi wamoja gy rera imagy imota irekawo, a'era emanyin, emanyin 'ã xanerera itori akawo.

A'e ramõ mi axepama'e'yma imagyjxe imota irekawo, weramaryke'yrixe, epe mi maryjxe, a'e ramõ xanerera ipawi akawo. Axekwe 'ã tera ia akawo axewyraka ranõ, inogaixewo axee, my ro'õ ke mi epe tera ywypy, ie mi nakwaawi. A'e ramõ kwakaj mi xane xaryja gy epega epe wereka xane xaryja gy rera axawo axaope, xerexamoja rera, xerexowa rera, xerey rera 'ã wereka, e'i kwakaj mi aparagetawo 'opa, a'e ramõ kwakaj mi tera iakato akawo.

Axekwe mi ranõ 'ã tera imagy 'opa, exanami: myga waxa mi amenat amotee tawaxara pe, a'e mi epe aerak akawo wemiariro agy aparaera pexe ranõ, epe mi iawyjxe akawo, 'ã mi inoge'yma akawo wemiariro agy re aypy rera.

Emanyn mi Apyãwa imagy irota irekawo wera iypy wiwe.

Narrador: Kaorewygi Tapirapé

Transcrição: Xario i Carlos Tapirapé

Data: 10/04/2024 01h00min às 14h00min da tarde

5.2.2 - Tradução para português da entrevista com Kaorewygi Tapirapé

Como o povo Apyãwa vinha usando a nomeação?

Esta pesquisa foi realizada na aldeia Tapi'itãwa, T.I. Urubu Branco, no município de Confresa-MT, no dia 10 de abril de 2024, eu a realizei às 01h00min até às 14h00min da tarde.

A pessoa que entrevistei foi o Sr. **KAOREWYGI TAPIRAPÉ**, de 86 anos de idade, é o homem mais velho da nossa aldeia, chefe de cerimonial e é o grande conhecedor da cultura Apyãwa.

Para iniciar a minha entrevista, primeiramente, conversei com ele explicando o meu trabalho sobre a importância da verdadeira nomeação do povo Apyãwa, como era feita naquele tempo antigo, de maneira correta e atualmente, como vem sendo usada em cada etapa das faixas etárias de cada gênero e ele, então, concordou em colaborar comigo. E até mesmo descrevi os dados que são de meu próprio conhecimento.

O Sr. **KAOREWYGI TAPIRAPÉ**, iniciando o seu pronunciamento, foi bem claro, deixando esclarecimento sobre a verdadeira nomeação que vinha se usando, conforme a maneira da sequência do uso de nome correto que vimos usando desde os nossos antepassados, na qual ele afirma que cada criança vem usando, desde aquela época, o seu nome próprio e da sua própria família, tanto meninos, quanto as meninas.

Assim, a menina irá usando os nomes da sua própria avó, a qual pertence estes nomes que serão usados até quando ela marcar a idade das mulheres idosas, por exemplo: primeiramente, o menino recebe o seu nome de criança, em seguida, recebe outro nome até chegar a ser velho e, da mesma forma, segue o uso próprio dos seus nomes pelas meninas. Dessa forma, o uso da verdadeira nomeação Apyãwa que vem se mantendo desde o passado, usando os nomes que fazem parte da família de sua avó e seu avô, isso faz parte dos homens e das mulheres.

Quando passa para a primeira iniciação que nós chamamos de Xyre'i'i, em seguida, passa para a segunda iniciação que especificamente denominamos somente na língua Apyãwa “**AXE'ATOWAKARAMA'E**” e este nome é usado do seu próprio avô materno ou paterno.

Diante disso, ele afirma que, ao longo dos anos, o rapaz é preparado para deixar o seu cabelo crescer, deixar crescer o buraco do queixo. Aproximadamente, são dois anos de preparação que é feita com dois objetos que são fundamentais na furação e crescimento do buraco do queixo do rapaz, até no tamanho certo do tembetá, como *taximoo'ywa* e talo de buriti.

Também, ele informou que, nesse momento, é muito importante, nesse caso da nomeação do rapaz, o crescimento do cabelo dele, por isso, até hoje mantemos usando a nossa própria técnica. Como o cabelo cresce rápido, o rapaz tem que cumprir a sua responsabilidade de acordar bem cedinho e, todos os dias, tem que molhar o seu cabelo com as gotas de orvalho que ficam na folha de capim, isso não é invenção pura, é uma verdade especial para os Apyãwa.

Depois, o rapaz passa por sua festa de rapaz que marca a terceira iniciação que denominamos especificamente na língua Apyãwa “**AXEAKYGETAXIMA'E**”, no qual é nomeado pelo ritual, chamando atenção de toda comunidade, seguindo o seu nome quando este nome faz parte do seu avô ou do pai. Dessa mesma maneira, a menina vem usando o seu nome também durante a sua vida de passagem até quando marca a idade das mulheres idosas.

Dessa forma, os nomes eram usados de acordo com a realidade de cada família Apyãwa a qual pertence o seu nome, isso era o uso correto dos nomes. E, também, ele deixou bem claro que, na atual geração Apyãwa, está vendo a diferença do uso dos nomes, por exemplo: atualmente, mesmo que o rapaz não fez a sua festa, ele muda o seu nome, mas em nenhum momento, nesse caso, não é permitido trocar o seu nome. Isso, na cultura Apyãwa, em nenhum momento será permitido.

Nesse caso, essa pessoa inventa e essa pessoa será chamada sempre pelo nome que recebeu na segunda iniciação que é de **XYRE'I'I** ou na terceira iniciação, isso também depende das pessoas o chamarem e pode sempre ser chamado pelo nome velho que é de **XYRE'I'I**. Agora, quando o rapaz passa pela sua festa de passagem, a partir deste ritual, o rapaz é considerado adulto e, nesse caso, o rapaz tem total liberdade de seguir a sequência do seu nome próprio que foi usado pelo seu próprio avô.

Ele afirmou também que, naquele tempo, não existia um rapaz sem fazer a sua festa devida que a família de cada rapaz sempre foi ativa e incentivava o seu filho que iria cumprir todo aconselhamento da sua família para ser realizado o seu ritual, dessa forma, cumprindo a nomeação do rapaz de forma correta, sem ter nenhum problema, agora usando de qualquer jeito pode afetar futuramente o uso dos nomes e os nomes futuramente podem ser repetidos, ou também podem ser inventados, isso ele não quer que aconteça, como meu pai **KAOREWYGI** diz, queremos que os nomes Apyãwa continuem vivos.

Por isso, naquela época antiga, quando uma pessoa usava o nome de outra família sem ser da sua família, os mais velhos reclamavam para essa pessoa, devido a que estava roubando o nome da família dele, ou seja, o nome que pertencia à sua família. Por isso, é muito importante o uso dos nomes que pertencem aos nossos avôs maternos e avôs paternos. Assim, será mantido o uso correto dos nomes Apyãwa, seguindo na sequência de cada faixa etária Apyãwa.

Outra coisa que me deixou com muita atenção e preocupado, diz **KAOREWYGI**, é sobre o casamento das meninas e dos rapazes com outro povo, por exemplo: quando uma menina ou um rapaz Apyãwa se casa com uma pessoa de outra etnia e se essa pessoa tiver o filho ou a filha nomeado pelo outro nome de outra família, isso está acontecendo com os nossos nomes, diz **KAOREWYGI** e essa família está roubando o nosso nome, sem a nossa permissão, enquanto a avó dela está deixando os nomes que pertencem aos avós dela e **KAOREWYGI** diz que os nomes que pertencem às nossas famílias são mais bonitos.

Então, a verdadeira nomeação Apyãwa ocorre de acordo com a realidade do nosso povo, seguindo a nomeação de cada faixa etária conforme o gênero. Esse nome sempre marca a maior idade das pessoas.

5.3 - Entrevista com Roziline Tarywaja Tapirapé

5.3.1 - Marygato raka'ë ymy Apyãwa imagy irota irekawo tera?

Iypy ramõ kwee Xaxe we aparano, ma'e mo ekwe naapaj a'e 'ãra re, a'e ro'õ ekwe naapaj ma'e mo e'i kwee xewe, a'e ramõ kwee aapa ixope 'ãra mo, ix'e'ejenopãwa ramõ.

Maryn kwee aa ikaty ymywe Tapi'itãwa wi, itãwa gaty Xexotaãjpe.

Arawera'arejxe raka arawo arawaema itãjpe ixope, a'e ramõ raka arerapexe'ej nyn:

- Pee pa peka'i! E'i raka arewe?
- A'e ramõ raka are nyn araxe'egi ixope ranõ:
- Taryn! Are 'ã araka'ii? Ara'e raka ixope.
- Maryn ta'e peka'i? E'i raka ranõ.

A'e ramõ raka akome'o ixope iryra we xema'eãwa, marygato 'ã aapa irekawo irekawo we te'omara Apyãwa tera magykatoãwa re, emanyn raka akome'o ixope. A'e ramõ 'yn axatat nex'ejenopa a'e raka Xaxe we.

A'e ramõ raka imaypy aparagetawo xewe 'yna tera re, marygato raka'ẽ Apyãwa imagy irota irekawo wera iypy wiwe.

Xeremikwaãwa ramõ a'e ramõ, wexowa wi, weywi areka iparagetã tera re, iypy wiwe xane imagy'i iraãwo irekawo xerexera, exanami: Myga aerak axewi wa'yra, axekwe ranõ, aty aerak axewi ranõ, emanyn xepe mĩ Apyãwa gy ixeraki akwãpa, imagywo wojawa gy rekwea ranõ.

Akoma'e raka'ẽ mĩ amagy wera Konomi, a'e raka'ẽ mĩ ekwe amagy iraãwo irekawo wera, exanami: Axyre'i hera, axe'ãtowakara hera, axeakyjetaxi hera, axewetehera, emanyn raka'ẽ mĩ imagy akoma'ekwera gy wera. Axekwe ranõ, myga naxeapaj a'e epe wereka aoexoxe axyre'i hera xe, awaxã ramõ emi ramõ ixeraki ranõ.

Axekwe ranõ, myga raka'ẽ mĩ ipaxe, a'e ramõ raka'ẽ mĩ inogi ee ipaxe hera ranõ.

Koxy raka'ẽ emanyn amagy irota irekawo wera ranõ, exanami: Akotatai hera, akoxamoko hera, akoxy xewete hera imagywo ranõ. Axekwe raka'ẽ mĩ Koxy ixeraki awaxa ramõ xe ranõ, myga xowe raka'ẽ mĩ axerak akywyrã re, akypy'yra re, peepe raka'ẽ mĩ ymy Apyãwa ixerak akwãpa, naxerak raka'ẽ mĩ akwãpa tanetaneme.

'Yn waripe xe 'ã ixerak xe akwãpa, maryn Apyãwa he pap akawo, peepe axeraka mo ta'e.

A'e ramõ emnyn, akaxymoo 'yn weawo wekawo penowi ie ranõ, wexemikwaãkwaãwi xe mĩ ie akome'o'i penope ranõ, a'e ramõ emanyn.

Narradora: Roziline Tarywaja Tapirapé

Transcrição: Xario i Carlos Tapirapé

Data: 08/05/2024 15h00min às 15h53min da tarde

5.3.2 - Tradução para português da entrevista com Roziline Tarywaja Tapirapé

Como o povo Apyãwa vinha usando a nomeação?

Esta pesquisa foi realizada na aldeia Xexotãwa, Área Indígena Tapirapé/Karajá, no município de Santa Terezinha-MT, no dia 08 de maio de 2024, às 15h00m. às 15h53m. da tarde. Essa aldeia está distante cerca de 60km da aldeia Tapi'itãwa.

Antes de acontecer a entrevista, tive uma conversa com a minha tia para combinar o dia certo que iria fazer a entrevista com ela, na qual marcamos o dia para realizar esta entrevista.

Por isso, neste dia, me desloquei de moto para a aldeia Xexotãwa às 08h30m. e cheguei às 10h30m. da manhã, chegando na aldeia de surpresa para eles.

Daí, cada um deles nos cumprimentou assim:

- Bem-vindo à nossa aldeia.

Respondemos:

- Sim!

- Vocês nos pegaram de surpresa.

- Com certeza mesmo!

Ainda me perguntou:

- O que vocês vieram fazer? disse a minha tia!

Respondi novamente, informando a ela a importância da minha pesquisa e que, por isso, iria fazer uma entrevista com ela e, então, ela se lembrou que neste dia foi marcada a nossa entrevista.

A pessoa que entrevistei foi a Sra. **ROZILINETARYWAJA TAPIRAPÉ**, de 64 anos de idade, é a mais velha dessa aldeia, grande conhecedora da cultura Apyãwa.

Iniciando a entrevista, no primeiro momento, tive que informar direitinho para ela a importância do meu trabalho explicando detalhadamente para ela poder entender melhor a verdadeira nomeação do povo Apyãwa daqueles anos antigos, usando os nomes apropriados a cada etapa da faixa etária de cada gênero. Ela foi compreendendo e então concordou completamente em colaborar comigo. Com isso, a entrevista ocorreu às 15h00m. da tarde na casa dela.

A Sra. **ROZELINE TARYWAJA TAPIRAPÉ**, iniciando sua fala, disse que “aprendi com o meu pai e a minha mãe a história de nomeação Apyãwa pois, naquele tempo, os nossos antepassados não usavam os nomes de qualquer jeito.

Cada nome tem sua especificidade para usar de maneira correta, por exemplo: os meninos que usam o nome de criança, este nome tem a sequência para se usar até chegar à idade de velho, devido que a cada momento, o ritual de passagem da vida conforme a faixa etária, vai mudando o seu nome. Agora, se um rapaz não fizer a sua festa, é chamado sempre pelo nome velho de xyre'i'i, pode ser mudado quando tiver um filho rapazinho ou moça. Da mesma “forma, também as meninas vão mudando o seu nome”.

Ela citou também os nomes especificamente dado para os pajés, quando uma pessoa passa para ser pajé.

Também ela relatou que cada família Apyãwa tem seu nome próprio, isso já vem sendo usado desde os nossos antepassados:

“Mas hoje em dia, no meu ponto de vista, os nomes estão sendo usados de forma incorreta, a família roubando os nomes de outras famílias, isso não pode acontecer. Também os nomes são usados sem necessidade, isso também é um problema e traz preocupações para nós, Apyãwa e, futuramente, os nomes Apyãwa podem ser inventados”. Assim, “finalizo a minha fala sobre a nomeação Apyãwa reafirmando que os nomes têm sua sequência para cada gênero Apyãwa”.

5.4 - Entrevista com Tokyna Tapirapé

5.4.1 - Marygato raka'ẽ ymy Apyãwa imagy irota irekawo tera?

Iypy ramõ kwee akome'o ixop iryna we te'omara, ma'e re aapa irekawo epe te'omara, we xema'eãwa apyretarogãwa. A'e ramõ kwee akome'o iryna ixope, tera magykatoãwa re a aapa irekawo te'omara we xawo ixope.

A'e ramõ kwee ixegẽ xewe, aoxekatoete'i ereapa'i epegare ete'omara xyre'i axawo xewe.

'Ã kwee imaypywo xewe aparagetãwo. Kwewiwe ro'õ raka'ẽ Apyãwa ierak irota irekawo awaxagy iypy wiwe, ikonomihera wiwe, a'e ekwe anogi axewi ranõ, konomi'i wiwe, awã tamoja konomihera anog ee, a'ere, ixyre'i hera inogi ee, a'ere ixewetehera inogi ee, a'ere ixewetehera, a'ere imaryke'yhera, xa.

Awa anog axee axyre'i hera, a'ere ixewetehera, axewi ranõ, a'ere axewetehera pe ierak, xa.

Koxy emanyn ranõ, xa, akotataihera anog ee, a'ere akoxamokohera inogi ee, a'ere axewetehera inogi ee, a'ere awajwi hera inogi ee, xa, koxy ierak wera pe, a'yao hera pe ierak, xa, awajwi hera pe ierak ranõ.

Emanyn a'e ramõ aparageta'i newe xyre'i, tera magykatoawa re.

Narradora: Tokyna Tapirapé

Transcrição: Xario'i Carlos Tapirapé

Data: 08/06/2024 12h00min às 12h25min da tarde

5.4.2 - Tradução para português da entrevista com Tokyna Tapirapé

Como o povo Apyãwa vinha usando a nomeação?

Esta pesquisa foi realizada na aldeia Hawalora, Área Indígena Tapirapé/Karajá, no município de Santa Terezinha-MT, a 130 km da aldeia Tapi'itãwa, no dia 08 de junho de 2024, às 12h00m. até 12h25m. da tarde.

A pessoa que entrevistei foi a sra. **TOKYNA TAPIRAPÉ**, de 91 anos de idade, é a pessoa mais velha da nossa população e hoje está morando na Aldeia Hawalora, é uma grande conhecedora da cultura Apyãwa.

Para iniciar a entrevista, tive que informar a ela detalhadamente sobre a minha pesquisa sobre a nomeação Apyãwa, sendo que este trabalho é a continuação do meu estudo de mestrado. Com isso, ainda tive que explicar a ela para que os Apyãwa continuam usando a sequência dos seus nomes próprios, este é objetivo do meu trabalho, disse a ela.

Com isso, ela me falou assim:

- Que bom! Este seu trabalho vai ser ótimo! disse ela.

Diante disso, ela iniciou a sua entrevista, dizendo que o uso verdadeiro da nomeação Apyãwa daquele tempo atrás, os nomes eram usados desde criança, por exemplo: os meninos usavam o seu nome de criança, este batismo do nome podia receber dos avôs paternos, quanto dos avôs maternos, usando sempre a sequência do seu nome, sem haver nenhum outro nome de outra família.

Por isso, é muito importante praticar a primeira iniciação masculina. Os meninos são chamados de *konomi*. Assim, estes nomes masculinos serão usados sucessivamente em

cada momento importante da vida, tanto na fase que vai desde a primeira iniciação até a segunda iniciação, *xyre'i'i*, até chegar no grupo de idade dos homens idosos, *marykwera*.

Algumas pessoas podem receber o seu nome de *xyre'i'i*, em seguida, pode receber outro nome quando passar para outra fase, *axe'ätowakara hera*.

As mulheres também são da mesma forma, recebem o seu nome de criança, em seguida, recebem o seu nome da moça, assim, sucessivamente elas vão recebendo seu nome sequencial até chegar ao grupo de idade das mulheres idosas, *wajwikwera*.

A mulher também pode nomear a sua filha ou neta, colocando nela o seu nome que ela usava nos tempos atrás, quando era nova, isso quer dizer, o nome dela é renovado pela filha dela e, também, é obrigatório usar, nesse momento, o nome de idosa dela.

Assim, posso repassar o meu conhecimento com muito carinho para você sobre a verdadeira nomeação Apyãwa.

5.5 - Entrevista com Maria Rita Iparewã Tapirapé

5.5.1 - Marygato raka'ë ymy Apyãwa imagy irota irekawo tera?

Iypy ramõ raka apĩ we akome'o iryna marygato 'ã aapa irekawo we te'omara terá magykatoãwa re. Axewe kome'okatokato ramõ raka apĩ ipoenokato 'yna xe te'omara.

A'e ramõ raka apĩ imaypy xewe aparagetãwo nyn: Xe xaryja raka'ë Kato'ywa, a'e ro'õ raka'ë iy Mareakãwa, e'i kwee mĩ xewe xey.

Kato'ywa memyra ramõ raka'ë ika xeyryma, a'e ramõ apa Wexiro'i wi raka'ë 'ã ika, a'e ramõ emanyyn.

A'e ramõ emanyyn, are waxa hera, xane waxa hera, a'e ramõ epe. Kato'ywa gy, Mareakãwa ne xane'ywypy, emanyyn raka'ë. A'e wi xipapapapat raka'ë.

Are ramoja raka'ë Awoire ramõ aka, a'e wi a'e ramõ ia hera, Awoire raka'ë are ramoja konomi hera, ixyre'i hera a'e ramõ raka'ë Komaoro, Komaoro'i raka'ë 'ã are ramoja. Are a'e ramõ Komaoro'i xará, are a'e ramõ i'ywypy. A'e raka'ë ixepaera Okareaxowa, emanyyn.

Xerowa hy raka'ë Ipa'ywa, Koxare raka'ë iy rera, a'e raka'ë apa Ipa'ywa hera, ikoxamoko hera, a'erẽ ro'õ raka'ë ireka Ko'aaro'i, Ipa'ywa rera, emanyyn raka'ë are xaryja.

Koraja raka'ë tywyra, Ixyre'i a'e ramõ tywyra, iy tee raka'ë a'ega, Kaxamori a'ega hy, Ixyre'i hy, Ipa'ywa kypy'ya, a'e raka'ë emanyyn.

Ikoxyete ro'õ raka'ẽ Mytyga, Mytyga raka'ẽ xerowa retytee, emanyn a'e ramõ. 'Ã raka'ẽ nyy apa etaea ramõ, a'e 'ã akwãp, Mareakawio'i ro'õ raka'ẽ enyra, apa Mana'yri, Taixowoo, e'i kwee mĩ xewe ikome'owo, emanyn. A'e wi 'ã tera xirakwãp, emanyn. 'Ã raka'ẽ xerowa iapa Irawy, a'e ramõ 'ã tera axapypepype xereka, emanyn.

Emanyn a'e ramõ aparageta'i newe we memyri, ne xaryja we xewe ikome'oãwa ropi 'yn aparageta'i newe, emanyn.

Narradora: Maria Rita Ipawã Tapirapé

Transcrição: Xario'i Carlos Tapirapé

Data: 08/07/2024 08h00min às 08h51min da manhã

5.5.2 - Tradução para português da entrevista com Maria Rita Ipawã Tapirapé

Como o povo Apyãwa vinha usando a nomeação?

Esta pesquisa foi feita na aldeia Tapi'itãwa, T.I. Urubu Branco, no município de Confresa-MT, no dia 08 de julho de 2024. Realizei a entrevista das 08h00m. às 08h51m. da manhã.

Para iniciar a entrevista com a minha mãe, tive que dar a informação a ela com detalhadamento sobre a minha pesquisa. Passei a ela de forma bem clara e, com isso, ela se dispôs para repassar a sua sabedoria para mim, principalmente, colaborando comigo.

A pessoa que entrevistei foi o Sra. **MARIA RITA IPAREWÃ TAPIRAPÉ**, de 64 anos de idade, é uma grande conhecedora da cultura Apyãwa.

Então, ela iniciou a sua entrevista dizendo assim: “Naqueles anos atrás, a minha bisavó se chamava Kato'ywa e a mãe dela se chamava Mareakãwa, assim a minha mãe contou para mim. Kato'ywa era mãe da minha mãe, que pertencia à família de Wexiro'i”, assim a minha mãe Ipawã informou.

“Dessa família seguimos os nomes, ou seja, mantemos até o presente momento, as nossas verdadeiras nomeações que, aliás, ainda pertence à descendência dessa nossa família, das duas mulheres dessa família, Kato'ywa e Mareakãwa. Elas trazem os maiores nomes importantes e bonitos para sua família, desde aquele século passado, para não haver nenhum problema com outro nome, ou seja, não roubar os nomes de outras famílias.

Também deixa bem claro que, naquele tempo, o meu avô se chamava Awoire, este nome é de menino, passando para outra fase da vida de *xyre'i'i*, se chamava Komaoro'i,

então, este nome pertence à minha família, diz a minha mãe Iparewã. Além disso, ainda passando para outra fase dele, que é o ritual do rapaz, no qual ele pode mudar o seu nome, novamente era chamado de Okareaxowa. “Dessa forma, os Apyãwa usavam o seu nome próprio em sequência”, assim minha mãe me informou sobre os usos dos nomes.

Depois, ela citou a família do pai dela, dizendo que a mãe do pai dela era Ipa’ywa, a mãe dele era Koxare, mas o nome dela era Ipa’ywa, é o nome da moça dela e na sequência de mudança do nome, passou para Ko’aaro’i, assim eram os nomes da minha avó, diz minha mãe Iparewã.

Disse também que Koraja, Ixyre’i e Ipa’ywa eram irmãos, a mãe deles era chamada Karaxamori.

“Na verdade, a irmã verdadeira dele era chamada Mytyga, Mytyga era a verdadeira irmã do meu pai, Arapaxigi. Mas era uma das maiores famílias daqueles anos atrás, ainda esta família continua sendo a maior família. Além delas havia ainda diversas irmãs verdadeiras chamadas de Mareakawio’i, Mana’yri e Taixowoo”, assim a minha mãe contou para mim sobre a história da nossa família.

“Então, encerrando a minha entrevista, vou dizer para você, filhinho, tenho certeza de que você está realizando pela primeira vez este estudo sobre a verdadeira nomeação Apyãwa”.

Analisando as quatro entrevistas, vejo que as informações coincidem nos pontos principais: Os nomes do povo Apyãwa mudam seguindo uma sequência, de acordo com as fases da vida de uma pessoa e conforme o gênero. Os nomes pertencem às famílias e não deve ser usado por pessoas de outras famílias. A nomeação é a forma de identificar uma pessoa, em que fase da vida ela está e a qual família pertence.

5.6 - A minha reflexão sobre os nomes na certidão de nascimento

A reflexão sobre a nomeação na cultura Apyãwa/Tapirapé e a impossibilidade de alteração dos nomes na certidão de nascimento aponta para a complexidade da identidade e pertencimento cultural. Nomes, na cultura Apyãwa/Tapirapé, são atribuídos levando em conta aspectos da natureza e tradições, refletindo a conexão com seu povo e território. Essa prática contrasta com a legislação que estabelece que nomes e sobrenomes, uma vez registrados, não podem ser alterados, o que pode gerar conflitos entre a identidade cultural e a burocracia.

Para o povo Apyãwa/Tapirapé, a nomeação daquele tempo atrás do nosso antepassado, seguia um sistema baseado em duas metades cerimoniais patrilineares e não-exogâmicas, cada uma subdividida em três graus de idade. Além disso, a organização social era marcada pelas sociedades de pássaros (Wyrã), onde a população masculina era dividida em duas metades, competindo em atividades como caça, canto e agricultura.

A cultura Apyãwa/Tapirapé possui um sistema de nomeação próprio, com significados e usos sociais específicos para os seus nomes de acordo com a realidade da cultura, buscando entender a origem, os usos e as funções sociais dos nomes nessa cultura. Por isso mesmo, naquele século passado, os nossos antepassados não se preocupavam com o uso do seu nome próprio, pois naqueles anos eles cumpriam, mantinham as normas das regras dos seus nomes seguindo as sequências, aliás, pessoa recebia a série de nomes que vai usar de acordo com as fases de sua vida.

Com o contato com não-indígena os nomes dos indivíduos Apyãwa/Tapirapé, incluindo os nomes de registro em cartório, começaram a ser registrados, muitas vezes padronizados com o último sobrenome indicando a etnia, ou seja, Tapirapé.

Então, este registro dos nomes do povo Apyãwa/Tapirapé ocorreu quando o Chefe do Posto, o funcionário da Funai, fazia registro RANI. RANI significa Registro Administrativo de Nascimento de Indígena. É um documento emitido pela FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas) para indígenas que ainda não possuem registro civil de nascimento. O RANI é um registro administrativo que pode ser usado para solicitar o registro civil em cartório.

O RANI foi instituído pelo Estatuto do Índio (Lei nº 6.001/1973) e é um documento importante para garantir o direito à identificação e cidadania dos povos indígenas.

A emissão do RANI é feita por funcionários da FUNAI, que registra as informações em livros próprios e emitem o documento correspondente.

Mas, sim, a escolha do nome é uma decisão dos pais, que devem considerar o prenome e os sobrenomes que farão parte da identidade da criança. Portanto, a escolha do nome segue da seguinte maneira: algumas pessoas registram o seu filho colocando no primeiro nome indígena, segundo, coloca o nome não-indígena, terceiro, coloca etnia, outro coloca primeiro nome indígena com a etnia e tem pessoa que registra o seu filho diretamente com nome não-indígena com a etnia, por exemplo:

Mareapapytyga Gabriela Tapirapé

Koxamy Adryelle Tapirapé

Andressa Tame'i Tapirapé

Sirlene Myaxowytyga Tapirapé

Renato Tapirapé

Luzenira Tapirapé

O registro dos nomes para o povo Apyãwa/Tapirapé é importante por diversas razões, incluindo a manutenção da identidade cultural, a preservação da história e a garantia de direitos. Nomes indígenas, muitas vezes, carregam consigo significados profundos e estão intrinsecamente ligados à cultura, ancestralidade e história do povo.

A discussão entre a nomeação na cultura Apyãwa/Tapirapé e os nomes na certidão de nascimento reside na tensão entre a tradição cultural e a legislação brasileira. Enquanto os Apyãwa/Tapirapé possuem um processo de nomeação baseado em elementos da natureza e eventos importantes, a certidão de nascimento segue um padrão ocidental, onde a mudança de nome é mais restrita.

A imposição do nome ocidental na certidão de nascimento pode ser vista como uma forma de perda cultural e apagamento da identidade Apyãwa/Tapirapé.

A dificuldade de alterar o nome na certidão para refletir o nome cultural pode criar conflitos, especialmente para aqueles que vivem entre a cultura Apyãwa/Tapirapé e a sociedade brasileira.

A busca por soluções que conciliem a legislação com o reconhecimento da identidade indígena é um desafio constante, com discussões sobre a possibilidade de incluir o nome cultural na certidão como um sobrenome.

A questão da nomeação é apenas um exemplo de como a cultura indígena pode ser afetada pelas normas da sociedade dominante, destacando a importância de se buscar soluções que valorizem a diversidade cultural e promovam a inclusão.

Atualmente, o registro da nossa população como Apyãwa/Tapirapé está ocorrendo da seguinte forma: pode agora registrar sua etnia como sobrenome em cartório, seguindo uma resolução recente. Essa mudança permite que indígenas incluam o nome de sua etnia, aldeia ou território de origem, além do município, no registro civil. O registro é facultativo e respeita a autodeterminação da pessoa indígena.

Entendendo que os nomes registrados no cartório ficariam muito difíceis para ser alterados, com isso os nomes registrados Apyãwa/Tapirapé ficariam com o seu nome até o

fim da sua vida, mas sim, culturalmente a sequência de nomes para os homens Tapirapé ao longo das fases da vida segue uma tradição de honra e prestígio familiar.

Os meninos recebem um novo nome em cada etapa: infância, adolescência e vida adulta, com o nome do avô sendo mantido na linhagem masculina, da mesma forma, ocorre com o gênero feminino. Essa prática não apenas preserva a identidade individual, mas também fortalece os laços familiares e a hierarquia social do povo Apyãwa/Tapirapé.

Não posso deixar de registrar que, atualmente, quando uma mulher Apyãwa ganha o bebê em hospital com cartório interligado, o registro pode ser feito ainda antes da alta, com a certidão entregue aos pais no próprio hospital, sem precisar sair dali. É para isso, antes de tudo os pais juntos com os avôs maternos e paternos preparam o nome da criança tanto da menina e quanto do menino registrando o seu nome de rapaz e moça.

Dessa maneira, fiz a minha reflexão de acordo a minha visão sobre o processo de nomeação da cultura Apyãwa/Tapirapé e os nomes vêm na certidão de nascimento, que não podem ser mudados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo dessa pesquisa, vimos toda a minha trajetória de minha vida durante a minha vivência. Este longo processo da minha vida demonstra claramente a minha carreira profissional na educação e demonstra também a minha formação como líder Apyãwa. Tudo isso, eu descrevi conforme os acontecimentos de cada passo vivido na minha vida, sendo que tive interesse maior de ter uma formação e habilitação, tanto no conhecimento ocidental e quanto no conhecimento Apyãwa.

No segundo capítulo deste trabalho, transcrevi toda a história Apyãwa, atualizando a atual população Apyãwa, a Terra Indígena a que pertence, a distância de cada aldeia mapeando cada localização da aldeia Apyãwa na Terra Indígena Urubu Branco.

No terceiro capítulo relatei todos os processos de nomeação Apyãwa de cada faixa etária e de cada gênero. Sabemos que os nomes Apyãwa têm sua regra de uso seguindo a sua sequência. Neste mesmo capítulo ainda analisei todos os nomes que foram registrados conforme o conhecimento dos antropólogos que estudaram sobre os Apyãwa no decorrer dos anos de 1935 até 1947. Estes nomes foram transcritos por mim conforme a ortografia atual de nossa língua.

No capítulo quarto, para ter uma certeza de informação, tive que realizar uma entrevista com os sábios sobre o surgimento de nomes, sendo que inúmeros nomes são originados de várias espécies de seres vivos e, também, como o povo Apyãwa vinha usando a nomeação naquele tempo, até hoje esta nomeação continua sendo valorizada, tanto pelo gênero masculino e quanto pelo feminino.

No quinto capítulo transcrevi o surgimento dos nomes de cada espécie de seres vivos nativos, que surgiram para o nosso povo de acordo com a verdadeira nomeação usada pelo povo Apyãwa/Tapirapé.

Considero que os meus objetivos foram alcançados porque a minha pesquisa envolveu os idosos, sendo que eles contribuíram para que os jovens aprendam a verdadeira regra da nomeação e a regra da sequência do nosso nome Apyãwa. Foi gravada cada entrevista com celular e transcrevi todas as informações na língua Apyãwa, em seguida, fiz a tradução para português. Dessa forma, será um valioso material em forma de livro para ser utilizado nas escolas Apyãwa/Tapirapé. Assim, os jovens e as crianças vão poder contar com o registro escrito da nossa cultura.

Com esse resultado positivo, também percebi mais informações dadas pelas mulheres sendo que, no meu ponto de vista, elas tiveram mais conhecimentos amplos sobre a sequências das nomeações Apyãwa do que os homens.

Portanto, com esse resultado obtido através das atividades e pesquisa realizadas junto com os alunos, o ponto importante que os alunos trouxeram foi reconhecer os nomes de outras famílias, além dos nomes que pertencem à sua família. Então, com isso, eles disseram que Apyãwa é um povo só devido que os nomes pertencem às diversas famílias.

Os próprios alunos, naquele momento das aulas, perceberam que a maioria dos estudantes pertence a famílias próximas e a maioria deles falou a que família pertence. Também nesta pesquisa, perceberam profundamente que as maiores conhecedoras e especialistas sobre nomeação Apyãwa foram as mulheres, enquanto os homens não têm conhecimento profundo sobre a nomeação.

Ao finalizar este trabalho, quero dizer que, neste estudo, me aprofundei muito nos conhecimentos de cada processo de nomeação verdadeira Apyãwa própria de cada faixa etária.

Gostei muito de realizar esta pesquisa, pois descobri fatos importantes da história de nomeação Apyãwa e assim espero estar contribuindo para que as novas gerações compreendam melhor e continuem levando este conhecimento sobre a nomeação de cada gênero Apyãwa de geração em geração.

CONSULTORES NATIVOS APYÃWA

TAPIRAPÉ, Kaorewygi, com 86 anos de idade, Chefe de rituais do povo Apyãwa/Tapirapé, grande conhecedor dos cantos rituais e da cultura Apyãwa. Reside na Aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, município de Confresa, MT.

TAPIRAPÉ, Maria Rita Iparewã, com 64 anos de idade, artesã e conhecedora de cantos rituais do sexo feminino Apyãwa, mora na aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Município Confresa, MT.

TAPIRAPÉ, Rozeline Tarywaja, com 64 anos de idade, artesã e conhecedora de cantos rituais femininos Apyãwa, mora na Aldeia Xexotãwa, Área Indígena Tapirapé/Karajá, Município de Santa Terezinha, MT.

TAPIRAPÉ, Tokyna, com 91 anos de idade, artesã e conhecedora de cantos rituais Apyãwa, reside na Aldeia Hawalora, área Indígena Tapiraope/Karajá, Município de Santa Terezinha-MT.

REFERÊNCIAS

BALDUS, Herbert. **Tapirapé**: Tribo Tupi no Brasil Central. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1970.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm.

IRMÃZINHAS DE JESUS. **Livro de Nascimentos e Óbitos dos Apyãwa-Tapirapé**, manuscrito. 1952 a 2018.

PAULA, Eunice Dias de. **Escola Tapirapé**: processo de apropriação da educação escolar por uma sociedade Tupi. Monografia de Conclusão do curso de Pedagogia apresentada à Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, 1977.

PAULA, Eunice Dias de. **A língua dos Apyãwa-Tapirapé na perspectiva da etnossintaxe**. Campinas: Editora Curt Nimuendaju, 2014.

TAPIRAPÉ, Arokomyo'i Pablo. **A regra dos nomes**. Monografia de Conclusão de Curso de Ensino Médio, Projeto Aranowa'yao II – Novos Pensamentos, apresentada à Escola Indígena Estadual "Tapi'itãwa", 2009.

VIVEIROS DE CASTRO, E. 1996. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio**. Mana – Estudos de Antropologia Social (Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Museu Nacional Universidade Federal do Rio de Janeiro), 2, 2: 115-144.

WAGLEY, Charles. **Lágrimas de Boas-Vindas**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

APÊNDICE

PRODUTO PEDAGÓGICO

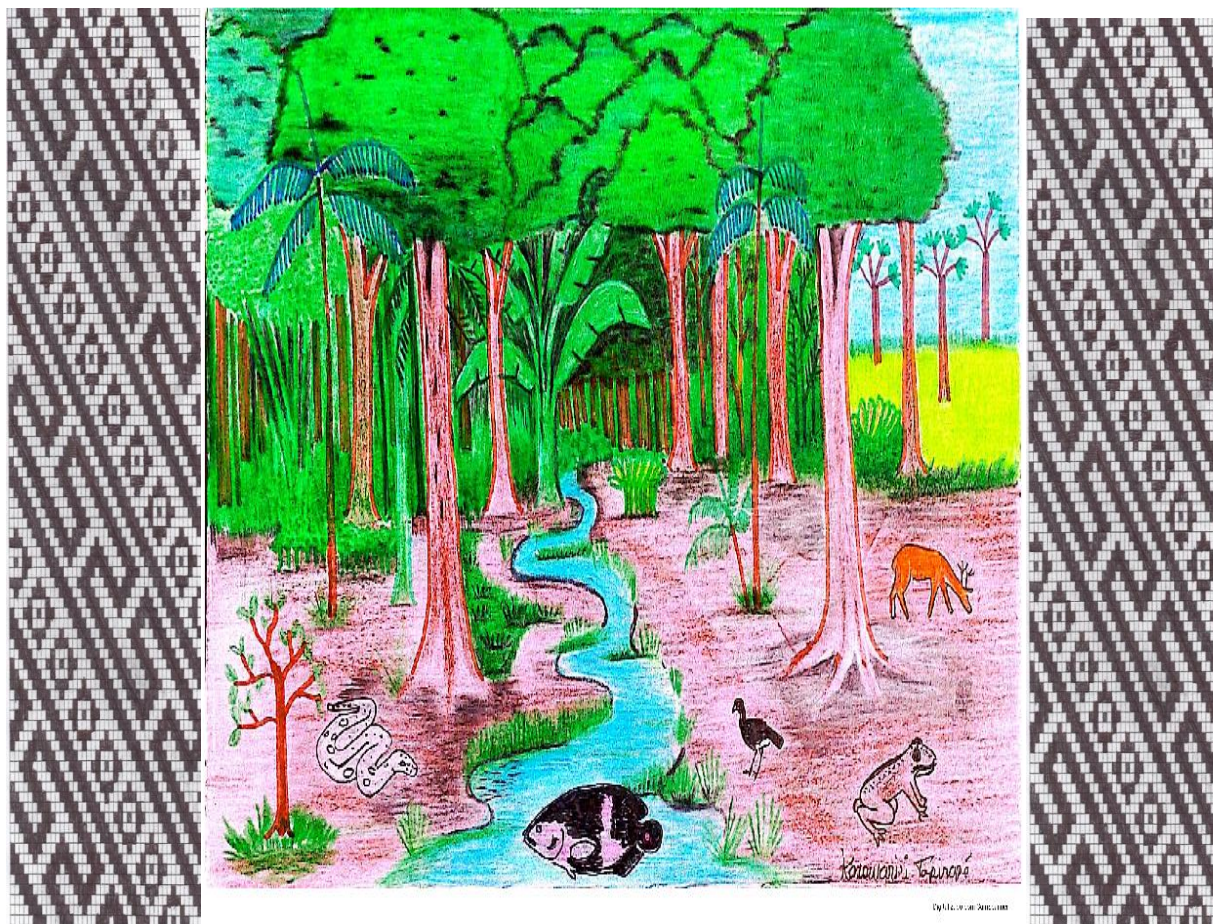
**MYWI APYÃWA RERA TOAWA PARAGETÃ AXEMA'EMA'E AGY
WE**



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO PRÓ-
REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. EST. RENÊ BARBOUR – BARRA DO BUGRES
MESTRADO EM ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL – PPGECH



MYWI APYÃWA RERA TOAWA PARAGETÃ AXEMA'EMA'E AGY WE



AUTOR: XARIO'I CARLOS TAPIRAPÉ

BARRA DO BUGRES
2025

PRODUTO PEDAGÓGICO

Apresentação:

O meu produto pedagógico é um livro realizado na minha língua materna Apyãwa trazendo diversas informações sobre o surgimento de cada nome que surgiu da natureza que são usadas em cada fase da vida. Isso me levou de uma forma de conhecer melhor que os nomes surgiram das diversas espécies da natureza, como: dos peixes, dos animais, das aves, dos sapos, da natureza, das frutas, das abelhas e das cobras. Também chegar a desenvolver como um resultado do meu trabalho de pesquisa com todas as explicações sobre o surgimento dos nomes para o povo Apyãwa e até o presente momento, esses nomes são usados pelo meu povo que foi desenvolvido como uma Dissertação de Mestrado intitulada AUTOETNOGRAFIA E ANCESTRALIDADE: A História do Povo Apyãwa Contada a Partir dos Antepassados que já Viveram Meus Nomes Sociais apresentada ao Programa de Pós Graduação em ENSINO, DOCÊNCIA E INTERCULTURALIDADE, PPGECEII, da Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, Campus Deputado Estadual Renê Barbours, Barra do Bugres, MT.

O meu livro se chama MYWI APYÃWA RERA TOAWA PARAGETÃ AXEMA'EMA'E AGY WE, o surgimento dos nomes para o povo Apyãwa, ou seja, os nomes usados em cada família, para que este nome seja continuado para o nosso povo Apyãwa. Para os nossos estudantes que foi planejado como um material didático e pedagógico e para os nossos professores da Escola Indígena Estadual "Tapi'itãwa" e poderá ser usado como um material de pesquisa aos estudantes para o aprendizado do surgimento dos verdadeiros nomes para o povo Apyãwa. O livro também apresenta os processos de origem de cada nome para povo Apyãwa, a partir de diferentes personagens que viveram em períodos distintos da história, usando os mesmos nomes.

O livro foi produzido pelos estudantes do 8º e 9º anos a partir de uma pergunta sobre a origem dos nomes de cada aluno e aluna. Então, os estudantes pesquisaram junto a seus pais, suas mães, suas avós e seus avôs sobre a origem dos seus nomes. Em sala de aula, escreveram os textos e desenharam as ilustrações do livro.

TE'OMARA YPYROGĀWA:

'Ā maragetā mō ekwe aapa wexema'eāwa apyretarogāwa ramō ranō. 'Ā te'omara mō kwee wetepe akwaāmatat wekawo **APYĀWA RERA MYWI ITORI AREWE**, axe kwe ranō marygato raka'ē Apyāwa we tera ixerapari 'ota. A'e ramō raka'ē Apyāwa gỹ imagy iraāwo irekawo werā aypy agỹ wiwe. Wetepe raka'ē tera ixerapari 'ota arewe ma'ema'e wi, exanami: Ka'ā wi, Ipira wi, Wyra wi, Xo'i wi, Kororo wi, Ywa wi, Maja wi, Temiara wi, Eira wi, emiwera wi raka'ē 'ā tera iraxerapari arewe paxe ranō. Axe kwe ranō marygato ekwe arate'omat ee axema'ema'e agỹ ranō. A'e ramō raka'ē Apyāwa imagy kwewiwe irota irekawo werā iypy wiwe. A'e ramō raka'ē ymy tera nimagyjxeawi ranō, werā raka'ē mi tenone irekawo imagywo werā, 'yn waripe tanā 'ā Apyāwa gỹ imagyjxe 'opa werā ranō.

A'e ramō xexe'āpeawa axema'ema'e agỹ re, ipoenokagatowo ixope mywimywi tera itori arewe, ma'ema'e wi itori arewe, myga raka'ē tera weraxerapat Apyāwa we, emiwera kwee axema'ema'e agỹ we apoenokato akamatat ma'ema'e wi tera itori xanewe. Axe tanā raka'ē ymy peepe xepe tera imagyap ranō, 'yn waripe tanā a Apyāwa ixeraki xe akawo, maryn 'ā hepap akawo Apyāwa. A'e ramō 'ā 'yn waripe tera ixewyrak aawo akawo Apyāwa we, a'e ramō anoanogato matat ywyrāpe pe mywi teetera itori Apyāwa gỹ we, epe xepe Apyāwa reka mō ranō, kwetee we epe xerexeka mō imakaxyme'yma ranō iraāwo irekawo tenone arawaxa gỹ, araxymymino agỹ.

A'e ramō xewe aoxekatoete inoinogatowo xerexaope ywyrāpe pe, a'e re 'yn wetepe xeraryrāryp wekawo ywyrāpe pe inogawa re, kwetee we axema'ema'e agỹ imagywo irekawo xeparagetā mywi tera itori Apyāwa we, imakaxyme'yma epe tera toawa Apyāwa we, axe tanā ranō aypy agỹ wi tera imagy ranō.

TEMIAMIARA WĪ TERA REREKAĀWA PARAGETĀ?

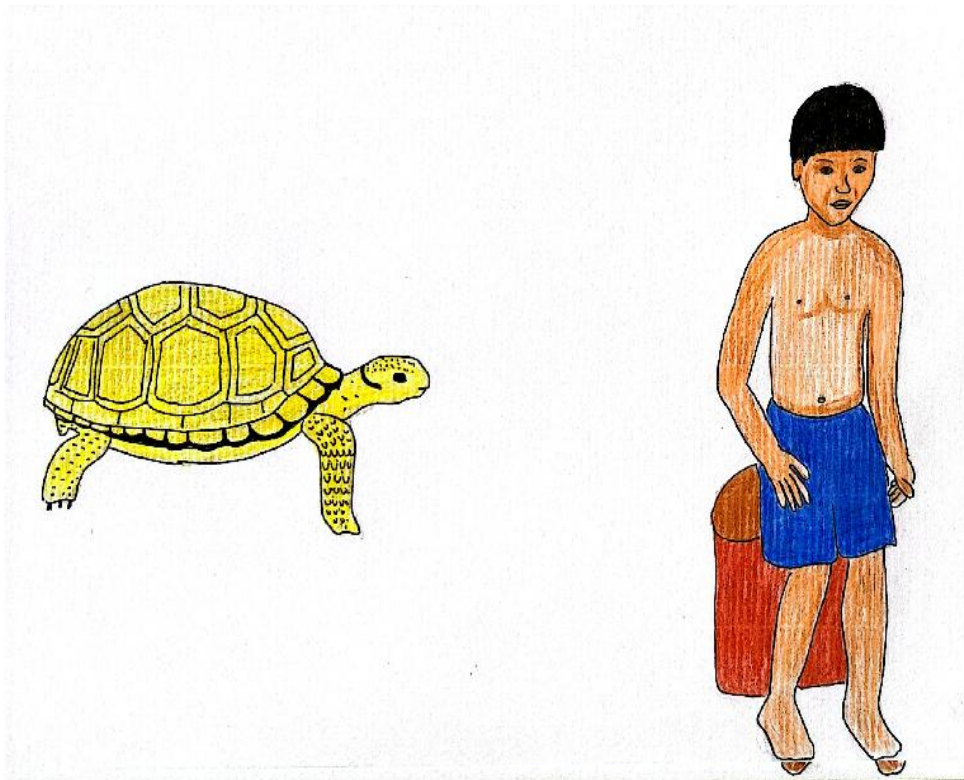
Wetepe raka'ē xane Paxē irori tera ranō. Iaroaaro'i mī Temiaramiara rerera ranō. A'e ramō mī Apyāwa ireka tera Miara wi, Mytyga ro'ō Miara rera. Koxamoko rera mī Mytyga.

Axe tana ranō, wetepe temiara wi arawereka tera ranō, eixanami: Mytyga, Akoxi, Karowaroo, Tapiixi, Iraero, Taxao, Irome, Xawaxi, Ka'i, Kwaxi, Xaripy, Wawere, Tatoko'ā, Tato, Marakaxā, Mykori, Xawara'yroo, Xawanami, Ko'aaro, Akoxirawoo, Kaorewygatora, Awarao, Awarao'i, Anoxao'i, Tara'i, Xa'aja.

Epe raka'ē Paxē irori Apyāwa tera temiaramiara wi.

A'e ramō emanyin akome'o we paragetā pe tera re.

Temiamiaara wi tera rerekaāwa



Scanned with
CamScanner

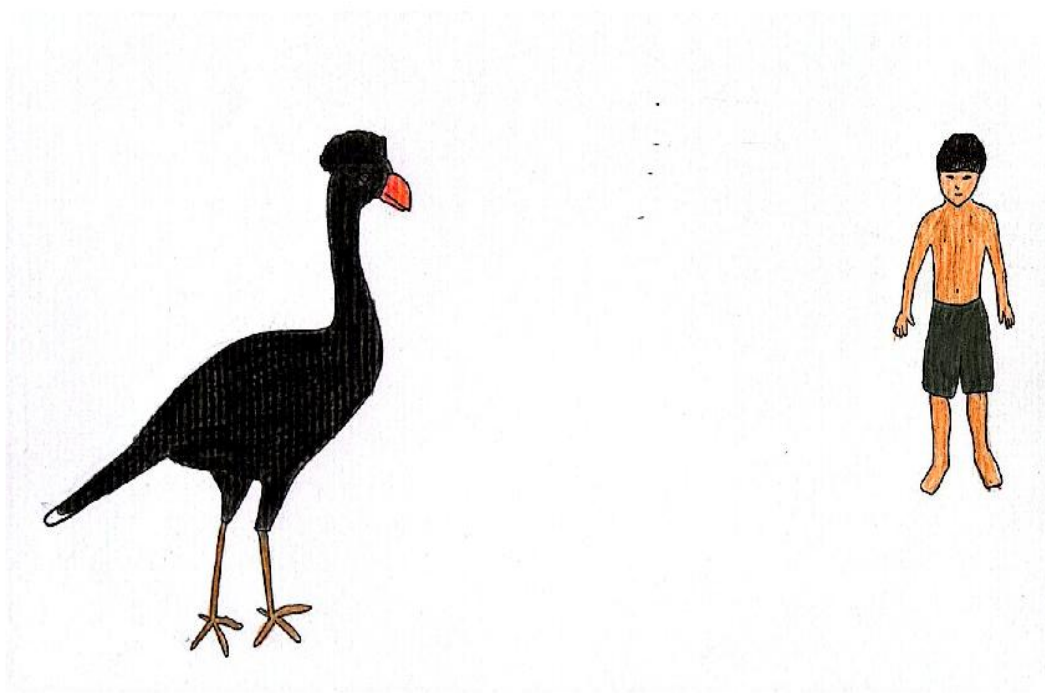
Xeremia'yga: Ima'arawyo Apyāwa, amokwāra re wāra (2024)

WYRĂWYRĂ WĪ TERA REREKAĀWA PARAGETĂ?

Ie ekwe akome'o xerexaope marygato raka'ē xanere itori xanewe Wyră wi. Xanerera ro'ō raka'ē werot xanewe Paxē akwaygowa pe, aixak ro'ō raka'ē Wyră re akawo Paxē, a'e ro'ō raka'ē apyyk akawo heehera ixowi, 'ā irota ixowi iraxerapata araxewe epe teetera ranō, eixanami: Inamo, Xaraxi, Xakowe, Mytō, To'ixigoo, Tokyna, Wākore, Arareme, Xeroxi, Wakajwa, To'iapina, Oroja, Araroo, Awiokwera, Araywe, Winā, Xapi'i, epe raka'ē Paxē irori araxaope teetera Wyră wi.

A'e ramō emany akome'o we paragetă pe xerexaope tera re.

Wyrăwyră wi tera rerekaāwa



Scanned with
CamScanner

Xeremia'yga: Taroko'i Apyāwa, amokwāra re wāra (2024)

EIEIRA WÍ TERA REREKAÃWA PARAGETÃ?

Xanewe ro'õ raka'ẽ Apyãwa ramõ irori Paxẽ wetepe tera Eira wi, eixanami: Maryja, Koxamaxowoo, Eirawã, Eirowa, Tate'i, Eiri, Exa'i, Eirywa, epe a'e ramõ raka'ẽ tera Paxẽ irori Apyãwa we akwaygowa ropi.

A'e ramõ mĩ 'ã Apyãwa ireka kwewiwe wera ramõ Eira wi ranõ, imagy wo Kotataiwera, Koxamokowera.

Emanyn raka'ẽ Paxẽ irori tera iraxerapata akwaygowa ropi Eieira wi.

Eieira wi tera rerekaãwa



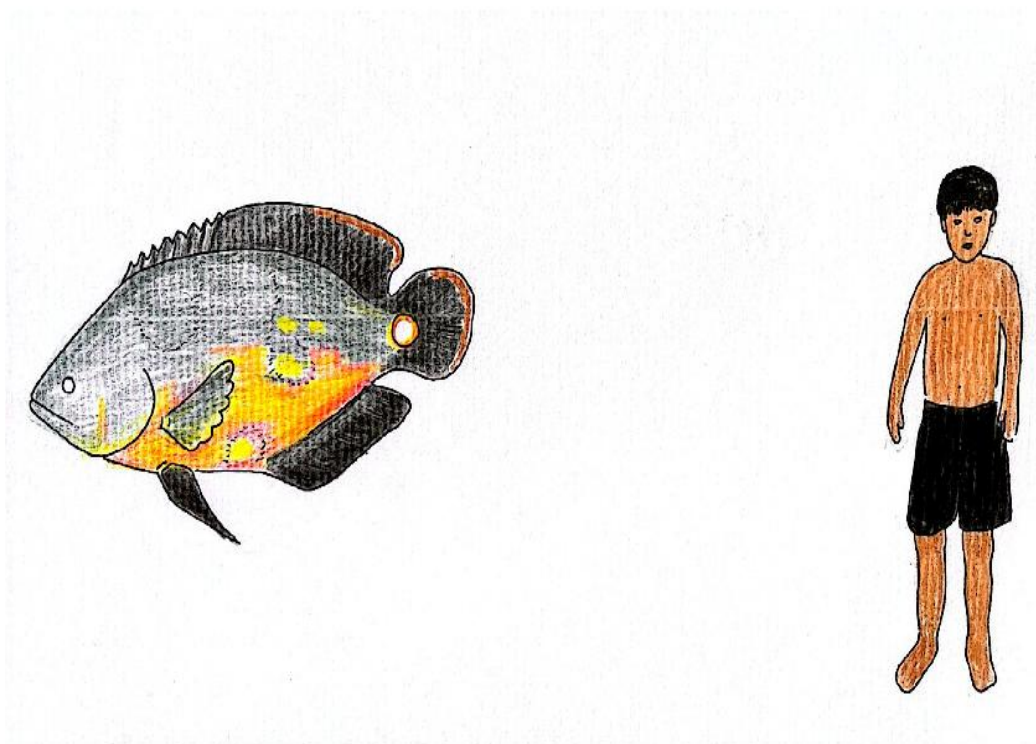
Xeremia'yga: Maremao Apyãwa, amokwãra re wãra (2024)

IPIRĀPIRĀ WÍ TERA REREKAĀWĀ PARAGETĀ?

Wetepe raka'ē xane Paxē irori tera araxewe akwaygowa ropi ma'ema'ewi, eixanami: Ipirā wi raka'ē irori wetepe tera Apyāwa we ranō, Ipikyra, Akarao, Waxanyma, Arapa'i, Porake'i, Xawe'i, Noxa'i, Moo'i, Orowā, Xakarewaja, Xakona, epe raka'ē Paxē irori tera araxewe.

Axe tana raka'ē epe tera irori wetepe Koxy we xe, Akoma'e we raka'ē epe irori ao'i'i. A'e ramō emanyn akome'o we paragetā pe.

Ipirāpirā wi tera rerekaāwa



Scanned with
CamScanner

Xeremia'yga: Kanio'i Apyāwa, amokwāra re wāra (2024)

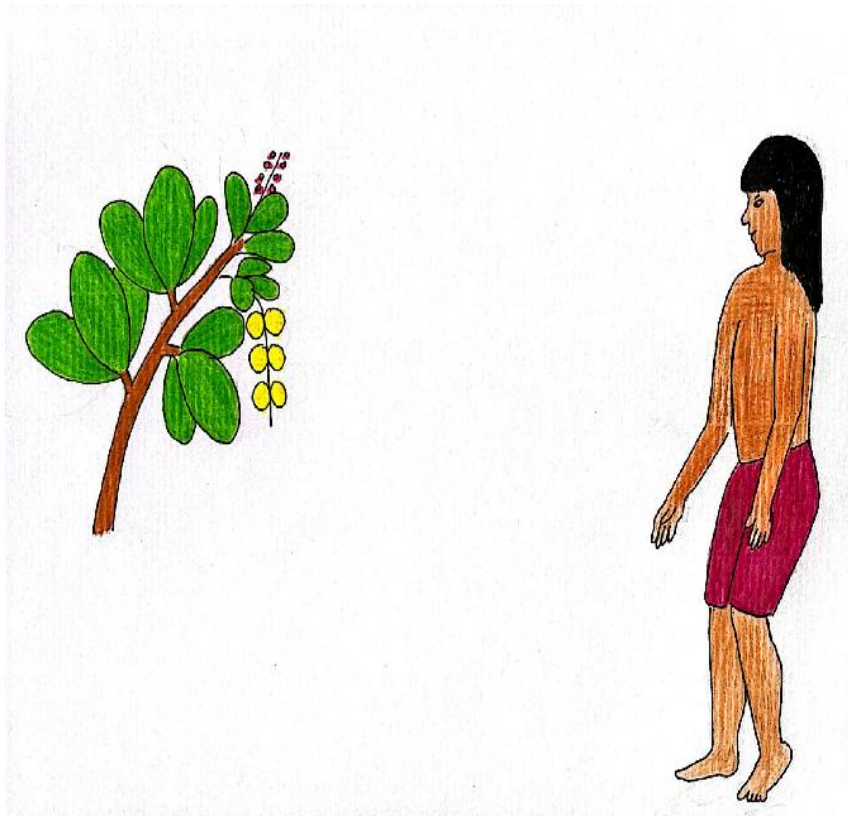
YWAYWA WĪ TERA REREKAĀWA PARAGETĀ?

Apyāwa mī wereka tera Ywa wi ranō. Wetepe raka'ē Paxē irori tera Ywa wi, eixanami: Apeywa'i, Apitaja, Marape, epe raka'ē Paxē irori tera Ywa wi akwaygowa ropi. Maryn ta mī aramagy we irekawo 'yn waripe epe tera ranō.

Axe tanā epe tera imagyap koxywera xe ranō, imagyap a'e ramō tera iypywiwe, eixanami: Kotatai rera, Koxamoko rera, Koxy xewete rera, Wajwi rera.

Emanyn a'e ramō mī Apyāwa imagy iraāwo irekawo wera.

Ywaywa wi tera rerekaāwa



Scanned with
CamScanner

Xeremia'yga: Katypyxowa Apyāwa, amokwāra re wāra (2024)

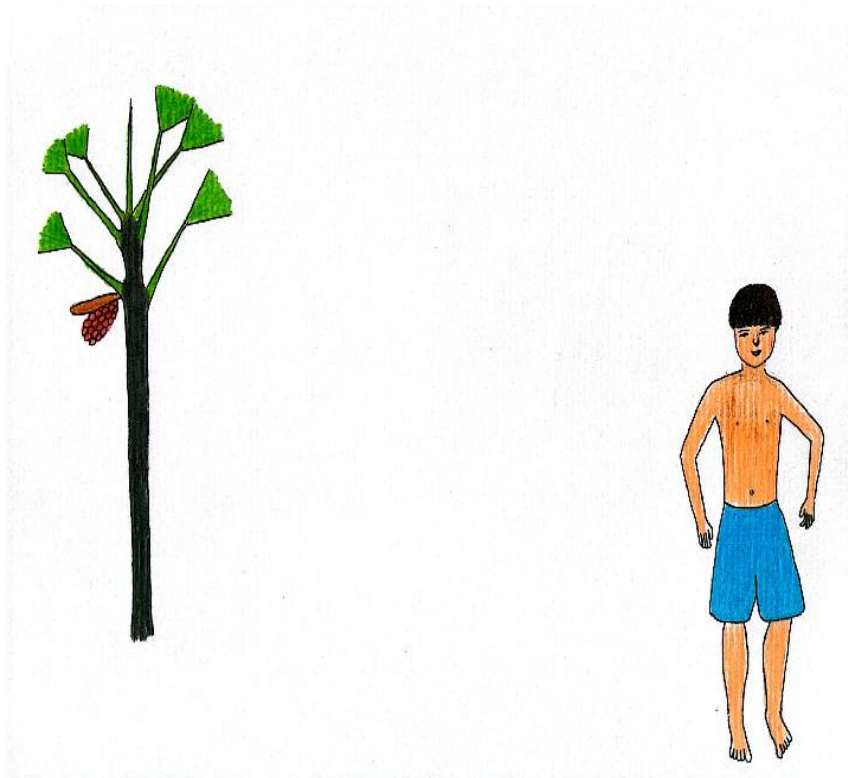
KA'Ã WÍ TERA REREKAÃWA PARAGETÃ?

Axe kwe ranõ, Ka'ã wi raka'ẽ xireka tera ranõ. Wetepe raka'ẽ xireka teetera Ka'ã wi ranõ, eixanami: Myryxi, Ka'ãxowa, Awaxirawi, Morixowa, Morikãwa, Orokomy epe raka'ẽ Paxẽ iraxerapari irota araxewe tera Ka'ã wi ranõ.

Teraroaro xe raka'ẽ Paxẽ weraxerapat irota araxewe ranõ.

A'e ramõ emanyn akome'o we paragetã pe Ka'ã wi tera rerekaãwa ranõ.

Ka'ã wi tera rerekaãwa



Scanned with
CamScanner

Xeremia'yga: Koxygato'i Apyãwa, amokwãra re wãra (2024)

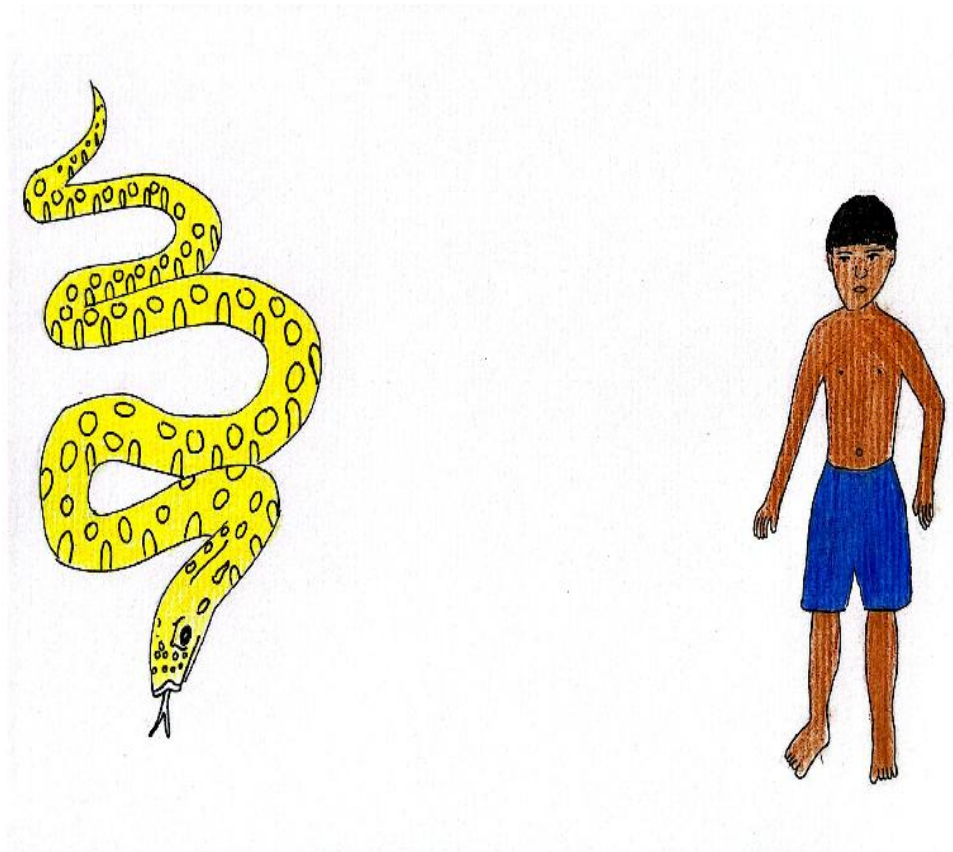
MAJA WÍ TERA REREKAĀWA PARAGETĀ?

Ie ekwe akome'o we paragetā ranō, marygato raka'ē xireka xerexera ramō Maja re. Epe Maja rera ro'ō raka'ē xireka Paxē ro'ō raka'ē werot epe tera Maja wi.

Axe tana raka'ē moko'j'i xe irori Maja wi hera, eixanami: Majoo, Maiwi epe'i xe raka'ē arawereka Maja wi tera.

A'e ramō emanyin anog ikwaxiata ywyrapepe we paragetā pe ranō.

Maja wi tera rerekaāwa



Scanned with
CamScanner

Xeremia'yga: Taroko'i Apyāwa, amokwāra re wāra (2024)

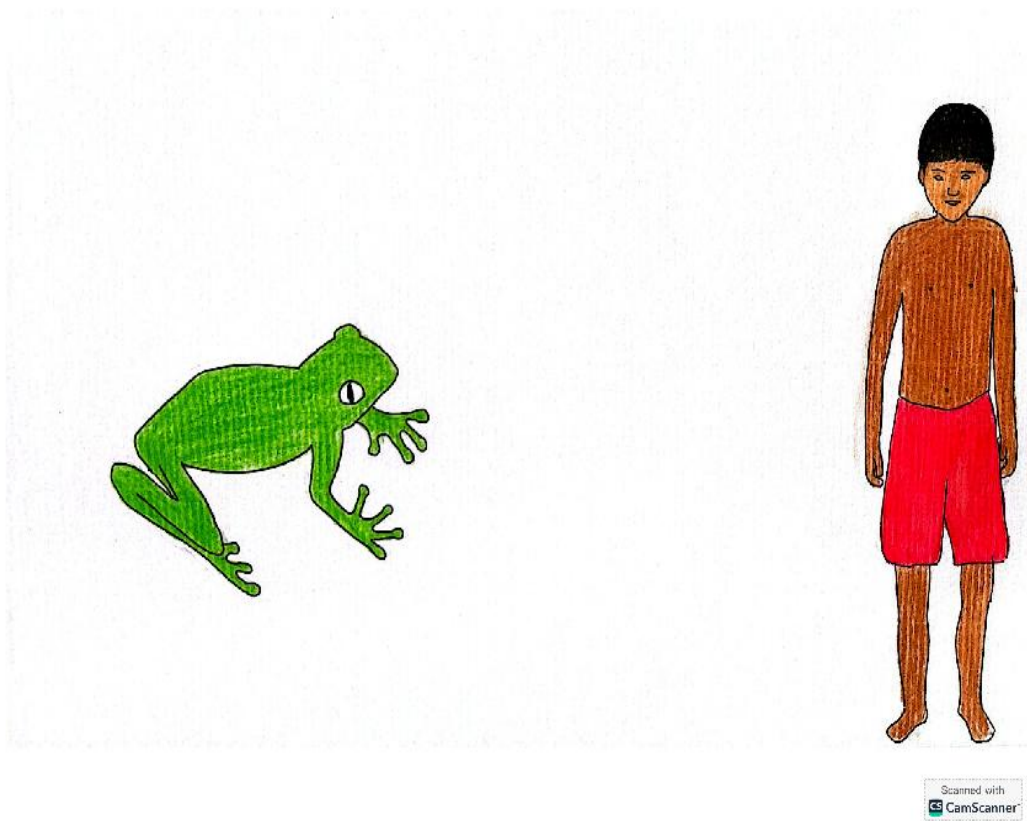
XO'I WĪ TERA REREKAĀWA PARAGETĀ?

Kare ekwe ie akome'o we paragetā Xo'i wi xerexera rerekaāwa. Marygato raka'ē epe Xo'i wi iraxerapari irota irekawo tera. Paxē raka'ē weraxerapat irota Xo'i wi tera ranō, akwaygopa raka'ē iexak 'opa epe heehera.

A'e ramō raka'ē epe tera irori iraxerapata Apyāwa we, eixanami: Xo'i, Xo'irywa, emigy'i xe raka'ē tera weraxerapat Paxē irota Xoa'i wi.

A'e ramō emanyn akome'o we paragetā pe inoga Xo'i wi xireka tera ranō.

Xo'i wi tera rerekaāwa



Xeremia'yga: Kanio'i Apyāwa, amokwāra re wāra (2024)

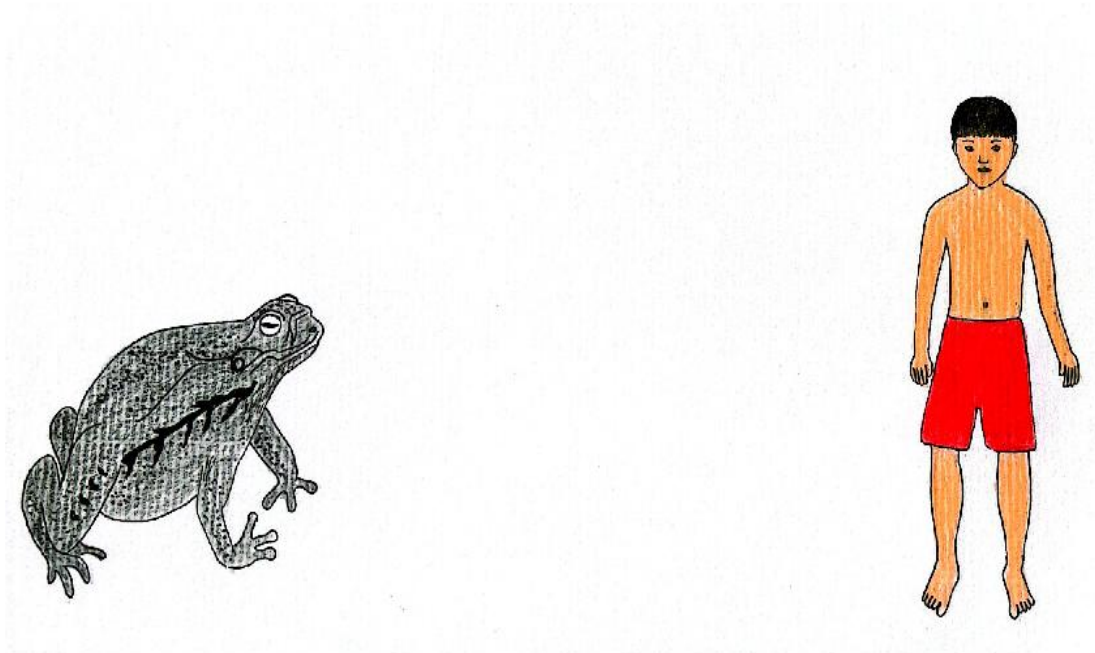
KORORO WĪ TERA REREKAĀWA PARAGETĀ?

Xane rera raka'ē werot Paxē, akwayp raka'ē ke mī 'yna iexaka ma'ema'e heehera, a'e pe raka'ē mī iexak 'opa Ororo rerera, eixanami: Koro'i, Kororo, Kora'ā epe raka'ē Paxē iraxerapari irota tera xanewe Ororo wī.

Axe tana ranō epe tera Akoma'e xe imagy ranō, namagyj xowe Koxy.

A'e ramō emanyin akome'o we paragetā pe Kororowi xireka epe tera ranō.

Kororo wī tera rerekaāwa



Scanned with
CamScanner

Xeremia'yga: Ima'arawyo Apyāwa, amokwāra re wāra (2024)